

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS (UNISINOS)
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
NÍVEL MESTRADO**

RAISSA LEMOS ROCHA

**A COMUNICAÇÃO DIGITAL COMO REFLEXO DA NECESSIDADE
EXPERIENCIAL DO HOMEM A PARTIR DO PERSONALISMO DE
KAROL WOJTYLA**

**São Leopoldo
2023**

RAISSA LEMOS ROCHA

**A COMUNICAÇÃO DIGITAL COMO REFLEXO DA NECESSIDADE
EXPERIENCIAL DO HOMEM A PARTIR DO PERSONALISMO DE
KAROL WOJTYLA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação, pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Orientador: Prof. Dr. Pedro Gilberto Gomes

São Leopoldo

2023

R672c Rocha, Raissa Lemos.
A comunicação digital como reflexo da necessidade
experiencial do homem a partir do personalismo de Karol
Wojtyla / Raissa Lemos Rocha. – 2023.
106 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio
dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da
Comunicação, 2023.

“Orientador: Prof. Dr. Pedro Gilberto Gomes.”

1. Miatização. 2. Comunicação digital. 3. Personalismo.
4. Wojtyla, Karol, 1920-2005. I. Título.

CDU 659.3

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Bibliotecária: Amanda Schuster – CRB 10/2517)

RAISSA LEMOS ROCHA

**A COMUNICAÇÃO DIGITAL COMO REFLEXO DA NECESSIDADE
EXPERIENCIAL DO HOMEM A PARTIR DO PERSONALISMO DE
KAROL WOJTYLA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação, pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Aprovado em 11/07/2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof.Dr. Pedro Gilberto Gomes – Unisinos

Prof. Dr. Antônio Fausto Neto – Unisinos

Prof.Dr. Frei Marcus Vinicius de Andrade Santos – Instituto São Boaventura

AGRADECIMENTOS À CAPES

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus por todas as graças concedidas, à Maria Santíssima e São João Paulo II pela intercessão e inspiração para construir esse projeto.

Aos meus pais Alberto e Eliane e minhas irmãs Larissa e Raiane, que me apoiam neste e em todos os outros projetos, me dando forças para que eu conseguisse chegar até o fim. Nada teria sentido sem o apoio de vocês.

Agradeço também a todos os meus familiares e amigos que também me incentivaram e vibraram por essa conquista, não citando especificamente cada um para não deixar ninguém de fora, mas que também me apoiaram durante as etapas de construção com suas palavras de conforto e muito incentivo.

Agradeço especialmente ao Rodrigo Nobrega e ao Maximilian Pohl pelas discussões filosóficas, pela contribuição e ajuda na execução do estudo de caso. Ter o suporte de vocês foi essencial para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Ao meu professor e orientador Pe. Pedro Gilberto Gomes, que além de orientar de forma muito dedicada e presente essa pesquisa, ainda foi o autor que utilizei como fundamentação teórica.

Aos professores Antonio Fausto e Dom Marcelo Silva, que participaram da banca de qualificação e fizeram contribuições valiosas para que fossem realizados os avanços da dissertação.

Agradeço a coordenadora do PPG Prof.^a Ana Paula Rosa pela disponibilidade em todas as minhas solicitações e a equipe da UNISINOS, sempre muito prestativa.

“Os meios de comunicação social, se forem usados de maneira correta, podem contribuir para criar e manter uma comunidade humana baseada na justiça e na caridade e, na medida em que o fazem, tornam-se sinais de esperança” (JOÃO PAULO II, Papa, 1998).

RESUMO

A midiatização é um fenômeno dinâmico que interfere diretamente no contexto social contemporâneo. Em estágio de comunicação digital, as suas características tornam-se ainda mais relevantes devido aos efeitos potenciais que é capaz de gerar, diferente do que é proporcionado pelos meios analógicos e tradicionais. Com isso, a relação entre a sociedade midiatizada com o modo da pessoa atuar e vivenciar suas experiências é estreita, e indica que na realidade os avanços do digital são o reflexo da necessidade experiencial do homem, pois tudo o que envolve a comunicação digital tem a finalidade voltada para a pessoa e só cumpre sua atividade se está direcionada a alguém. Para compreender as especificidades envolvidas neste processo, propomos observar os avanços da comunicação e as principais considerações sobre a evolução dos meios até a midiatização em estágio de comunicação digital apontadas por Pedro Gilberto Gomes, para em seguida expor as características da experiência humana analisadas sob a perspectiva do personalismo de Karol Wojtyła. O objetivo dessa investigação é identificar as particularidades da nova ambiência vigente, potencializando o protagonismo da pessoa e de sua atuação comportamental para manifestar os aspectos de seu modo de ser e existir no mundo.

Palavras-chave: midiatização; comunicação digital; personalismo; Karol Wojtyła.

ABSTRACT

Mediatization is a dynamic phenomenon that interferes directly in the contemporary social context. In the digital communication stage, its characteristics become even more relevant due to the potential effects it is capable of generating, different from what is provided by analogue and traditional means. With this, the relationship between the mediatized society and the person's way of acting and living their experiences is close, and indicates that in reality the advances in digital are a reflection of man's experiential need, since everything that involves digital communication has the purpose turned to the person and only fulfills its activity if it is directed to someone. In order to understand the specificities involved in this process, we propose to observe the advances in communication and the main considerations about the evolution of the means until mediatization in the digital communication stage pointed out by Pedro Gilberto Gomes, to then expose the characteristics of the human experience analyzed under the heading perspective of Karol Wojtyla's personalism. The objective of this investigation is to identify the particularities of the new current ambience, enhancing the protagonism of the person and his behavioral performance to manifest the aspects of his way of being and existing in the world.

Key-words: mediatization; digital communication; personalism; Karol Wojtyla.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Comparação entre o <i>Teams</i> e o <i>Slack</i>	82
Figura 2 – Tela principal da reunião no <i>Teams</i>	85
Figura 3 – Esquema da epistemologia wojtyliana	85

LISTA DE SIGLAS

TICs	Tecnologias da informação e comunicação
IA	Inteligência Artificial
TAR	Teoria Ator-Rede

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 Objetivos	15
1.2 Justificativa	15
1.3 Metodologia	16
1.4 Fundamentação teórica	16
1.5 Estrutura da dissertação	22
2 A COMUNICAÇÃO DIGITAL E SEU PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO	24
2.1 Os estudos em comunicação e as suas adequações	24
2.2 A evolução dos meios no decorrer da história	28
2.2.1 A retórica e a oralidade	29
2.2.2 A escrita	31
2.2.3 A prensa de Gutemberg	33
2.2.4 Outros meios de comunicação	34
2.2.5 A era digital	38
2.2.6 A teoria ator-rede e a relação entre entes humanos e não-humanos	42
3 KAROL WOJTYLA: BIOGRAFIA E SEU PERSONALISMO	48
3.1 Biografia de Karol Wojtyla	48
3.2 Pensamento de Karol Wojtyla	53
3.2.1 A experiência da pessoa	64
3.2.2 Ação livre e consciente	66
3.2.3 A autodeterminação da pessoa	67
3.2.4 A pessoa humana e a sua integração na ação	67
3.2.5 Participação e relacionamento com os demais	69
3.3 Ética personalista de Karol Wojtyla	73
3.4 Karol Wojtyla e os meios de comunicação	74
4 APLICAÇÃO DA EPISTEMOLOGIA WOJTYLINIANA: O TEAMS E A EXPERIÊNCIA DO HOMEM GERADA ATRAVÉS DE SUA UTILIZAÇÃO	80
4.1 Aspectos fundamentais da plataforma <i>Teams</i> e suas funcionalidades	81
4.2 A experiência do homem na utilização da plataforma <i>Teams</i>	84
5 A ANTROPOLOGIA PERSONALISTA DE KAROL WOJTYLA E A COMUNICAÇÃO DIGITAL	89
5.1 A importância da comunicação digital para o desenvolvimento humano ...	92

6 CONCLUSÃO96
REFERÊNCIAS.....101

1 INTRODUÇÃO

Em seus escritos e reflexões, Karol Wojtyła (1920-2005) apresentou inúmeras formas de compreender o papel do homem moderno e a sua posição diante de um mundo cada vez mais polarizado no que se refere à construção do pensamento e da ideia de quem é o homem e de qual maneira deve se posicionar diante das possibilidades que lhe são colocadas ao longo de sua vida.

Por viver no período muito conturbado da história e em um dos locais mais atingidos pela Segunda Guerra Mundial, Wojtyła conseguiu desenvolver um pensamento extremamente profundo em relação ao papel da pessoa humana e qual a sua atuação no mundo, mesmo diante de fatos críveis de como as pessoas são capazes de atos de tamanha crueldade (WOJTYLA, 2011).

Tais fatos não foram comprovações de uma espécie fadada ao caos e ao abismo da miséria, pelo contrário, Wojtyła conseguiu nesse tempo refletir sobre a humanidade e o seu valor de uma maneira autêntica e relevante, apresentando reflexões que atualmente mostram-se úteis para a compreensão do homem e de sua identidade pessoal.

Assim, em tempos de midiatização, de uma comunicação cada vez mais expansiva e onde é possível, por meio das interações digitais, comunicar de muitos para muitos, percebe-se a necessidade de trazer à tona esse pensamento wojtyliano a partir do desempenho do homem e da sua importância, tratando não de massificação ou grupos seletos, mas da pessoa, unidade do ser.

Ao observar os avanços tecnológicos que percorrem desde a oratória até a revolução digital em que vivemos, nota-se uma evolução qualitativa da midiatização (GOMES, 2016), o que de fato envolve muitos fatores que serão analisados nesta pesquisa, mas que ao serem observadas de modo geral, a midiatização e a comunicação digital mostram a necessidade do homem de viver experiências, explicada por Wojtyła (2011) como a experiência do homem que é interna e externa, onde ambas não se separam e acontecem simultâneas.

É notável que em muitos aspectos a comunicação digital – aqui entendida como os diversos aplicativos e mídias digitais que promovem a interação social, sendo uma continuidade da sociedade midiatizada – ainda não seja compreendida como essa possibilidade de gerar no homem as experiências integrais que Wojtyła (2011) explica em sua norma personalista, pelo contrário, é utilizada de modo a não

promover essa experiência integral do homem, onde polariza parcialidades e experiências superficiais que não direcionam a pessoa ao conhecimento essencial das coisas.

Wojtyla (2011) também expõe em sua norma personalista que a pessoa busca meios para conseguir se desenvolver e compreender a finalidade de sua existência, aspecto humano fundamental que embasou a análise de como a comunicação digital e as diversas transformações tecnológicas não são fins em si mesmas, mas apenas meios para promover a pessoa à possibilidade de alcançar a finalidade ontológica que possui de conhecer a verdade essencial das coisas, e isso de uma forma muito particular, visto que a comunicação digital promove experiências muito diferentes dos outros meios de comunicação em massa.

Após explicar alguns pontos estruturais do personalismo wojtyliano e como a experiência do homem é compreendida sob esta perspectiva, é possível observar que o processo de evolução da comunicação digital responde à necessidade do homem ser e existir através de suas experiências, visto que ela contribui para que este viva experiências internas e externas.

Diante do que foi exposto, o estudo da comunicação digital como reflexo da necessidade experiencial do homem a partir da norma personalista de Karol Wojtyla foi estruturado seguindo a análise e compreensão do que é a comunicação digital, do processo de evolução e midiatização, utilizando de autores que tratam do tema para explicar o que é esse fenômeno.

É importante ressaltar que a pesquisa foi desenvolvida de acordo com os processos e metodologias da comunicação, pois apesar de estar muito relacionada com os aspectos filosóficos da antropologia personalista de Karol Wojtyla, o objeto de estudo é a comunicação digital na sociedade midiatizada, tendo o que Wojtyla expõe como uma perspectiva para analisar este fenômeno da comunicação.

O tema dessa pesquisa é a comunicação digital inserida na sociedade midiatizada analisada sob a perspectiva da antropologia personalista de Karol Wojtyla.

A partir da noção e consciência obtidas através de estudos sobre o processo de midiatização, onde são apresentadas propostas que afirmam a construção da sociedade atual acontecendo de forma gradual e complexa, o tema delimitado sobre a fase dessa sociedade midiatizada que está na era da comunicação digital, percebe-se que o conhecimento sobre o homem e algumas teorias da antropologia

estudada precisam ser revisitadas para compreender onde a pessoa está inserida neste contexto, principalmente considerando a evolução qualitativa da midiatização, que desencadeia a comunicação digital.

Neste sentido, a antropologia personalista de Karol Wojtyła é a base para analisar a evolução da comunicação digital, para compreender o que o autor chama de experiência do homem, que revela a necessidade de o homem viver este fenômeno de forma interna e externa para chegar a sua transcendência e integralidade.

A participação e a ação do homem na comunicação digital ocorrem por meio dessa dinâmica da experiência, onde a pessoa é ao mesmo tempo objeto, pelo fato de estar inserida na realidade digital, e sujeito, por ser capaz de gerar novas experiências para si e para os outros em meios digitais.

Na contemporaneidade, a comunicação digital pode ser entendida como o avanço qualitativo dos meios de comunicação de massa, considerando que estes não foram mais capazes de proporcionar ao homem a transcendência e integralidade típica de sua natureza.

Dessa forma, o presente estudo mostra como o fenômeno da comunicação digital pode ser o reflexo da necessidade experiencial humana apresentada por Wojtyła (2011) em sua norma personalista, que, em suma, indica que a pessoa possui habilidades próprias que a levam a buscar a verdade essencial das coisas e, portanto, está determinada a encontrar meios úteis para levá-la a um fim.

O conceito de pessoa apresentado por Wojtyła pode ser uma premissa para o desenvolvimento e evolução da comunicação, algo que sustenta a hipótese de a comunicação digital refletir a necessidade do homem de viver experiências, alterando assim seu modo de ser e existir no mundo.

Karol Wojtyła contribuiu fortemente para a humanidade em um sentido teológico, filosófico e social. Com seu pensamento eloquente e posicionado, foi um dos maiores líderes mundiais e uma personalidade extremamente importante no século XX e início do século XXI.

Ao analisar seu pensamento sobre a pessoa humana e a sua contribuição no que se refere aos estudos personalistas que até os dias atuais mostram a sua importância, é possível observar seus estudos sobre a ontologia humana para compreender como a atuação da pessoa se dá através da comunicação digital, visto que o autor em questão, apesar de não ter vivido na era digital, tinha fortes ideias

sobre como a pessoa deve ser valorizada e que pode revelar a si mesma através dos meios de comunicação de sua época.

Assim, considerando que a comunicação digital se desenvolve a partir de uma estrutura que está relacionada com a forma de ser e existir do homem, o problema desta pesquisa é analisar como a evolução da midiatização em fase de desenvolvimento digital, reflete a necessidade da pessoa que segundo Wojtyla, possui capacidades de viver experiências próprias de sua natureza.

1.1 Objetivos

O objetivo geral desta pesquisa é analisar como a comunicação digital reflete a necessidade de o homem viver experiências a partir da norma personalista de Karol Wojtyla, compreendendo esse fenômeno da digitalização sob a ótica da natureza humana, considerando que a pessoa tem o desejo de externalizar a sua forma de ser nas coisas e, neste caso, sua estrutura ontológica está sendo vivenciada a partir da evolução da comunicação digital.

Além do que foi definido como objetivo geral, outros objetivos específicos estão inseridos nessa pesquisa. Entre eles está a descrição do processo de midiatização e evolução dos meios até a era digital, além de compreensão da perspectiva ontológica do homem na norma personalista de Karol Wojtyla.

Ressaltamos também como objetivos específicos a análise relacional entre comunicação digital e a necessidade experiencial da pessoa, bem como a identificação de como a comunicação digital pode ser importante e até mesmo necessária para o desenvolvimento humano.

1.2 Justificativa

O desenvolvimento dessa pesquisa pode ser justificado a partir da observação dos efeitos sociais causados pela midiatização e que se configuram na comunicação digital atualmente, porém se observados sob a perspectiva da antropologia personalista, mostram que a pessoa possui em si características que promovem a sua experiência integral que envolvem aspectos internos e externos.

Assim, a relevância social e pessoal de analisar os aspectos da comunicação digital sob a perspectiva da antropologia personalista de Karol Wojtyla se constitui

no fato de ser um tema que envolve a construção da pessoa humana na sociedade midiaticizada.

Outro aspecto que justifica o desenvolvimento da pesquisa é a relevância científica, tendo em vista que a base de compreensão da comunicação digital considera os estudos realizados em midiaticização unidos com a antropologia personalista de Karol Wojtyła.

1.3 Metodologia

A metodologia para desenvolver essa pesquisa será de natureza teórica, a partir da visão histórica do desenvolvimento dos meios de comunicação até o contexto atual de comunicação digital com a percepção dos autores que tratam do tema, além da exposição detalhada dos conceitos de norma personalista de Karol Wojtyła, que culminará na análise sobre como a comunicação digital é o reflexo da ontologia humana segundo a compreensão da norma personalista.

Wojtyła desenvolveu uma epistemologia própria que envolve a experiência da pessoa, consciência e ação, que serão devidamente apresentadas, seguindo o modelo descritivo e utilizando a plataforma *Teams* da Microsoft observada no contexto da epistemologia wojtyliana.

1.4 Fundamentação teórica

A fundamentação teórica da presente pesquisa conta com duas frentes importantes para o seu desenvolvimento. A primeira é a que trata do conceito de midiaticização e cultura das massas, com autores que descrevem o fenômeno e situação atual do complexo cenário midiaticizado para compreender o que é a comunicação digital e como ela se desenvolve qualitativamente. A segunda frente de fundamentação teórica da pesquisa é a antropologia personalista de Karol Wojtyła, onde serão observados os aspectos da pessoa e as compreensões de seu personalismo apontados pelo autor.

O conceito de midiaticização apresenta a ideia de como a sociedade dos meios foi transformada em uma sociedade de midiaticização, onde o protagonismo instrumental dos meios de comunicação, em especial os meios de comunicação em massa dão lugar a uma sociedade diferenciada, considerada como uma mudança de

época, mediante uma forma diferente de ser no mundo, que gera a possibilidade de uma nova ambiência através da sociedade midiaticizada.

[...] a midiaticização da sociedade não é apenas uma sofisticação dos processos comunicacionais. Pelo contrário, neste quadrante da sua história a humanidade experimenta a constituição de uma nova ambiência, a qual, quando completada, configurará algo totalmente distinto do que até agora se viveu. É um salto quântico, um aventurar-se numa dobra do hiperespaço. Essa nova ambiência estabelece, para os seres humanos, um novo modo de ser no mundo (FAXINA; GOMES, 2016, p. 25).

O processo de midiaticização da sociedade é o objeto da comunicação, um caminho complexo que exige uma análise detalhada e muito abrangente. Um ponto de destaque é como a sociedade está em midiaticização, ou seja, em construção, ainda não existe uma posição determinante sobre a situação social atual, que está em constante processo de transformação.

Conforme apontam os autores, esta mudança para sociedade de midiaticização é qualitativa, o que considera como esse movimento está acontecendo de modo que altera aspectos categóricos da estrutura social.

Outro ponto que deve ser considerado é que os interesses políticos, capitalistas e econômicos fazem parte dessa sociedade atual, mas não são os responsáveis por tamanha transformação da sociedade midiaticizada, pois ela deriva do fato das evoluções serem constantes e por isso, complexas. “É claro que os interesses econômicos capitalistas tenderão sempre a subsumir os processos sociais às formas mais favoráveis à industrialização - ao modo de produção” (BRAGA, 2006, p. 16).

A sociedade midiaticizada decorre de eventos que foram desenvolvidos a partir de uma demanda social ou necessidade mútua que gerou essa fase atual, não surge de maneira repentina, mas sim de fatores já presentes desde o início das primeiras formações sociais existentes neste formato.

Além disso, a complexidade dessa sociedade midiaticizada (GOMES, 2017) acarreta a transformação externa e interna, ou seja, os elementos desse modelo social moldam também as formas internas de ser da pessoa, que precisam ser consideradas e refletidas nesta nova ambiência de como a midiaticização altera esse aspecto interno e único e não somente o tecido social geral.

É importante ressaltar que este processo de mudança de época para uma sociedade midiaticizada que é um dos marcos ocasionados nessa sociedade vai além

de proporcionar aparelhos tecnológicos que aumentam nossa voz ou imagem, mas que altera estruturalmente a nossa forma de ser no mundo (GOMES, 2017).

Partindo da ideia de que a midiatização é uma nova forma de existir no mundo, a qualidade do processo midiático contribui para o aumento da estruturação e desenvolvimento da sociedade, que reverbera no desenvolvimento humano e no que refere à identidade da pessoa a partir desta sociedade midiatizada.

A identidade é construída a partir da interação com os meios. A pessoa não é um 'eu' que usa instrumentos como extensão de seu corpo, mas um indivíduo que se autocompreende como um ser que preza as suas relações e conexões por meio dos instrumentos tecnológicos de comunicação (GOMES, 2016, p. 18).

Neste sentido, devido à intervenção das mídias no desenvolvimento humano, o processo de midiatização está muito relacionado com o comportamento da pessoa na atualidade e, conseqüentemente, com a maneira dela atuar na sociedade, estimulando assim uma alteração social, conforme é apontado por Gomes, 2016:

A midiatização abrange dois movimentos simultâneos e dialéticos. De um lado, ela é fruto e consequência das relações, inter-relações, conexões e interconexões da utilização pela sociedade dos meios e instrumentos comunicacionais, potencializados pela tecnologia digital. De outro, ela significa um novo ambiente social que incide profundamente nessas mesmas relações, inter-relações, conexões e interconexões que constroem a sociedade contemporânea. A sociedade é em midiatização. O ser humano é em midiatização. Isso, hoje, sublinhe-se, configura um novo modo de ser no mundo (GOMES, 2016, p. 18).

Assim, conforme sinalizado pelo autor, o processo de midiatização, partindo desse movimento simultâneo, manifesta a ideia dessa nova maneira de ser no mundo, onde neste processo ambíguo de pessoa como indivíduo e com a sua participação social, atua de uma maneira nova e diferenciada em virtude dos meios.

Essa ideia será a base para compreender a comunicação digital como reflexo da necessidade experiencial do homem, que por sua vez já nesta fase da midiatização vive momentos internos e externos afetados pela sociedade midiatizada, que converge com as ideias de personalismo de Karol Wojtyła.

No que se refere à cultura das mídias que deriva da sociedade midiatizada, os impactos causados por esse fenômeno são observados de modo não linear, onde os processos comunicativos são considerados como constitutivos de uma cultura das mídias. Esses processos também são observados como complexos e integrativos,

pois um meio está de certa forma sendo unido ao outro e construindo esse processo comunicacional da cultura das mídias.

Ao contrário, há sempre um processo cumulativo de complexificação: uma nova formação comunicativa e cultural vai se integrando na anterior, provocando nela reajustamentos e re-funcionalizações. É certo que alguns elementos sempre desaparecem [...]. É certo também que, em cada período histórico, a cultura fica sob o domínio da técnica ou da tecnologia de comunicação mais recente. Contudo, esse domínio não é suficiente para asfixiar os princípios semióticos que definem as formações culturais preexistentes. Afinal, a cultura comporta-se sempre como um organismo vivo e, sobretudo, inteligente, com poderes de adaptação imprevisíveis e surpreendentes (SANTAELLA, 2008, p. 25-26).

É com essa percepção de que existe uma interação na cultura das mídias complexa e integrativa, características que na era da cultura digital também serão encontradas, pois esta procede da sociedade midiaticizada, visto que a era da digitalização não é separada da sociedade midiaticizada, mas é uma fase dessa evolução social das mídias (Gomes, 2016), que continua se desenvolvendo e passando por novas transformações.

Para a fundamentação teórica que envolve a estrutura humana baseada na perspectiva de Karol Wojtyła, é importante ressaltar que o autor demonstra seu profundo conhecimento teológico e filosófico, além de possuir grande influência da linha tomista e da fenomenologia de Husserl. De suas obras, duas delas ganharam grande destaque a partir de sua riqueza e profundidade e são a fundamentação para expor como o autor estrutura a questão do modo de ser do homem, as obras *Pessoa e Ação* (1969) e *Amor e Responsabilidade* (1960).

Além de suas obras e vasto conhecimento, Wojtyła deixa ao mundo o testemunho de sua vida e missão, sendo aclamado pela sua santidade, pelo grande amor à Igreja e pelo bem comum, ideais que são essenciais para mostrar a integralidade desse autor personalista, que soube de modo admirável expor a forma do homem ser e agir, onde atualmente é perceptível o quanto seu pensamento filosófico-cristão são uma riqueza e muito necessários para conduzir a sociedade moderna.

Após apresentar de maneira breve alguns pontos da vida do autor, é possível perceber que Wojtyła não apenas escreveu sobre a estrutura humana, sobre a sua dignidade e ética a partir do que acreditava ser necessário para uma antropologia

personalista, mas também soube viver e experienciar aquilo que apresenta em seu livro *Pessoa e Ação*.

Nesta obra, baseado em seus conhecimentos tomistas, Wojtyla (2011) expõe que a pessoa age de acordo com a consciência e vontade, potências próprias do ser humano e que movem a pessoa a agir conforme a sua inteligência, sendo capaz de ultrapassar a ação meramente movida pelos instintos ou capacidades sensíveis.

O autor trata longamente sobre outro ponto muito importante em sua obra, que é o fato de a pessoa ser capaz de viver experiências, e vivê-las de uma forma mais completa, e isso por ter consciência de suas ações, além de ter vontade própria para deliberar seus atos e ser responsável por aquilo que faz.

Para Wojtyla (2011), essas experiências do homem são definidas como momentos individuais e irrepetíveis que a pessoa é capaz de vivenciar, muito além de simplesmente manter-se na sua capacidade sensível, pois "[...] o objeto de tal experiência não é apenas um fenômeno sensível transitório, mas também o próprio homem que se revela a partir de todas as experiências e que, ao mesmo tempo, está em cada uma delas" (WOJTYLA, 2011, p. 32).

Além disso, Wojtyla (2011) afirma que as experiências do homem não são apenas definidas a partir do recebimento de impressões compreendidas pelo entendimento, mas sim pelas várias experiências mútuas que uma pessoa é capaz de ter, o que faz com que esta possa ser sujeito e em alguns momentos objeto daquilo que experimenta.

Para compreender a si mesmo, é necessário que o ser humano tenha um autoconhecimento profundo, que deriva da constância em observar a si mesmo, ou seja, a compreensão pessoal acontece repetidas vezes e envolve uma amplitude integral sobre quem é.

Partindo desse ponto de integralidade, onde a pessoa não é em partes, mas sim um ser completo desenvolvido ao longo de sua existência, assim também são as experiências próprias do homem, que para serem vividas precisam de muitas experiências que envolvem esse movimento de receber algo externo e interno.

Temos, portanto, dois aspectos da pessoa humana. São os aspectos interior e exterior. Eles são simultâneos. A experiência interior, entretanto, só se dá consigo mesmo e não com outro homem. As demais, pessoais, são incluídas na experiência que a mim vem de fora. É a experiência externa. Sou para mim mesmo minha própria interioridade e exterioridade, ao ser objeto interno e externo de ambas as experiências. A experiência interna do eu é intransferível. Em relação a meu próprio eu, os demais seres

humanos são somente o exterior, o que significa que estão em oposição a minha interioridade. Os aspectos interior e exterior e interior, no conhecimento integral, se compensam-se e se completam (SILVA, 2005, p. 26).

Esta forma de definir a experiência do homem será muito útil para a compreensão de como a comunicação digital reflete a necessidade experiencial própria da pessoa humana, pois é esse movimento da experiência que motivou e que continua a mover a pessoa a buscar a maior qualidade em sua forma de agir e ser no mundo.

Outro ponto importante do que Wojtyla expõe é que cada experiência humana é uma certa compreensão do que está experienciando, afirmação que baseia a compreensão do que ele considera como a forma da pessoa agir no mundo, pois a ação do homem é um momento particular da apreensão - ou seja, da experiência - da pessoa (WOJTYLA, 2011).

Essa ação é realizada conscientemente e a partir do fato de que o homem atua, o que torna possível entender por que e como ele atua, além de, a partir das experiências, compreender por que algumas ações são de tal forma e não de outra.

É necessário afirmar que Wojtyla busca analisar a ação humana sobre outra ótica além da perspectiva de que a ação pressupõe o homem. Ele parte do ponto onde a ação revela quem é a pessoa, a partir de suas experiências e da consciência de seus atos.

Pela natureza da correlação que emerge na experiência, no fato de «o homem age», é que a ação constitui um momento privilegiado de revelação da pessoa, o que nos permite analisar muito adequadamente sua essência e compreendê-la de maneira mais completa. Experimentamos que o homem é uma pessoa e estamos convencidos disso porque ele realiza ações. (WOJTYLA, 2011, p. 42).

Além de compreender que a ação humana revela quem é o homem, é também importante apresentar que é através da experiência que o homem atua, sendo esta última capaz de mover a pessoa a entender quais os vastos dados que a levaram a determinada experiência, e isso acontece porque a pessoa e sua ação foram apreendidas pelo entendimento.

Para compreender a pessoa sob a ótica wojtyliana, é necessário fugir dos absolutismos e buscar a inter-relação que formam as experiências humanas. E isso porque faz parte da essência humana e de sua forma de apreender novas

experiências, ou seja, podemos compreender o homem graças à relação mútua de ambos os aspectos da experiência (interior e exterior).

Wojtyla (2011) possui uma compreensão muito interessante em relação ao que é chamado de transcendência, que para ele é a estrutura principal da experiência da pessoa em ação e a confirmação fundamental de que o homem que age é precisamente uma pessoa e que sua ação é verdadeiramente ato da pessoa. Wojtyla (2011, p. 55) reforça que "[...] a intuição básica da transcendência da pessoa em ação também nos permite perceber o momento de integração da pessoa em ação como complemento à transcendência".

A integração - que pode ser definida como a unificação de um todo que antes estava separado - é compreendida por Wojtyla como um aspecto complementar à transcendência da pessoa em ação, além de confirmar que a pessoa e ação revelam a expressão própria da unidade dinâmica do homem.

1.5 Estrutura da dissertação

A estrutura determinada para esta dissertação além do que já foi descrito na presente introdução conta com uma sistematização dos principais temas abordados para apresentar o tema de forma clara e para desencadear no objetivo de analisar a comunicação digital como reflexo a necessidade de a pessoa viver experiências sob a análise do personalismo de Karol Wojtyla.

Para que isso seja possível, iniciamos com a análise da comunicação digital e seu processo de desenvolvimento, apresentando como os estudos em comunicação são realizados, seguidos da exposição da evolução dos principais meios de comunicação, para que seja possível observar a transformação da sociedade de mídias para sociedade midiática (GOMES, 2016) e o salto qualitativo que a cultura das mídias e digital proporcionaram a nossa sociedade.

Consideramos importante inserir uma crítica ao modelo muito utilizado nos estudos de comunicação da Teoria Ator-Rede (TAR) baseados no principal autor da teoria Bruno Latour pelo fato de ser fundamentalmente distinta daquilo que o personalismo de Wojtyla aborda, sem deixar de considerar as características da TAR que podem complementar a presente análise também.

O terceiro capítulo é dedicado aos princípios da biografia e pensamento de Karol Wojtyla. Percebemos a necessidade de inserir uma biografia mais estruturada

com alguns detalhes importantes que forjaram a sua consciência para desenvolver o seu pensamento, citando os seus autores referenciais e as publicações a respeito da comunicação dirigidas como Papa João Paulo II.

No quarto capítulo descrevemos a experiência causada através da utilização do *Teams*, considerando a estrutura da epistemologia wojtyliana que no personalismo ganhou cada vez mais espaço devido a sua originalidade e qualidade.

O quinto capítulo conta com a análise da comunicação digital como reflexo da necessidade experiencial da pessoa sob a perspectiva do personalismo de Wojtyla, observando alguns dos pontos principais do que já foi destacado durante o desenrolar da dissertação e inserindo outras contribuições importantes para a análise.

Nas considerações finais estão as principais conclusões acerca do trabalho desenvolvido e as reflexões que definem se o que propomos no início desta construção foi contemplado e de qual modo foi desenvolvido.

2 A COMUNICAÇÃO DIGITAL E SEU PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO

Antes de apontar o que é a comunicação digital e como ela está inserida na realidade atualmente, será apresentado um panorama histórico de seu desenvolvimento, partindo do ponto sobre os estudos e definição de comunicação. Em seguida, serão expostos os principais meios de comunicação e a sua contribuição no desenvolvimento social e antropológico do homem, além de abordar os aspectos da midiatização embutidos neste processo.

2.1 Os estudos em comunicação e as suas adequações

Os estudos em comunicação são amplos e estão inseridos em vários contextos, além de reunir em suas atividades várias áreas do conhecimento como a Antropologia, a Filosofia, Sociologia e a Semiótica. Sobre os estudos em comunicação, França (2011) afirma que eles surgem do aporte de diversas disciplinas das ciências citadas anteriormente. “As práticas comunicativas suscitaram o olhar e se transformaram em objeto de estudo das várias ciências. Sua natureza interdisciplinar, fundada no cruzamento de diferentes contribuições, é indiscutível” (FRANÇA, 2011, p11).

Desta forma, para situar o que pode abarcar esse conceito, será exposto o que as teorias da comunicação contribuem sobre o tema. Para enriquecer a comunicação como uma área do conhecimento, um dos pontos que movem o desenvolvimento dessa ciência é a busca por compreender como determinados fenômenos são configurados como processos comunicacionais (FRANÇA, 2001).

Além disso, essa atividade envolve também o estudo dos elementos e das dinâmicas que movem tais práticas, onde é possível analisar como acontece a comunicação e definir esse processo diante dos diversos contextos dentro desse campo.

Para qualificar a exposição, é importante apontar a diferença entre o que é um objeto empírico e objeto de conhecimento, pois na estruturação dos estudos em comunicação essa definição do objeto é primordial para o desenvolvimento de pesquisas na área.

O objeto empírico é tudo o que está inserido no mundo, ou seja, o que possui uma existência que é possível ser acessado através dos sentidos. Esses objetos empíricos são amplos e facilmente aplicáveis em áreas distintas entre as ciências.

Os objetos empíricos, no entanto, os objetos do mundo, não constituem monopólio de nenhuma ciência. E se pensamos no campo das humanidades, as diferentes ciências se constituíram não por um recorte objetivo (um retalhamento) da realidade, mas pelos diferentes vieses com que perscrutam a totalidade da vida social, pelas leituras específicas que promovam de um real que se apresenta e é vivido por nós como totalidade. Aquilo que identificamos como objetos empíricos da comunicação se referem a ações sociais também estudadas por outras ciências (objetos empíricos que se prestam a diferentes olhares). (FRANÇA, 2016, p. 155-156).

Assim, ao compreender o que é o objeto empírico no campo da comunicação e apontar que a empiria pode ser amplamente adaptada nas diversas ciências e que na comunicação ela é norteadada como a dimensão comunicacional que determinada empiria está sendo aplicada, será apresentado outro tipo de objeto dos estudos em comunicação denominado como objeto de conhecimento que geralmente deriva de um objeto empírico.

No campo da comunicação, o objeto de conhecimento é o ponto fundamental de qualquer pesquisa, pois é a maneira como será estudado o objeto empírico escolhido. Ou seja, a partir da empiria, é possível encontrar o objeto de conhecimento que procede da indagação realizada dessa prática.

O objeto de conhecimento da comunicação estuda o processo comunicacional de determinado fenômeno, observa detalhadamente como é essa dinâmica e como a concepção de comunicação é inserida neste contexto empírico.

[...] tal objeto ou prática não são “em si” comunicacionais, e apenas existem a partir do momento em que os nomeamos e os enxergamos como tal; é resultado de vermos (ou buscarmos enxergar) nesses objetos e práticas uma dimensão comunicativa. O desenvolvimento de estudos comunicacionais, ou o estabelecimento da comunicação enquanto objeto de estudo, assim, é resultado da formulação de uma indagação particular na investigação dos fenômenos sociais (FRANÇA, 2016, p.156).

Nos estudos do objeto de conhecimento, devem ser consideradas as circunstâncias que estão envolvidas neste contexto, observar o que está ao redor de determinado fenômeno e refletir sobre esses elementos que compõem o processo comunicativo estudado.

É importante também destacar o que é entendido no campo da comunicação como pragmatismo, expressão que pode ser utilizada para enfatizar a comunicação enquanto ação marcada pela reflexividade e pela construção da linguagem (FRANÇA, 2016).

Neste sentido, o pragmatismo pode ser definido como a abordagem metodológica que conduz a pesquisa no campo da comunicação a considerar as ações humanas como o seu ponto de partida (FRANÇA, 2016), pois é a partir da relação com o mundo e com a observação das práticas humanas que se torna possível buscar apreender a realidade que está em constante movimento.

Ainda sobre os estudos em comunicação, a pesquisa e o método aplicado são primordiais para que seja possível analisar e compreender o fenômeno comunicacional (BONINI, 2011).

Os estudos dos fenômenos partem do pressuposto onde a importância da pesquisa da pesquisa é determinada para que seja possível estruturar o que está sendo estudado de forma efetiva, que é caracterizado por ações mais operativas de reunir os materiais até as reflexões e análises do que foi coletado (BONINI, 2011).

O fenômeno comunicacional possui estruturas das Ciências Sociais, onde a partir da ampla compreensão social, histórica ou antropológica (LOPES, 2011) é possível analisar como são desenvolvidos esses acontecimentos no campo da comunicação que é corroborada pela coleta de conteúdos e materiais do que está sendo compreendido para tornar possível a reflexão de como o fenômeno da comunicação está sendo aplicado neste contexto.

Além do fenômeno da comunicação, existe também a práxis humana, que na ciência da comunicação é compreendida como a prática humana. “Este pressuposto afirma a compreensão de que a comunicação é um fazer, implica trabalho de agente, ação no mundo. Não se trata de ação mecânica, nem é da ordem dos instintos” (FRANÇA, 2016, p. 159).

Desta forma, estudar a práxis humana no campo da comunicação exige um esforço para compreender que o homem age e que essa prática não envolve apenas um processo de emissor mecânico e receptor passivo, mas que existem outros componentes nessa interação e que faz com que a práxis humana seja vista como um fenômeno único e que pode ser analisado de diversas maneiras, levando em consideração as suas dimensões e percepções distintas.

A práxis, segundo Vazquez (1977), possui quatro diferentes conceitos e pondera-se que sejam percepções distintas da reprodução da prática humana. A primeira delas é a criadora, em que o sujeito tende a criar soluções e alternativas para a resolução dos problemas. A segunda é a reiterativa, na qual o indivíduo deixa de criar, passa a reiterar e, até mesmo, a imitar ações realizadas anteriormente. A terceira relaciona-se com a espontaneidade, momento em que uma atividade é realizada com um grau pequeno de consciência. A quarta e última possibilidade da práxis, segundo o autor, é a reflexiva, em que há uma reflexão da prática, e esta se torna transformadora, na medida em que pode ser avaliada e estudada pelo agente social (TAVARES, 2018, 26).

Além de apresentar algumas características específicas da Ciência da Comunicação, a área no Brasil possui a influência e estrutura chamada de Nova Teoria que foi desenvolvida por Ciro Marcondes (1948-2020), com o objetivo de evidenciar uma nova perspectiva sobre a Teoria da Comunicação.

Um dos pontos abordados pelo professor e que são discutidos na Nova Teoria é o fato de a comunicação ser mais ampla e abrangente, dizendo que este campo é responsável por estudar o processo e a constituição da relação que se cria entre as pessoas. (MARCONDES, 2008).

A Nova Teoria apresenta uma possibilidade desafiadora de estudar e conhecer a área da comunicação a partir do próprio acontecimento e do fluxo de comunicação, que está em constante transformação e atualização no que se refere à utilização dos seus objetos.

Na perspectiva da Nova Teoria, a comunicação é um evento raro e improvável e, por essa razão, é importante que a Ciência da Comunicação esteja dedicada a compreender se de fato acontece esse evento de conexão e interação que geralmente resulta em novas possibilidades e transformações de valores, realidades, julgamentos, ponto de vista etc.

Durante muito tempo pensou-se que a comunicação era isso: eu transmito algo, através de um canal, sobre um meio qualquer, por intermédio de um veículo a outra pessoa: eu passo isso a ela. Que eu levaria as mensagens de um lado (emissor) a outro (receptor), da mesma maneira como um ônibus leva passageiros de um bairro ao centro da cidade. Pensava-se que a comunicação era uma coisa, um objeto [...]. Comunicação, ao contrário, é tornar comum, é fazer com que uma coisa seja a mesma num lado e no outro (MARCONDES, 2008, p. 15-16).

Neste sentido, a teoria afirma que quando diante de um fluxo comunicacional os agentes envolvidos transportam-se para uma reflexão sobre o que está sendo comunicado ou quando de alguma forma são afetados por este processo, então de

fato, aconteceu a comunicação. Fora desta perspectiva, o que ocorre é basicamente transmissão de dados e informações. “A comunicação é um procedimento meu em relação àquilo que me aparece ou que eu procuro. É minha maneira de me relacionar com o mundo” (MARCONDES, 2008, p.17).

Para compreender como a Nova Teoria da comunicação pode desenvolver as relações interpessoais nas organizações a partir de seu fluxo e dos fenômenos que compõem determinados ambientes, é importante ter em vista como a filosofia e a antropologia podem também participar desta análise para conseguir uma integralidade neste fluxo de comunicação.

Depois de expor como a Ciência da Comunicação é estruturada e algumas das suas abordagens principais e gerais que podem estar inseridas nas diversas linhas de pesquisa que agrupam o campo, seguimos com um panorama que trata sobre o desenvolvimento dos meios de comunicação, observados ao longo da história e do contexto em que estavam inseridos.

2.2 A evolução dos meios no decorrer da história

Os meios e o estudo dos fenômenos empíricos da comunicação não são o objeto de estudo da presente pesquisa, todavia, é importante destacar como aconteceu evolução e desenvolvimento dos meios ao longo da história, visto que eles são o prelúdio para o fenômeno da comunicação digital.

Cada novo meio de comunicação gera uma acomodação dos outros, isto é, quando um novo meio é estabelecido e começa a se desenvolver, de certa forma, os meios já existentes são acomodados para serem inseridos nesta nova ambiência (GOMES, 2016) que o outro meio de comunicação pode proporcionar.

Isso não significa que um seja desenvolvido para excluir o outro, entretanto, é possível compreender como alguns meios podem adequar os outros, como por exemplo, a televisão readequa a oralidade, ou a prensa readequa a escrita.

Além disso, é necessário ressaltar a característica das discussões acerca do desenvolvimento dos meios que permeiam quase todas as técnicas comunicativas. Uma delas é a capacidade de disseminar em diferentes graus determinada mensagem de uma pessoa para muitas.

Essa discussão e análise sobre o paradoxo existente é importante, pois, de modo geral, um dos objetivos da comunicação é justamente atingir as duas esferas

de disseminar mensagens em grande escala e criar certa comunhão e interação, além de promover a troca de ideias entre os envolvidos no diálogo.

Neste sentido, a seguir serão apresentados os novos ambientes criados a partir da utilização dos meios, onde esses elementos geram certos efeitos na maneira como a sociedade é alterada, baseada nos autores que estudaram essa evolução dos meios e como eles estão alocados nesta situação.

2.2.1 A retórica e a oralidade

Para falar sobre o desenvolvimento dos meios de comunicação, é coerente apresentar como a retórica e a oralidade se desenvolveram, pois elas foram um dos primeiros meios de comunicação da história. Os termos são similares, todavia, possui uma diferença de significados entre eles.

A retórica¹ (no original grego *rhetoriké*) é a arte de produzir discursos e de falar com eloquência (MAZZALI, 2008). O termo foi amplamente discutido na Grécia Antiga por Aristóteles (384 – 322 a.C.) em sua obra que leva esse nome onde o filósofo aponta que a retórica é fundamental na vida política e é classificada como a arte de falar bem. (LIMA, 2011).

Ele também afirma (MAZZALI, 2008, p. 6) que a retórica possibilita a estruturação e exposição de argumentos. Isso garante à pessoa o direito de uma vida pública, de se relacionar com os demais, além de ser o meio de fundamento do discurso e da persuasão.

A retórica ainda é considerada como a arte que está inserida no meio social desde a Grécia Antiga, ou seja, os discursos não estão isolados em ideias ou contextos pessoais, mas sim presentes no ambiente social onde a pessoa está inserida e por essa razão é necessária para a formação do cidadão.

¹ A Retórica é um texto de Aristóteles composto por três livros (I: 1354a – 1377b, II: 1377b – 1403a, III: 1403a – 1420a). No *Livro I*, Aristóteles analisa e fundamenta os três gêneros retóricos [...]. No *Livro II* faz-se uma análise sobre a relação plano emocional e recepção do discurso retórico [...]. No *Livro III*, o estilo e a composição do discurso retórico são analisados. Além de elementos como clareza, correção gramatical e ritmo, o uso da metáfora e as partes que compõem um discurso também estão presentes neste livro. Com esta obra, Aristóteles lança as bases da retórica ocidental. (MAZZALI, G. C. RETÓRICA: DE ARISTÓTELES A PERELMAN. Revista Direitos Fundamentais & Democracia, [S. l.], v. 4, n. 4, 2008. Disponível em: <https://revistaeletronicardfd.unibrazil.com.br/index.php/rdfd/article/view/158>. Acesso em: 16 set. 2022).

Com isso, percebe-se como a apresentação da retórica é importante para definir as bases do princípio da comunicação, por ela ser o fundamento que proporciona o relacionamento entre as pessoas no contexto social e por se tratar de um recurso que estrutura a forma das pessoas apresentarem suas ideias.

Vale ressaltar que Platão (428-7 – 348-7 a. C) definia a retórica como um paradoxo entre a distorção dialética, que pode ser definida como um caminho para chegar à verdade e, por outro lado, a idealizar a existência de uma verdadeira retórica, a qual ele identifica com a própria dialética. “Assim, Platão equipara a falsa dialética com a retórica, ao mesmo tempo em que identifica a retórica verdadeira com a dialética, tornando a retórica reprovável somente quando esta última não se identifica com a primeira.” (LIMA, 2011, p. 42).

A oratória, por sua vez, é a atividade de falar bem em público, realizar pregações, sermões, disseminar ideias como era feito no período da Grécia Antiga. A oratória possui uma estrutura indispensável para determinar a maneira como o discurso será compartilhado, principalmente no que se refere à persuasão.

Isócrates (436 a.C. – 338 a.C. ou 336 a.C.) é considerado o pai da oratória, por ter sido o primeiro a escrever discursos que serviam de modelos aos seus discípulos (FONSECA, 2000). Ele era um sofista, estudiosos considerados por Platão como “habilidosos praticantes da erística, e comumente capazes de defender e atacar uma mesma questão, conforme o que lhes era mais conveniente a cada debate.” (LIMA, 2011, p. 42).

Com as seguintes exposições a respeito da retórica e da oratória, os comentários de Samuel Mateus em sua obra Introdução à retórica ao tratar sobre as diferenças entre a retórica antiga apresentada anteriormente a contemporânea afirma que

Apesar destas diferenças de natureza tecnológica, continuamos, tal como na Antiguidade Clássica, a atribuir à Retórica uma função essencial na vida política e cultural das sociedades, na educação dos jovens e na vida cívica e geral dos cidadãos. Alicerçada na oratória (sermões, discursos políticos e forenses, conferências acadêmicas etc.) – ainda que não exclusivamente – a Retórica é uma contribuição incontornável para o diálogo e o compromisso entre partes discordantes sendo frequentemente a expressão crítica de um indivíduo dotado de razão capaz de ajuizar não apenas a força da eloquência, mas também o rigor do raciocínio e da argumentação (MATEUS, 2018, p.17).

Neste sentido, de acordo com a proposta da presente pesquisa de compreender como a comunicação digital reflete a estrutura e necessidade humana de se relacionar e de se comunicar sob a perspectiva da antropologia personalista de Wojtyla, a apresentação de um dos primeiros meios de comunicação que é a retórica se faz necessária para contextualizar o que mais adiante será abordado sobre a comunicação digital e os demais meios, que de modo evolutivo vão sendo adequados aos novos contextos da realidade, como é o caso da retórica, conforme apresentado anteriormente.

2.2.2 A escrita

O processo e evolução da escrita também foi um tema discutido no período da Grécia Antiga, onde um dos seus fatos marcantes foi o questionamento levantado por Platão (através da própria escrita) no final de *Fedro*² sobre a sua eficácia na transmissão do conhecimento por ser um texto estático e inanimado, incapaz de mudar ou de escolher seu próprio locutor.

Toda a obra evidentemente é um diálogo muito mais rico do que uma simples crítica à escrita, como o tema do amor, do discurso etc., porém existem contribuições muito valiosas para observar o desenvolvimento da escrita a partir da análise de Platão.

No contexto em que o livro foi desenvolvido, a cultura grega passava por essa transformação radical da oralidade para a escrita, o que era uma mudança significativa para o comportamento em geral e desenvolvimento da civilização.

Uma das características importantes causadas por essa transformação da oralidade à escrita é a possibilidade de estabelecer um processo comunicativo sem a presença do corpo, isto é, com o autor ausente, um processo comunicativo descontextualizado.

Essa característica é reforçada na obra de Platão, onde enquanto os personagens Sócrates e Fedro caminham conversando a respeito da escrita e oralidade, Sócrates faz uma colocação importante sobre o fato de Fedro, que trazia

² A obra é um diálogo entre o protagonista principal de Platão, Sócrates, e Fedro, um interlocutor em diversos diálogos. Fedro foi possivelmente composto por volta de 370 a.C.

o discurso escrito do qual estavam tratando ser a presença do próprio orador, Lísias.

Pois não, amor; mas, antes disso, mostra-me o que trazes na mão esquerda, debaixo do manto. Suspeito que seja o tal discurso. Se for o caso, podes ter a certeza de que, embora eu te dedique muita estima, uma vez que Lísias se acha presente, não deixarei que te exercites à minha custa. Vamos, descobre-o logo (PLATÃO, 2000, p. 15, 228d-e).

Neste sentido, percebe-se o quanto a escrita era tida como uma técnica importante, capaz de até mesmo personificar alguém, o que causava fascínio e desconforto em certos casos, pois o que estavam vivenciando era a possibilidade de alguém distante e até mesmo ausente influenciar e de certa forma participar de momentos em que não estava presente em seu estado físico.

A respeito desse tema, é interessante observar que a escrita é a primeira técnica que exige o emissor de estar no mesmo ambiente que os seus receptores, sendo ela capaz de percorrer longos lugares e de ter muitos interlocutores aleatórios.

Essa estrutura será expandida aos outros meios que também serão capazes de atingir inúmeros interlocutores ao longo da história, porém com um alcance muito mais potente, como veremos mais adiante.

Além da objeção de que a escrita não escolhe o seu interlocutor direto, existem outras argumentações que Sócrates, personagem de Platão que caminha ao lado de Fedro, discorre sobre como a escrita causa a dissociação do autor e do conteúdo, impossibilita a interação, difunde aleatoriamente a informação, destrói o verdadeiro diálogo e é impessoal, quando comparada com a oralidade. (PLATÃO, 2000).

Mesmo diante das objeções de Platão, é inegável o quanto a imortalidade de certos textos, inclusive esse onde ele questiona a eficácia da escrita foram e são fundamentais para que a pessoa possa aumentar seu repertório intelectual através das fontes seguras do conhecimento.

Além disso, com o desenvolvimento da escrita, foi possível pulverizar determinadas mensagens, colocá-las em um nível mais elevado e, quando esse movimento é observado sob outra perspectiva menos pessimista, o fato de disseminar mensagens ao longo do tempo é algo que traz certos benefícios até mesmo para a democratização do conhecimento.

Assim, o paradoxo que é colocado sob a técnica da escrita leva à percepção de que enquanto ela potencializa a estrutura da comunicação, em contrapartida cria obstáculos para a concretização do diálogo, ideia que não pode ser rejeitada e que é mais um dos argumentos da personagem de Platão, Sócrates, em sua crítica desse meio de comunicação.

Essa discussão será ampliada a níveis mais potentes com a chegada da prensa, capaz de disseminar conteúdos de forma mais ampla e diversa, que será apontada a seguir.

2.2.3 A prensa de Gutemberg

Se a técnica da escrita em seu contexto de aplicação e desenvolvimento apresentou certas complexidades e discussões calorosas a respeito de sua execução, a prensa de Gutemberg, que de modo prático é a potencialização do que a escrita pode proporcionar, também desencadeou perspectivas distintas em relação a sua execução e desenvolvimento.

O seu precursor foi o germânico Johannes Gutenberg (1396-1468), que sendo um aprendiz de ourives acreditava que era possível mudar a forma arcaica de fazer gravuras em metais, o que seria o escopo do seu projeto que já estava idealizado.

Sua invenção utilizava pequenos blocos com letras gravadas em relevo que poderiam ser utilizadas novamente para imprimir centenas de páginas. No processo estava a etapa de montar letra por letra, espalhar a tinta, colocar o papel e usar uma prensa para garantir que a tinta se espalhasse por toda a extensão da folha (ITACAIÚNAS, 2021).

A prensa de Gutenberg, que no ano de 1455 imprimiu 180 exemplares da Bíblia mudou drasticamente a maneira como as pessoas se relacionam, justamente por ser uma forma de potencializar a comunicação e a informação.

A invenção da imprensa teve participação na expansão do conhecimento através do surgimento dos meios de comunicação de massa que, à medida que se desenvolvem, provocam transformações sem precedentes, uma revolução cultural, trazendo reflexos, inclusive, nas relações econômicas locais e internacionais. Por isso, ela foi considerada um agente de mudança, pois escritores, impressores e leitores a usaram de acordo com seus objetivos e como um agente catalisador, ajudando nas mudanças sociais mais do que as originando (ARAÚJO, 2010, p. 9).

Além disso, ela também foi uma das invenções mais revolucionárias do século, pois facilitou a disseminação da informação de uma forma muito satisfatória e foi utilizada em vários países que foram descobrindo como era eficiente esse meio de produção.

No que se refere às interferências que a prensa desencadeou no mundo, é possível citar principalmente a reforma protestante promulgada por Martinho Lutero (1483-1546), onde o movimento foi muito beneficiado pela possibilidade de disseminar os ensinamentos bíblicos através desse invento.

Na percepção apontada por Marshall McLuhan, o advento da prensa proporcionou o apreço ao livro, os hábitos da cultura que muda a forma como as pessoas consomem conteúdos e, conseqüentemente, a sua maneira específica de se comunicar (MCLUHAN, 1997).

O que é importante compreender em vista do desenvolvimento da prensa de Gutemberg são os impactos que ela gera diretamente na sociedade, além de reforçar como o ser humano tende a aderir a objetos externos que contribuem para sua atuação como pessoa.

2.2.4 Outros meios de comunicação

Após apresentar como a retórica, escrita e a prensa de Gutenberg revolucionaram ao longo de toda a história a maneira da pessoa se comunicar e dar indícios da ideia central baseada nos estudos de Karol Wojtyla de que o homem em sua essência vive experiências integrais, apontado neste estudo como a comunicação está presente nessas experiências, serão apresentadas outras invenções marcantes para o desenvolvimento social e pessoal.

Desenvolvido no século XVIII, o telégrafo semaforico inventado pelo francês Claude Chappe era um equipamento que através de postes altos colocados em vários lugares distintos, retransmitiam sinais dados pelas posições de painéis colocados nas pontas dos postes. “O operador de uma torre ia mudando a posição correspondente a cada letra do alfabeto, que seria identificada pelo operador da torre seguinte, [...] que retransmitiria para a torre seguinte e assim sucessivamente” (SCHULZ, 2019).

O telégrafo foi evoluindo, ganhando novas funcionalidades de outras localidades, onde suas novas versões eram capazes de enviar mensagens

codificadas pela corrente elétrica. Sua funcionalidade alterou o modo da sociedade transmitir uma mensagem, perdurou durante todo o século XIX e XX, que de certa maneira fomentou o desenvolvimento de outros meios de comunicação, gerando novas questões sobre seu desempenho, como no caso do telefone.

A inovação e renovação trazidas com o advento do telégrafo contribuíram para que outro meio tomasse um pouco do seu espaço construído. Assim, inicialmente o telefone foi associado ao entretenimento para audiências dispersas e à comunicação ponto a ponto entre indivíduos. Contudo, essa nova invenção tinha aspectos negativos, mas ao mesmo tempo positivos. Segundo a visão de Briggs e Burke (2004, p. 152), o telefone facilitava descentralização, [...] Mas também o telefone levaria a “uma nova organização da sociedade” – um estado de coisas em que qualquer indivíduo, mesmo completamente isolado, poderá ligar para qualquer outro indivíduo da comunidade, poupando infindáveis complicações sociais e comerciais, sem necessidade de idas e vindas, além da mudança nos hábitos sociais, sobretudo os das mulheres, logo felizes “para conversar ao telefone”(ARAÚJO, 2010, p.19).

Outro meio de comunicação importante para destacar é o rádio, que depois de tantas alterações e evoluções, a partir dos anos 1920 era quase que um elemento sagrado nas casas das famílias do mundo inteiro, inclusive no Brasil. Sem mencionar as questões sociais, econômicas e políticas envolvidas no desenvolvimento desse meio, o rádio de modo amplo e genérico, transformou a sociedade devido a sua capacidade de transmitir informação, entretenimento e cultura na época.

As cenas cotidianas de pessoas reunidas em torno da grande caixa de madeira para ouvir o futebol, as encenações teatrais, as informações locais, mostram como esse meio de comunicação mudou a forma das pessoas se relacionarem, até mesmo a estrutura de como a pessoa viveria suas experiências, contando com esse aparelho inovador (CALABRE, 2002).

Na década de 1930, o rádio já trazia o mundo para dentro de casa. O historiador Eric Hobsbawn, em seus estudos sobre o século XX, aponta o rádio como uma potente ferramenta de comunicação e interação entre os indivíduos [...]. O novo meio de comunicação revolucionou a relação cotidiana do indivíduo com a notícia, imprimindo uma nova velocidade e significação aos acontecimentos. Ao partilharem das mesmas fontes de notícias, os indivíduos se sentiam mais integrados, possuíam um repertório de questões comuns a serem discutidas. No campo específico da produção cultural, o rádio inovou, ao mesmo tempo que absorveu e adaptou outras formas de arte já existentes (CALABRE, 2002, p. 12-13).

O último meio destacado que possui uma grande importância no desenvolvimento da sociedade e da maneira como as pessoas se comportam como um todo é a televisão, que até os dias atuais é um dos meios que ganha grande discussão sobre sua atividade, seja nas conversas informais ou em estudos acadêmicos nas diversas áreas do conhecimento.

A televisão surgiu no final do século XIX, desenvolvida pelo engenheiro escocês John Baird, foi um dos grandes inventos que estabeleceu uma série de mudanças na sociedade e, como o rádio, também interferiu no modo de uma pessoa viver suas experiências, pois os sentidos humanos empregados para consumir os conteúdos da televisão de forma objetiva eram dois: a audição, já empregada no consumo do rádio e a visão.

A sua evolução e estruturação que desde o primeiro aparelho foi sendo adaptada até chegar ao modelo atual, mostra como existia um interesse em comum de potencializar esse invento e torná-lo cada vez mais qualificado, em uma evolução progressiva. “[...]O sinal analógico, a TV a cabo, a TV digital, imagens com qualidade e a possibilidade de ver os acontecimentos do mundo inteiro. A evolução tecnológica da televisão a tornou o meio de comunicação mais consumido da atualidade” (PERUCH, 2022, s.n).

Além de todo seu desenvolvimento tecnológico, uma observação interessante sobre o consumo da televisão, é que geralmente, até hoje ela ocupa o lugar central nas residências, o que pode estimular uma série de reflexões acerca do que esse aparelho suscita na estrutura humana.

Uma perspectiva considerável é a que afirma a televisão como detentora do conhecimento, da cultura, da informação e, como na Grécia Antiga as pessoas se reuniam nas praças para ouvir alguém que detinha o conhecimento, no auge da atividade da televisão as pessoas também estão reunidas para ver e ouvir alguém, desta vez através de um aparelho para intermediar essa relação e tendo a interação da visão que não estava presente no contexto do rádio.

Nesse sentido, é possível perceber que de certa forma, o comportamento humano perante algumas experiências se reproduz muito similar ao que em outras épocas era realizado, porém com as questões e desencadeamentos que cada um dos meios proporciona em seu tempo.

Outros meios de comunicação poderiam ser citados com tal descrição, cada um com a sua relevância e contribuição, porém o que já foi observado pode

embasar o intuito dessa exposição, que é justamente introduzir os estudos desenvolvidos sobre os meios de comunicação em massa e para isso, retratar como alguns deles se desenvolveram e mudaram a maneira da pessoa viver suas experiências.

Sobre os estudos dos meios de comunicação de massa, é importante apontar o que são caracterizados como tal, partindo da observação de Marshal McLuhan que faz uma separação dos meios, classificando-os como meios quentes e meios frios, onde nesta caracterização aponta quais as suas diferenças, referindo-se ao modo como os meios afetam as pessoas e a sociedade.

Há um princípio básico pelo qual se pode distinguir um meio quente, como o rádio, de um meio frio, como o telefone, ou um meio quente como o cinema, de um meio frio, como a televisão. Um meio quente é aquele que prolonga um único de nossos sentidos e em “alta definição”. Alta definição se refere a um estado de alta saturação de dados (MCLUHAN, 2007, p.38).

Os meios frios são aqueles que exigem uma participação elevada para preencher as lacunas de entendimento ou conhecimento, com uma tendência a serem intuitivos e de envolvimento emocional. Além disso, eles prolongam mais de um sentido e possuem baixa definição (MCLUHAN, 2007, p.38).

Em relação aos meios quentes, a definição considera esta categoria como aqueles meios que não exigem grande grau de participação dos interlocutores para compreensão da mensagem. Estes prolongam um único sentido, possuem alta definição e permitem menos participação do que um meio frio (MCLUHAN, 2007, p.38).

Essa caracterização de meios quentes e frios ainda pode ser apresentada como uma análise da estrutura social (MCLUHAN, 2007), onde os meios quentes, como o livro, por exemplo, gera o efeito da destribalização, a ausência de maior interação entre as pessoas por exigir maior dedicação do sentido, ou a própria televisão, caracterizada como meio frio, que gera um efeito diferente do livro, sem prolongar os sentidos envolvidos e permite a interação com o outro, gerando o efeito de tribalização ao redor do meio.

Além dessa classificação de meios quentes ou frios e a sua maneira de apresentar como os meios refletem um comportamento social gerado através dessa utilização e interação, Marshall McLuhan explica que o meio é a mensagem, isto significa que “as consequências sociais e pessoais de qualquer meio [...] constituem

o resultado de um estalão introduzido em nossas vidas por uma nova tecnologia ou extensões de nós mesmos” (MCLUHAN, 2007, p. 21).

Com essa afirmação, o canadense apresenta como os meios possuem a característica de serem determinados como extensões humanas - em suas próprias palavras - ou seja, uma tecnologia estende a capacidade do corpo ou atividade humana, o que encaminha para ideia de que o meio deve ser observado a partir do diálogo que ele estabelece com o corpo (MCLUHAN, 2007).

Após apontar como os meios são extensões do homem, é perceptível como estes são a causa de efeitos que podem ser observados por perspectivas distintas, onde uma dessas perspectivas geram a concepção de cultura midiática.

Esse conceito está inserido na ideia das transformações que a midiatização gera na sociedade, que ocasiona uma inter-relação no território econômico, político e cultural (SANTAELLA, 2003, p.51).

Por sua vez, a cultura das mídias com toda a sua desenvoltura é um processo de transição para a cultura digital, um pressuposto preparatório que atua estimulando processos de produção, distribuição e consumo comunicacionais intermediários entre a cultura de massas e a cultura digital.

A dinâmica da cultura midiática se revela assim como uma dinâmica de aceleração do tráfego, das trocas e das misturas entre as múltiplas formas, estratos, tempos e espaços da cultura. Por isso mesmo, a cultura midiática é muitas vezes tomada como figura exemplar da cultura pós-moderna (SANTAELLA, 2007, p.59).

Neste sentido, a cultura midiática é o suporte material que corporifica as linguagens que as várias mensagens transmitidas através desses veículos (ou meios, como o próprio nome identifica) são compartilhadas, fomentando que outras formas de socialização e cultura seja estabelecida gradualmente, como no atual cenário a cultura digital se desenvolve, seguindo esse processo similar da cultura das mídias.

2.2.5 A era digital

No final do subcapítulo anterior, ao tratar da cultura das mídias, percebe-se que existe muita aproximação entre a cultura das mídias e a digital. Porém, conforme afirma Santaella, 2008, p. 27, “uma diferença gritante entre a cultura das

mídias e a cultura digital, por exemplo, está no fato muito evidente de que, nesta última, está ocorrendo a convergência das mídias, um fenômeno muito distinto da convivência das mídias típica da cultura das mídias”.

Neste sentido, é importante também apontar como a estrutura dessa sociedade midiaticizada ainda está em desenvolvimento com o estabelecimento da era digital e unida a ela, mantém essa ideia de que as pessoas estão cada vez mais inseridas neste modelo de transformação social complexa e constante.

Entretanto, ao observar como a cultura do digital está inserida na construção social e no desenvolvimento humano em comparação com os meios de comunicação analógicos, a alteração substancial que o digital proporcionou de modo geral mostra como ela foi além daquilo que os meios tradicionais proporcionam.

Desde o avanço das primeiras conexões em redes até as facilidades da conectividade existentes no tempo presente, o desenvolvimento gradual do que ocorre na era digital apresenta uma maneira de interatividade totalmente diferente do que antes era promovido pelas mídias.

Todavia, sem as poderosas tecnologias comunicacionais atuais, a globalização não teria sido possível. As consequências dessas tecnologias para a comunicação e a cultura são marcantes. Estamos, sem dúvida, entrando numa revolução da informação e da comunicação sem precedentes que vem sendo chamada de revolução digital. O aspecto mais espetacular da era digital está no poder dos dígitos para tratar toda informação, som, imagens, vídeo, texto, programas informáticos, com a mesma linguagem universal, uma espécie de esperanto das máquinas (SANTAELLA, 2003, p.71).

Com isso, é possível afirmar que a era digital apresenta várias alterações no modo como a sociedade se organiza e se desenvolve, muitas delas que ainda não foram devidamente compreendidas, principalmente por gerar mudanças complexas e que não estão de certa forma finalizadas ou determinadas, mas sim no processo, além de serem transformações até o momento não conhecidas ou vivenciadas em tempos anteriores.

Mesmo que não seja possível observar todo o processo de evolução e transformação que a era digital está causando, é presumível criar algumas hipóteses e considerações sobre o que ainda está em mutação, como por exemplo o fato de a interação entre as pessoas ser proporcionada pela utilização das tecnologias de informação e comunicação (TICs).

Para falar sobre a interatividade facilitada pela era digital através das TICs, Raquel Recuero vai tratar sobre a questão das redes on-line e offline firmadas na era da digitalização, onde ao estudar as interações promovidas através das redes da internet afirma que “a interação é, portanto, aquela ação que tem um reflexo comunicativo entre o indivíduo e seus pares, como reflexo social” (RECUERO, 2009, p.31).

Assim, no processo interacional realizado através das redes da internet, além de ter em vista a relação do indivíduo entre seus pares, deve ser considerada a multiplicidade de ferramentas que estão envolvidas neste processo, estimulando que essas interações sejam síncronas ou assíncronas (RECUERO, 2009).

A interação social, no âmbito do ciberespaço, pode dar-se de forma síncrona ou assíncrona [...]. Essa diferença remonta à diferença de construção temporal causada pela mediação, atuando na expectativa de resposta de uma mensagem. Uma comunicação síncrona é aquela que simula uma interação em tempo real. Deste modo, os agentes envolvidos têm uma expectativa de resposta imediata ou quase imediata, estão ambos os presentes (on-line, através da mediação do computador) no mesmo momento temporal. É o caso, por exemplo, dos canais de chat, ou mesmo de conversas nos sistemas de mensagens. Já o e-mail, ou um fórum, por exemplo, têm características mais assíncronas, pois a expectativa de resposta não é imediata (RECUERO, 2009, p.32).

Neste sentido, mesmo que a sociedade esteja vivendo esse período transitório e aos poucos compreendendo o que são as novas formas de interação e de existência neste ambiente da era digital, o que está cada vez mais factível é que a separação do mundo real e virtual não é mais possível, fomentando a ideia de junção destes ambientes que se tornaram ainda mais integrados um ao outro.

De modo geral, se observado superficialmente, desde as primeiras manifestações da midiatização, a humanidade já estava se aproximando dos aparatos tecnológicos a fim de responder uma necessidade de sua condição e, na era do digital, que é uma continuidade dessa transformação da sociedade midiatizada, é possível constatar como as pessoas estão cada vez mais buscando maneiras de tornar mais qualificada sua interação e personalidade no ambiente digital.

Nesta virada digital o que está implicado não é somente a conversão de qualquer linguagem [...]. Está implicada também a possibilidade de a informação viajar através do planeta em frações de segundos, formando redes que conectam terminais de computadores e seus usuários localizados em qualquer canto do globo. (SANTAELLA, 2003, p.173).

Essa observação entra em concordância com a hipótese de que segundo a antropologia personalista de Karol Wojtyła, a pessoa busca viver experiências próprias de sua natureza, onde na era digital as experiências externas passam por essa interação com a utilização das redes e das TICs, tema que será aprofundado no capítulo em que será descrita a experiência do homem tendo o *Teams* como objeto de estudo baseado na epistemologia wojtyliana.

No que se refere à apresentação proferida sobre a separação entre o mundo virtual e real, elas se arrefeceram com a chegada dos dispositivos móveis, que de certo modo foram colados ao corpo humano. Essa ideia é um dos princípios do conceito de pós-humano, que de modo geral afirma que existe uma nova forma de conceber a espécie humana, que neste momento atual está intensificando a sua evolução a partir das técnicas desenvolvidas (SANTAELLA, 2016).

A concepção do pós-humano explora as dimensões corporais, psíquicas, antropológicas, filosóficas, culturais, com uma necessidade e objetivo de repensar o ser humano.

[...] tenho buscado evidenciar o papel que a transformação tecnológica do corpo vem desempenhando para a emergência do pós-humano, este entendido não só como resultado dessas transformações, mas, sobretudo, como desconstrução das certezas ontológicas e metafísicas implicadas nas tradicionais categorias, geralmente dicotômicas, de sujeito, subjetividade e identidade subjacentes às concepções humanistas que alimentaram a filosofia e as ciências do homem nos últimos séculos e que hoje, inadiavelmente, reclamam por uma revisão radical (SANTAELLA, 2016, p. 11).

No discurso sobre o que é o pós-humano, não é apropriado ver as extensões tecnológicas separadas da biologia humana, pois essa última é indissociável das tecnologias que foram se desenvolvendo ao longo do tempo.

O que é indiscutível neste ponto de vista são os diversos paradoxos que promovem a transformação da pessoa, estando estes muito relacionados com as TICs, que não consegue conceber o homem da mesma maneira a partir do estabelecimento dessas técnicas provenientes da era digital. Outra ideia é que ainda não existe uma integridade da formação de como será a pessoa de acordo com a concepção do pós-humano.

Ao observar essas formulações sobre este novo ser humano que está sendo concebido, ou melhor, com a percepção da constante evolução e desenvolvimento que a espécie está vivenciando constantemente, a observação personalista de

Wojtyla pode acrescentar contribuições elucidadas e paradoxais para essa era do digital, pois o autor defende principalmente a dignidade e irrepetibilidade da pessoa em todos os seus aspectos.

2.2.6 A teoria ator-rede e a relação entre entes humanos e não-humanos

Além de apresentar os principais fundamentos estabelecidos na comunicação digital e na cultura que está sendo desenvolvida em torno deste movimento como foi realizado no subcapítulo anterior, essa fase está dedicada a relacionar o tema das evoluções tecnológicas que proporcionam o avanço de novos aparelhos de comunicação, mas já apresentando elementos do personalismo de Karol Wojtyla como fundamento de análise.

Embora existam outras teorias e estudos importantes que estão relacionados com a comunicação digital e evoluções tecnológicas como a consideração do ciberespaço de Pierre Lévy, ou o Manifesto Ciborgue de Donna Haraway e tantas outras que poderiam ser analisadas com a visão crítica baseado no personalismo wojtyliano, será discutida a teoria ator-rede (TAR), principalmente pela sua inserção e adequação nos meios acadêmicos dos estudos em comunicação.

Por isso, em um primeiro momento será apresentada a teoria ator-rede e sua estrutura, considerando o que seus principais estudiosos contribuíram para elaborá-la e o contexto em que ela foi sendo construída. Depois desta apresentação, será feita uma análise crítica sobre a TAR baseada no personalismo wojtyliano, considerando a sua relevância e inserção nos estudos de comunicação sem anular os principais pontos que divergem do que a antropologia personalista de Wojtyla propõe.

O intuito desta análise é introduzir a visão wojtytiliana sobre a pessoa e seu desenvolvimento que está intrinsecamente relacionado com os avanços da comunicação digital em comparação com uma teoria que parte de princípios contrários (TAR), mas que pode ser adequada para a atualidade se observada de perspectivas diferenciadas, da qual esteja direcionada a proposta de uma comunicação digital atual, realista e coerente sem deixar de considerar o humano e a sua primazia para atuar em meio às redes que nos são disponibilizadas.

A noção de teoria ator-rede parte de um modelo de interatividade configurada a partir do trabalho de autores como Latour (1988; 2012), Callon (1986) e Law

(1986). Sua fundamentação está direcionada a abordagens que evitam as hierarquias tradicionais condicionadas a destacar ou priorizar a agência humana, dando especial atenção às coisas (BRAGA; SUAREZ, 2018, p. 219).

Faz-se necessário compreender a fundamentação e abordagem da TAR cuja característica está propensa a pensar nos agentes de determinada ação sem priorizar a pessoa humana ao considerar que o personalismo de Wojtyla é estruturado justamente de maneira divergente, isto é, voltado e direcionado totalmente para o ser humano e a sua primazia perante outros agentes.

Seguindo com a descrição das especificidades atribuídas a TAR, existem outras características relacionadas a essa teoria e que são determinantes em sua constituição, principalmente no que se refere à posição dos agentes e a forma como estes participam das interações.

Para a TAR, as coisas são mais do que ferramentas, pano de fundo ou palco em que atores sociais humanos desempenham os papéis principais. Em seus ensaios sobre antropologia simétrica, Latour (1994) propõe uma perspectiva que advoga o mesmo status e atenção para os atores humanos e não humanos. Os objetos têm agência, o que significa “estar associado de tal modo que fazem outros atores fazerem coisas” (LATOURE, 2012, p. 158). O humano não é vítima do processo, mas não se pode afirmar que seja um protagonista autônomo em ação (BRAGA; SUAREZ, 2018, p. 219).

Considerando a especificidade de inserir as coisas como participantes da ação e demonstrá-los como seres que estão presentes nos processos interativos, pode-se ressaltar que essa lógica se adequa aos modelos tecnológicos atuais proporcionados pela nova ambiência que brotou da midiatização (GOMES, 2016) e que desencadearam na comunicação digital através de plataformas e redes de relacionamento, pois em alguns casos - como na pandemia ou na consideração de uma distância física considerável - esses atores de conexão com a internet, login através de e-mail, sites, fones de ouvido, câmera, plataforma e outros seres foram essenciais para a integração e relação entre pessoas.

Sob a perspectiva da TAR, a ação só pode ocorrer quando existe o envolvimento e participação constante dos agentes humanos e não-humanos, pois é este movimento de atuação integrada entre os atores que irá estimular e tornar possível alcançar a finalidade pretendida.

A TAR também pressupõe o rompimento com as dualidades sujeito-objeto. Para Latour (2012), por exemplo, um homem (sujeito) com uma arma (objeto) não é um sujeito com um objeto, mas um novo híbrido, uma nova

entidade “homem-armas”. É preciso ressaltar ainda que Latour (2012) rejeita o próprio conceito de ator como substância — algo que preexiste, está finalizado e perdura. Para o autor, atores são eventos, que, ao contrário das “substâncias”, não podem ser diferenciados de suas manifestações e relações (BRAGA; SUAREZ, 2018, p. 219).

Além do rompimento entre a dualidade sujeito-objeto e a consideração das coisas como seres atuantes em determinada circunstância, a TAR sustenta a interpretação (LATOURE apud LEMOS, 2013) de que existem muitos atores que estão envolvidos e que interferem nessa rede, conforme o próprio nome da teoria expõe.

[...] Rede é aqui um conceito dinâmico. Não é o que conecta, mas o que é gerado pelas associações. Não é algo pronto, por onde as coisas passam, mas o que é produzido pela associação ou composição de atores humanos e não-humanos. Rede não é estrutura, mas o que é tecido em uma dada associação (LEMOS, 2013, p.2).

O que também se destaca na construção da teoria ator-rede é a percepção que emerge da capacidade de analisar as situações a partir de suas controvérsias geradas mediante as associações dos atores que procedem através do dinamismo entre os atores inseridos na rede interativa (LEMOS, 2013).

A TAR também considera que são as relações entre os atores que sustentam o espaço-rede atual, ou seja, a partir do relacionamento entre os atores que o espaço será desenvolvido. "Essência é existência e existência é ação, diz Latour. Para a TAR, não há potência ou essência, pois tudo se resume às relações" (LEMOS, 2013, p. 4).

No que se refere ao conceito de espaço, (LEMOS, 2013) ele está inserido na concepção de que são as relações que o constroem, em outras palavras, é precisamente quando os atores mantêm as interações entre si de forma correlacionista que se formam os espaços de atuação, não sendo eles limitados a um ambiente especificamente, mas a um contexto amplo de associações e dinâmicas que vão construindo esta atmosfera interacional, por isso ele pode ser compreendido como rede.

Deste modo, a proposta de uma construção social viabilizada pela TAR considera a presença e transformação da sociedade causada pelas interações entre seus atores, dando ênfase sobretudo aos atores não humanos. "[...] O que entra em jogo são inúmeros atores não humanos se multiplicando, arregimentando outros

atores, implicando-os na ação e formando blocos móveis em-ação, o que os faz mediadores da ação" (GONZALES; BAUM, 2013, p.155).

Latour (1988), Callon (1986) e Law (1987) pensaram a TAR com o intuito de retomar a capacidade de elaborar novas visões sobre a constituição do social, descobrindo o que a existência coletiva, ou seja, o que chamam de sociedade, se tornou. A TAR surge como uma ontologia orientada ao objeto, cuja proposta é redefinir a sociologia a partir de uma sociologia das associações. Um dos principais objetivos da TAR é descobrir novas instituições, procedimentos e conceitos capazes de coletar e reagrupar o social (BRAGA; SUAREZ, 2018, p. 220).

Ainda sobre a condição de estrutura social, a TAR considera o fluxo das ações como determinante no agrupamento do contexto da sociedade, considerando a instabilidade e fenômenos sociais como seu ponto de partida uma vez que atribui ao social o agrupamento circunstancial de ações, de movimentos e de deslocamentos de atores (SALGADO, 2018, p. 75).

Tendo em vista algumas das principais características da teoria ator-rede, a segunda etapa deste subcapítulo será dedicada a analisá-la sob a perspectiva do personalismo wojtylliano, sinalizando alguns dos principais pontos que podem ser considerados como complementares para a compreensão da nova ambiência (GOMES, 2016) estabelecida a partir do processo de mediação.

A TAR sustenta a ideia de que a atuação e agência entre humanos e não humanos ocorrem de forma conjunta e participativa, evento que torna possível criar os espaços sociais de interação que não são essencialmente ambientes físicos, por isso são chamados de redes (LEMOS, 2021, p.17).

Em síntese, o que foi exposto sobre sua estrutura é a consideração de que a correlação entre os envolvidos neste cenário é o mais importante, em detrimento da posição e qualidade de cada um dos agentes envolvidos no processo.

Partindo do que foi considerado e dos demais pontos apresentados sobre a teoria ator-rede, é possível fazer uma relação sobre como a sociedade em mediação que se desdobra na comunicação digital pode ser observada sob os princípios da TAR.

Essa possibilidade pode ser construída observando as associações dos agentes que participam da integração desse salto qualitativo que proporciona um novo modo de ser no mundo (GOMES, 2016), considerando a conexão ao wi-fi, o aparelho utilizado com todas as peças envolvidas em seu funcionamento, os dados

de identificação registrados em programas, plataformas de acesso com suas funcionalidades distintas e a pessoa que participa dessa interação.

Na visão da TAR, esse espaço-rede que acabamos de descrever não levaria em consideração um ou outro agente presente na interação, mas sim os desdobramentos que essa atuação pode repercutir, sem considerar que existe uma soberania ou maior participação atribuída à pessoa inserida no processo, mantendo a preocupação em entender o que seria este novo modo de atuar em conjunto e o que está por vir dessa correlação entre todos os agentes envolvidos.

Por certo, a evolução da midiatização e seu estágio de comunicação digital envolve uma série de agentes que integram este processo, todavia, somos interpelados a refletir se a teoria ator-rede tem a possibilidade de analisar este fenômeno complexo e em evolução que é a sociedade midiatizada - ou em midiatização.

O fato de a teoria ator-rede presumir que o humano não possui certa prevalência no que se refere à atuação no espaço-rede é um dos principais pontos de divergência quando observamos a comunicação digital sob a perspectiva do personalismo de Karol Wojtyła (que será devidamente explicado e apresentado de forma mais profunda no próximo capítulo), pois o autor referido considera a primazia da pessoa em seus atos e no desenvolvimento de novas tecnologias (WOJTYLA, 2011).

Ao analisar a sociedade midiatizada em contexto de comunicação digital apenas sob a consideração e perspectiva da TAR, a possibilidade de reduzir os aspectos ontológicos e fundamentais da pessoa é muito alta, visto que neste cenário a pessoa é tão somente integrante de um processo associativo, algo que para a perspectiva personalista é inconcebível anular o fato de a pessoa ter maior valor do que os outros seres ou coisas.

Isso não significa que ela seja a única participante do processo de evolução complexa da midiatização, até porque os outros agentes tecnológicos mostram uma característica diferente do que se enquadra para analisar determinado meio de comunicação, mas que exige uma nova ética adequada à nova ambiência que está sendo estruturada (GOMES, 2016).

Desta forma, compreendemos que a pessoa atua neste processo de forma diferente dos outros agentes - que também possuem suas distinções, mas que não se compara ao agir humano conforme será descrito no próximo capítulo.

Com isso, é possível perceber que a TAR sozinha não consegue abarcar todo o processo e evolução da midiatização, o que não significa que ela não apresente características importantes para nossa análise.

A teoria ator-rede pode ser o complemento para uma reflexão sobre a nova ambiência gerada pela midiatização (GOMES, 2016), que unida ao processo evolutivo dos meios e ao personalismo de Wojtyla, pode ser o indício de uma compreensão do que vem a ser esses efeitos decorrentes da midiatização, pois ela observa o que os movimentos associativos dos atores formam em determinado ambiente, o que também é muito necessário e relevante, sem designar a pessoa um papel de equidade entre os demais agentes.

Por isso, o próximo capítulo será dedicado a discorrer sobre o conceito de pessoa e o personalismo de Karol Wojtyla, para a partir de sua definição propor algumas características importantes da comunicação digital, pressupondo as correlações entre os demais agentes envolvidos na constituição deste espaço-rede.

3 KAROL WOJTYLA: BIOGRAFIA E SEU PERSONALISMO

No capítulo anterior foi apresentada uma visão ampla sobre a comunicação enquanto área de estudo acadêmica e sua evolução na sociedade diante dos avanços dos meios de comunicação proporcionados pela tecnologia.

Essa exposição foi necessária para situar as características sociais da contemporaneidade, principalmente no que se refere às transformações que estão sendo construídas através da cultura digital atreladas à comunicação.

No presente capítulo, trataremos de expor alguns dos pontos importantes sobre a vida de Karol Wojtyla, a epistemologia desenvolvida pelo autor, seu pensamento com a estrutura personalista, e suas considerações sobre a comunicação social feitas quando já havia sido eleito Papa.

3.1 Biografia de Karol Wojtyla

O polonês Karol Josef Wojtyla nasceu em 18 de maio de 1920, em Wadowice. Ficou órfão muito cedo e perdeu dois irmãos mais velhos, vivendo a maior parte de sua vida na companhia de seu pai. Em 1938, mudou-se para Cracóvia, onde estudou na Universidade de Jagelônica e numa escola de teatro (EVERT, 2023).

Devido à época da invasão alemã à Polônia, Wojtyla teve que trabalhar para não ser deportado. Em 1942, iniciou seu caminho vocacional ao sacerdócio e seus estudos como seminarista na Universidade Jagellônica de Cracóvia. Seu desejo vocacional começou a ser instigado após considerar as atrocidades da guerra e percebendo um movimento interior que lhe confirmava essa certeza de seu chamado, conforme ele mesmo descreve no livro *Dom e Mistério* que foi elaborado para a comemoração dos seus 50 anos de sacerdócio:

A deflagração da guerra afastou-me dos estudos e do ambiente universitário. Neste período perdi meu pai, o último dos meus parentes mais próximos. [...]. Não se tratava, porém, só de um processo negativo. De fato, na minha consciência, começava a manifestar-se cada vez mais uma luz: o *Senhor quer que eu seja sacerdote*. Um dia, percebi isso com muita clareza: era como que uma iluminação interior, que trazia em si uma alegria e a certeza de outra vocação. Essa certeza encheu-me de uma grande paz (JOÃO PAULO II, 1996, p. 44, grifo do autor).

Sua primeira missa foi celebrada no dia 01 de novembro de 1946, aos 26 anos, o então padre Karol Wojtyla (JOÃO PAULO II, 1996) conta que a missa foi

celebrada em uma capela privada, momento que para ele foi muito especial pois estava celebrando também a memória de seus amigos seminaristas que não puderam viver sua vocação porque tiveram suas vidas interrompidas.

Seu ministério como sacerdote já apresentava sinais de uma ardente vida pastoral e de muita doação aos outros, unido ao desejo de viver intensamente uma comunhão com os que estavam ao seu redor. Logo após ser ordenado sacerdote, foi enviado a Roma para estudar seu primeiro doutorado e escreveu em latim uma dissertação intitulada *A doutrina da fé segundo São João da Cruz* (EVERT, 2023, p. 58). Depois desse período, voltou à Polônia e foi designado a ser assistente em uma paróquia rural de Niegowic.

Não demorou muito para os paroquianos perceberem a dádiva que lhes tinha sido dada. O jovem sacerdote muitas vezes passava a noite diante do Santíssimo Sacramento e às vezes os paroquianos o espiavam, observando-o em oração, prostrado no chão frio. A fim de fazer visitas pessoais às famílias, com frequência percorria longas distâncias. Anos mais tarde, recordou as viagens por caminhos batidos na neve (EVERT, 2023, p. 58).

Os anos foram passando e a vida do sacerdote Karol Wojtyla foi cada dia mais sendo um sinal de esperança e fé, principalmente diante de outro regime autoritário instalado na Polônia, onde depois de sofrerem nas mãos dos nazistas, foram submetidos aos absurdos do comunismo. Padre Wojtyla tinha um vasto conhecimento dos principais autores da ideologia instalada e mantinha uma leitura constante das principais obras de Marx e Lênin, dizendo que era preciso entender o que esses autores tinham a dizer para combatê-los da forma correta.

Pe. Karol se opunha ao comunismo por muitas razões, entre elas a que ideologia considerava os cidadãos um meio para seus fins. Mais exatamente, ele não era contra alguma coisa, mas era exatamente a favor dos direitos do homem. Sabia que o povo não existe para o bem do Estado. Mais exatamente o Estado deve existir a fim de servir o povo. Não se tratava de tornar o Estado mais religioso, mas de torná-lo digno da pessoa humana. Para Wojtyla, injustiças como violência e supressão dos direitos humanos são mentiras ditas contra a verdade da humanidade (EVERT 2023, p. 59).

Tudo o que movia a vida e as lutas do sacerdote Wojtyla era o direito e dignidade da pessoa humana, que em sua vida e no local onde viveu a maior parte da sua juventude conheceu as consequências que a guerra, o ódio e a desvalorização da pessoa humana podem causar (JOÃO PAULO II, 2005).

Neste intenso clima espiritual é que se foi desenrolando minha missão como sacerdote e bispo. Os dois sistemas totalitários, que marcaram tragicamente o nosso século - o nazismo, por um lado, com horrores da guerra e dos campos de concentração, e o comunismo, por outro, com seu regime de opressão e de terror - pude conhecê-los, por assim dizer, de dentro. Daqui se compreende minha sensibilidade pela dignidade de toda pessoa e pelo respeito dos seus direitos, começando pelo direito à vida. É uma sensibilidade que se formou já nos primeiros anos de sacerdócio e se foi consolidando com o tempo (JOÃO PAULO II, 1996, p. 78).

As suas principais armas contra tudo o que limita o valor da pessoa humana além das práticas religiosas e a sua profunda vida de oração e devoção eram o conhecimento e uma vida intelectual muito bem desenvolvida, o que sempre foi um destaque em sua trajetória ainda como sacerdote.

Padre Wojtyla dedicou mais dois anos à vida acadêmica e escreveu um segundo doutorado em ética intitulado *Avaliação da possibilidade de construir uma ética cristã com base no pensamento de Max Scheler*. Depois desse período lecionou teologia na Universidade Jaguelônica, foi também o presidente do departamento de ética na Universidade Católica de Lublin tendo apenas trinta e poucos anos (EVERT, 2023, p. 61).

De fato, a intelectualidade e eloquência de Wojtyla sempre foram um destaque de sua personalidade (EVERT, 2023, p. 61), ele demonstrava muita capacidade de transmitir o conhecimento de maneira estruturada e com um pensamento bem construído. Sua obra magna filosófica *Pessoa e Ação* é um dos escritos que comprovam seu talento e erudição.

Apesar de sua capacidade de filosofar em um nível de alta excelência, sabia se conectar com uma plateia jovem. Jovens adultos se amontoavam em suas salas de aula para ouvir suas preleções e enfileiraram-se nas paredes e nos peitorais das janelas para ouvir seus pensamentos sobre a vida, o amor, e tudo que estivesse entre um e outro (EVERT, 2023, p. 61-62).

Wojtyla foi diversas vezes lembrado por seu amor aos jovens, aos esportes e em sala de aula, nas missas celebradas, nas longas horas de atendimento das confissões ou em outros momentos conseguia transmitir aos outros a grandeza de sua pessoa, de modo que aos poucos a sua missão foi tomando outra proporção e levando o curso de sua biografia para um chamado de ser conhecido por muitas outras pessoas, de tal forma que a sua vida ficasse marcada na história.

As primeiras faíscas de que sua missão na igreja e na sociedade de modo geral estava apenas em ascensão e a urgência de ter uma pessoa como ele para

liderar o povo foi o convite ao ministério episcopal, tendo ele apenas 38 anos e sete anos mais tarde foi escolhido para ser o arcebispo de Cracóvia (EVERT, 2023).

O seu ministério episcopal foi sendo consolidado por um constante contato com o povo vivido com serenidade, onde apesar dos diversos empecilhos colocados pelo governo, instalação de muitos sistemas de espionagem e tantos outros fatos comprovados em registros de sua biografia (EVERT, 2023), Dom Wojtyla buscava viver sua missão de forma integral e resistente.

Wojtyla participou ativamente das reuniões do Concílio Vaticano II (1962-1965), onde contribuiu efetivamente na elaboração de dois documentos conciliares: a declaração *Dignitatis humanae*, e a Constituição Pastoral *Gaudium et spes*, sobre a presença da Igreja no mundo moderno (GERONAZZO, 2020).

Sobre sua eleição como papa, existem alguns relatos em sua biografia de algumas previsões de que ele seria o sucessor de Pedro (EVERT, 2023), porém o que sempre estava de certa forma muito claro na atuação de Wojtyla como cardeal é o seu amor e serviço pela Igreja e pela sociedade de modo geral.

A morte prematura de João Paulo I com apenas 33 dias de eleição o deixou profundamente recolhido em oração (EVERT, 2023), o que pode ser compreendido como uma forma entrega aos desígnios divinos e um momento de preparo para o seu chamado a conduzir a Igreja de Cristo que estava se concretizando, acontecimento que nenhuma biografia poderá narrar com precisão porque está um mistério de sua personalidade e intimidade.

Na reunião do conclave onde novamente o colégio episcopal estava unido para eleger o novo Papa, os votos começaram a dizer o nome do Cardeal Wojtyla, um dos bispos presentes narrou que ele estava robotizado, em seguida colocou a cabeça entre as mãos (O'CONNOR *apud* EVERT, 2023).

O próprio cardeal Wojtyla fez uma observação sobre esse dia, onde comentou que "[...] a votação do conclave daquele dia surpreendeu muita gente além de mim! Mas o que Deus ordena, embora possa parecer humanamente impossível, Ele nos dá os meios para realizar" (FROSSARD *apud* EVERT, 2023, p. 88).

Logo quando a fumaça branca brotou da chaminé sinalizando que o novo papa havia sido eleito, muitas pessoas estavam presentes na Praça de São Pedro. E quando o Cardeal Pericle pronunciou as palavras *Habemus Papam*, muitos ainda estavam curiosos e não conheciam o Cardeal Wojtyla, que receberia o nome de seu antecessor João Paulo I, confirmando ainda mais sua missão de continuar este

ministério, que foi iniciado por João XXIII e Paulo VI para guiar a Igreja de Cristo no novo milênio que se aproximava (EVERT, 2023).

Na Polônia, foi instaurado um sentimento paradoxal (EVERT, 2023): de um lado, os fiéis saíam pelas ruas gritando e agradecendo a Deus por tamanha felicidade, pessoas que conheciam o cardeal Wojtyla e que estavam seguras da sua capacidade para cumprir o chamado que lhe fora confiado. Em contrapartida, estavam calados e temerosos os soviéticos que, justamente por terem ciência da capacidade deste grande homem, sabiam que tê-lo como Papa poderia ser pior para seus planos, mesmo que agora tivesse designado a uma tarefa maior do que as fronteiras polonesas poderiam conter.

Durante a Missa inaugural, João Paulo II definiu o tema para todo o seu pontificado, proclamando: "Não tenham medo! Escancarem as portas para Cristo. Para seu poder salvador, abram as fronteiras dos Estados, dos sistemas econômicos e políticos, dos vastos campos de cultura, civilização e desenvolvimento"(EVERT, 2023, p. 91).

E assim, ele mesmo foi dando vida a essas palavras de encorajamento e seguindo o caminho que lhe foi designado, lutando pela dignidade da pessoa, pelo diálogo, pelo respeito e pelos ideais cristãos contidos no Evangelho. Sua voz e missão foi disseminada em muitos cantos do mundo, mas ele sabia que na Polônia ele ainda tinha uma missão especial a cumprir.

Ao retornar à sua terra natal agora como Papa em ocasião do 900º aniversário do martírio de Santo Estanislau, ele celebrou a missa de Pentecostes diante de uma multidão de mais de 300 mil pessoas. Sua homilia dizia que Cristo não poderia estar fora da história pois isso seria um ato contra o próprio homem. (EVERT, 2023, p 93-94).

As palavras do Papa polonês levaram o povo a aplaudi-lo e por longos 14 minutos, momentos de extrema significância que foi precedido por ele quando começou a entoar a oração que clama pelo derramamento do Espírito Santo, momento que foi considerado como a "crisma da Polônia", (EVERT, 2023) ocasionando em fortificação para que o povo pudesse manter firmes as suas raízes e cultura apesar de todos os esforços e censuras que lhes eram impostos.

Um outro momento marcante de sua trajetória como Papa foi a tentativa de assassinato que ele sofreu na Praça São Pedro, em 13 de maio de 1981. O responsável pelos disparos foi o turco Ali Agca, que foi absolvido e perdoado pelo

Papa. João Paulo II disse que foi Nossa Senhora quem salvou sua vida e desviou com sua mão a bala que lhe seria fatal (GERONAZZO, 2020).

Em relação a sua personalidade, ele era visto como um homem influente, forte, sereno e determinado. "Os que conheceram São João Paulo II observaram muitas vezes que, além de sua devoção constante, ele era também muitíssimo produtivo, afetuoso e até brincalhão" (EVERT, 2023, p. 97).

A sua inteligência era até mesmo desconcertante, deixando a todos os que o ouviam encantados com seu amplo conhecimento. Outra característica importante é a sua abertura sincera ao diálogo com líderes de outras religiões e se colocava à disposição para a reconciliação causada por questões religiosas, sem desprezar a doutrina da qual servia, mas fomentando um verdadeiro senso ecumênico (EVERT, 2023, p. 104).

O que também era marcante em sua forma de ser é a sua maneira afetuosa de tratar com os demais, demonstrando solicitude e capacidade de estar próximo do povo, além de ter muitos relatos dos que se encontravam com ele dizendo que se sentiam penetrados por seu olhar (EVERT, 2023, p. 107).

Poderiam ser feitas outras observações sobre o homem que foi considerado um dos maiores pensadores do século XX, o Papa que conduziu a igreja por 26 anos, onde neste período lutou incansavelmente pela paz mundial e pelos ideais evangélicos deixados por Cristo. Em seu pontificado fez 250 viagens apostólicas (GERONAZZO, 2020) e promoveu diversos encontros que marcaram a vida daqueles que puderam o acompanhar em alguns desses encontros.

Toda essa exposição sobre a vida de Karol Wojtyła que posteriormente ficou conhecido como João Paulo II foi necessária para compreender com maior profundidade as raízes de seu pensamento e percepção, que serão descritos a seguir.

3.2 Pensamento de Karol Wojtyła

Depois de sintetizar alguns pontos essenciais da vida de Wojtyła, este subcapítulo será dedicado à exposição e compreensão do seu pensamento na elaboração da estrutura de sua antropologia personalista, baseados em seus escritos e na sua obra magna *Persona y acción*.

Como podemos perceber nos relatos de sua biografia, Wojtyla era um homem com um amplo conhecimento, possuía muitas habilidades para aprender e soube desenvolver seu próprio método de análise filosófica da pessoa, baseado no que ele foi adquirindo ao longo de sua carreira como sacerdote, professor e Papa.

Ele tinha o costume de sempre estar reunido com médicos, cientistas, advogados, professores, filósofos, teólogos e outros intelectuais de todas as áreas (EVERT, 2023) para estar atualizado sobre o que as diversas correntes do conhecimento poderiam agregar ao seu pensamento e que seriam úteis para que ele cumprisse com seu papel de líder mundial da Igreja Católica.

É importante dizer que Wojtyla mesmo sendo membro e promotor da vida cristã, mantinha um pensamento aberto e um diálogo frequente com pessoas de outras atuações e com princípios divergentes, provavelmente porque além de desejar propagar a fé cristã, seu interesse em ressaltar a dignidade e valor da pessoa humana era inegociável e uma necessidade urgente para a sociedade do terceiro milênio.

O pensamento de Karol Wojtyla possui uma amplitude de referências que foram sendo construídas principalmente pelo seu patriotismo na cultura polonesa e pelo ministério sacerdotal, frutos de sua intensa busca por compreender a essência do ser humano. "Tanto como literato patriota, quanto como sacerdote, teve sempre como interesse principal o ser humano" (LABOY, 2022, p. 17).

Em seu primeiro doutorado foi orientado pelo exímio teólogo Garrigou Lagrange, dominicano e muito conhecedor das obras de São Tomás de Aquino. Sua produção acadêmica tem o título de *Doutrina sobre a fé nos escritos de São João da Cruz*, onde analisa a experiência mística de uma pessoa no encontro com as pessoas divinas, "estudo que revela os dois temas de grande importância para sua vida intelectual: a experiência e a relação homem e Deus (antropocentrismo e cristocentrismo)" (LABOY, 2022, p. 23).

Três parecem ser as conclusões da tese de Wojtyla: (1) Deus não pode ser conhecido como conhecemos um objeto; (2) A fé é um encontro pessoal com Deus; (3) A mística é uma experiência de comunhão com Deus. Além dessas conclusões, o que impulsionará ainda mais a sua reflexão futura é o fato de que a experiência mística revela a pessoa humana, pois manifesta um sujeito dotado de liberdade, capaz de entrar livremente numa relação de comunhão com as pessoas divinas - Deus é, de certo modo, parte do compreender da pessoa humana (LABOY, 2022, p. 23-24).

Desse modo, é possível notar que Karol Wojtyla buscava apreender de todas as formas um modo de colocar a pessoa humana e sua essência como objeto de seus estudos, pois considerava que o ser humano possui em sua forma de ser atributos que lhe garantem a característica de ser pessoa, não apenas indivíduo.

Alguns anos depois, Wojtyla preparou-se para um segundo doutorado, fundamentado sob a ética de Max Scheler para desenvolver uma tese com o título de *Valoração da possibilidade de fundar uma ética católica sobre a base do sistema ético de Scheler*. Com esse projeto constata que o sistema ético de Max Scheler é inadequado para a formulação científica de uma ética cristã, todavia, ele pode ser um auxiliar para o seu estudo científico (LABOY, 2022, p. 26).

Da formação e bases para o seu pensamento, destaca-se principalmente o tomismo no que se refere à ética e à antropologia, pois essas áreas o levaram a compreender a pessoa humana (DAMASCENA, 2022, p.44).

Um ponto importante que levou Wojtyla a incorporar em seu pensamento os fundamentos da antropologia tomista foi ver nela os elementos necessários para recuperar ou salvar a riqueza da pessoa humana, extremamente empobrecida em sua dignidade, além de ser reduzida a aspectos acidentais, pela filosofia moderna e contemporânea. [...] Com isso, resulta difícil ou quase impossível falar de responsabilidade moral, verdade, liberdade relativa, comunhão de pessoas, para citar alguns temas. A pessoa humana nos últimos séculos deixou de ser alguém e se tornou, sobretudo, coisa (DAMASCENA, 2022, p. 45).

Wojtyla não apenas acreditava em uma espécie de teoria da construção de pessoa humana como digna e como ser de relacionalidade apenas quando se refere a alguém do seu ciclo social. Em sua própria vida podemos perceber o seu interesse pelo diálogo e cultivo de relações fraternas (DAMASCENA, 2022, p. 45). O comportamento de Wojtyla demonstra que o seu pensamento e as fontes das quais ele recorria estavam intimamente alinhadas com o seu modo de proceder na prática.

Além do tomismo, Karol Wojtyla teve muita influência da fenomenologia de Husserl que surgiu no início do século XX. Essa corrente filosófica proporcionou uma análise mais adequada sobre a experiência humana. Além disso, a fenomenologia de Husserl buscava superar o empirismo prático para encontrar o fundamento das coisas em si mesma ou em sua essência (HUSSERL *apud* DAMASCENA, 2022, p. 52).

O modo de abordar a pessoa humana por parte de Husserl foi uma oposição ao naturalismo. Esse reduzia a pessoa a um ente entre os demais

da natureza e, portanto, a ele se poderia explicar os mesmos métodos das ciências da natureza para estudá-lo. Isso resultava em um esvaziamento do mundo interior humano e se contradizia aquilo que a pessoa manifestava; considerava a pessoa humana "coisa" enquanto ela é alguém. Karol Wojtyła segue este mesmo direcionamento dedicando vários escritos à descrição da subjetividade, seguindo o método fenomenológico; um exemplo disto é a sua obra-prima *Pessoa e ato* (DAMASCENA, 2022, p. 52).

Atribuindo a fenomenologia ao seu pensamento, Wojtyła constrói uma antropologia tomista com as considerações da fenomenologia (DAMASCENA, 2022, p. 53), mostrando a sua originalidade e elevada capacidade de construir um pensamento inovador para as áreas da filosofia, teologia e da existência da pessoa humana, onde estão inseridas as ciências sociais e da comunicação, especificamente.

Com essas duas fontes primárias do tomismo e da fenomenologia, Wojtyła também se aproxima do personalismo, principalmente nos textos de Jacques Maritain e de Emmanuel Mounier, que serão brevemente apresentados, seguidos da exposição dos fundamentos do personalismo em seu contexto histórico, corrente filosófica na qual Wojtyła está inserido.

As contribuições do pensamento de Jacques Maritain (1882-1973) são atribuídas ao que o filósofo francês constatou do tomismo para a sociedade moderna, apresentando um modo aberto e inovador de alinhar a filosofia tomista com uma perspectiva dialógica. "Em outras palavras, Maritain e Wojtyła se convenceram de que a modernidade, embora não cristã, era também portadora de valores verdadeiros e promotores da pessoa humana" (DAMASCENA, 2020, p. 60).

Em relação às obras de Emmanuel Mounier, Wojtyła teve acesso ao livro traduzido ao polonês com o título de *Manifesto ao serviço do Personalismo*. Damascena (2022, p. 61) evidencia alguns dos pontos principais de convergência entre Wojtyła e Mounier, entre eles estão a primazia da pessoa sobre a coletividade e da comunhão sobre o individualismo; a concepção de pessoa em aspectos objetivos e subjetivos; a pessoa considerada como alguém e não como coisa.

Considerando as aproximações entre o pensamento de Wojtyła e o que Mounier propõe com a corrente personalista, faz-se necessário destacar alguns dos fundamentos do personalismo e a sua estrutura, com o intuito de aprofundar ainda mais o conhecimento do personalismo wojtyliano e como ele pode ser assimilado ao fenômeno da midiatização em estágio de comunicação digital.

O personalismo é uma filosofia estruturada na Europa no início do século XX, cuja característica principal é colocar a pessoa no centro da sua reflexão acerca de determinado tema de estudo, envolvendo as diversas áreas do conhecimento. Sua consolidação se deu na França em 1930 e influenciou muitos acontecimentos relevantes na história como a Declaração dos Direitos Humanos da ONU (Organização das Nações Unidas) e o Concílio Vaticano II da Igreja Católica (BURGOS, 2018).

Segundo Juan Manuel Burgos, um dos grandes autores personalistas da contemporaneidade, o personalismo desenvolveu-se em um cenário de crise social, moral e intelectual, ocasionadas pelo contexto histórico de guerras e regimes autoritários do início do século XX. Para conseguir reverter essa crise nos diversos âmbitos, a resposta deveria ser não imediatista ou paliativa, mas sim algo que de fato fosse capaz de reverter tal situação.

Essa crise foi percebida também pelos pensadores personalistas, que tentaram responder a ela de diferentes ângulos, tanto teóricos como práticos. [...] foi cada vez mais intensa a percepção de que a solução dos desafios culturais e ideológicos que se apresentava era cada vez mais peremptória e urgente, convicção que se apurou especialmente nos anos 1930, quando o problema se mostrou uma crise de civilização e não apenas um simples problema intelectual (BURGOS, 2018, p.13).

Emmanuel Mounier foi o primeiro a estruturar o pensamento personalista considerando essa forte crise que atravessava o tempo e que exigia um movimento para reverter a situação complexa com um alcance global e atemporal (BURGOS, 2018).

Duas características da crise destacadas por Mounier e outros autores personalistas foram o individualismo e o coletivismo. "Essas eram correntes profundamente antiéticas, mas que se ligavam pelos extremos, formando uma poderosa arma que tornou inevitável uma busca alternativa" (BURGOS, 2018, p. 20).

O individualismo não é especificamente uma corrente estruturada como o facismo ou o comunismo, mas possui influência de pensadores como Hume, Hobbes ou Bentham, que corroboram com a máxima de um prazer extremo e do mínimo de dor. Isso desencadeia a ética utilitarista, pois submete tudo -inclusive as pessoas- a uma espécie de cálculo para atingir a máxima desejada (BURGOS, 2018, p. 21).

Em relação ao coletivismo, sua característica é oposta ao individualismo, promovendo a ideia de que o indivíduo isolado não é nada, apenas quando está

inserido no coletivo. Essa ideia de coletivismo tem raízes no idealismo de Hegel e se desdobra tanto nas ideologias marxistas quanto no fascismo e nazismo (BURGOS, 2018, p. 24). "O marxismo se dirigiu ao proletariado, às massas marginalizadas, oprimidas e exploradas pelo capitalismo, propondo-lhes a salvação por meio da luta de classes" (BURGOS, 2018, p. 24-25).

Seguindo essa mesma proposta coletivista, mas com ideais de apartar as consequências revolucionárias do comunismo, o fascismo e o nazismo também propunham ideais envolvendo o Estado e a sua autoridade, causando graves consequências aos que estavam submetidos a esse regime e desencadeando a degradação extrema da pessoa, que nesta proposta torna-se apenas uma peça que compõe o cenário para submeter aos interesses do estado ou do povo (BURGOS, 2018, p. 27).

O personalismo tentou ser essa alternativa excluída, uma opção a favor da pessoa que tomava do individualismo sua defesa dos direitos do sujeito e dos coletivismos [...]. O personalista, portanto, diferenciava-se tanto do cômodo individualista burguês como do fanático coletivista. Buscava abordar uma via média equilibrada, cujo eixo era a dignidade da pessoa, mas sem que isso supusesse a renúncia a compromissos ou decisões graves e difíceis (BURGOS, 2018, p. 28).

Outra característica do personalismo que é interessante ressaltar é o fato de seus autores em sua maioria serem católicos fervorosos, alguns deles passaram por um processo de conversão e acabaram por se identificar com a corrente. Este movimento pode ter alguma relação com o pedido de Leão XIII em sua encíclica *Aeternis Patris* (1879) para que fosse dedicada uma maior atenção aos seus gestos e para que retornassem ao Aquinate a fim de recuperar uma filosofia potente aos anseios da modernidade (BURGOS, 2018, p. 41).

A proposta parecia interessante, porém ainda foi considerada insuficiente por seus principais adeptos Jacques Maritain e Étienne Gilson. Por isso, os autores personalistas entenderam que era possível desenvolver uma renovação na inspiração filosófica cristã "[apoiados] na convicção de que ele possuía recursos ignorados que não haviam sido convenientemente explorados" (BURGOS, 2018, p. 43).

Desta forma, o trabalho em conjunto dos personalistas que possuíam raízes cristãs católicas resultou em uma nova fonte de vida e com um conceito exploratório

de caminhos antes não percorridos, que foram essenciais para estruturar o personalismo (BURGOS, 2018, p. 44).

Assim, com tudo o que foi dito anteriormente sobre o cenário de crise e da necessidade urgente de uma proposta alternativa eficaz para não pender ao individualismo ou ao coletivismo, o personalismo foi sendo cada vez mais estruturado e mostrando seus resultados advindos de uma filosofia cristã que havia sido esquecida, destacando o conceito de pessoa e as suas finalidades (BURGOS, 2018). É importante ressaltar que os autores denominados personalistas possuíam entre si algumas divergências subjetivas, todavia, é possível encontrar neles uma proximidade e alinhamento advindas da própria corrente em que estavam inseridos.

Feitas as considerações sobre o personalismo, seguimos ao passo de estruturar o pensamento de Wojtyla, tendo em vista que ele mantém suas raízes tomistas e fenomenológicas, mas está em plena concordância com a corrente personalista.

A obra magna de Karol Wojtyla é *Pessoa e Ação*, onde dedicou tempo para estruturar a pessoa humana a partir de sua subjetividade, além de outras contribuições originais que serão apresentadas para a compreensão deste projeto.

Antes de iniciar as exposições sobre sua produção filosófica, consideramos necessário falar sobre outros temas importantes para Karol Wojtyla e que assim como o personalismo, foram bases para a construção e desenvolvimento de seu pensamento.

Enquanto era professor da cátedra de ética na Universidade de Lublin, Wojtyla dedicou-se a pesquisar sobre esse tema que lhe era muito importante e o interessava de modo particular. "Seu objetivo: trabalhar na refundação das bases da ética clássica mediante a perspectiva fenomenológica" (BURGOS, 2018, p. 128).

Partindo da ética como base de seu pensamento, Wojtyla escreveu a sua primeira obra original *Amor e Responsabilidade*, escrita não com o intuito de ser uma construção filosófica, mas principalmente uma resposta pastoral para os diversos jovens que recorriam a ele para obter respostas sobre questões importantes para a vida conjugal e o amor matrimonial.

É importante destacar que na época os estudos sobre castidade eram considerados insuficientes para responder aos questionamentos modernos. Com isso, o autor propôs que "as pessoas a descobrissem [a moral sexual] em seu

próprio interior como um princípio positivo, estimulante e integrador, não como um mero freio externo para as suas tendências" (BURGOS, 2018, p. 131).

A estrutura de *Amor e responsabilidade* é baseada no princípio kantiano de que a pessoa nunca pode ser um meio, mas deve ser sempre um fim em si mesma, que desencadeia na concepção de complementaridade entre homem e mulher a partir da norma personalista que o autor desenvolveu (BURGOS, 2018).

Logo na primeira página, Wojtyła fala sobre o mundo dos objetos e da forma de ser no mundo, expondo com muita clareza que "o mundo em que vivemos se compõe de um grande número de sujeitos. [...] O sujeito é, ao mesmo tempo, um ser objetivo, é objetivamente qualquer coisa ou alguém" (WOJTYLA, 2016, p. 15).

Ele segue apontando a diferença entre o sujeito 'coisa' e o sujeito 'alguém', destacando que "essa simples e elementar distinção põe em evidência todo o abismo que separa o mundo das pessoas e das coisas. O mundo objetivo em que vivemos é composto de pessoas e de coisas" (WOJTYLA, 2018, p. 15). Essa explicação de Wojtyła já nos esclarece a diferença fundamental entre seu pensamento e a teoria ator-rede, que considera como principal eixo de sua pesquisa as correlações entre os agentes e não a subjetividade de cada um deles.

[...] Hesitaríamos em chamar coisa a um animal ou até uma planta. Contudo, não se pode falar de pessoa animal. Diz-se, pelo contrário, "indivíduo animal", entendendo com isto simplesmente "indivíduo de uma certa espécie animal". E esta definição basta-nos. Mas não basta definir o homem como indivíduo de espécie *homo* (nem sequer *homo sapiens*). O termo "pessoa" foi escolhido para sublinhar que o homem não se deixa encerrar na noção de "indivíduo de espécie"; porque há nele alguma coisa mais, uma plenitude e uma perfeição de ser particulares que não se podem exprimir senão empregando a palavra "pessoa" (WOJTYLA, 2018, p. 16).

Essa afirmação de que não é possível reduzir a pessoa a um indivíduo de espécie e que só a expressão pessoa pode resumir em si o que o homem possui é justificada pela racionalidade estruturada em um pensamento conceitual, já apresentada por Boécio e que constitui a sua particularidade (WOJTYLA, 2018).

Wojtyła (2018) também é condizente com a afirmação de que a pessoa possui uma interioridade, estado onde a sua vida interior é desenvolvida. Além disso, outra característica importante da pessoa é que ela não é apenas constituída de vida interior, mas também se comunica com a vida exterior e está inserida nela de forma objetiva.

A comunicação da pessoa com o mundo objetivo, com a realidade, não é só física, como acontece com todos os seres da natureza; [...] a pessoa humana se comunica com os outros seres por meio da própria interioridade. [...] Sem dúvida, a ligação da pessoa humana com o mundo tem início no plano físico e sensorial, mas é na esfera da vida interior que essa ligação assume aquela forma que é peculiar somente ao homem (WOJTYLA, 2018, p. 17).

Seguindo a formulação kantiana de que a pessoa não pode ser um meio, mas sempre um fim em si mesma, Wojtyla (2018) considera que esse princípio está na base de toda liberdade, especialmente na liberdade de consciência.

Tendo essa compreensão, encaminha-se a outra premissa importante do pensamento wojtyliano que é a impossibilidade de a pessoa ser usada sob nenhuma condição, principalmente quando está sendo criado um vínculo entre os envolvidos. Essa ideia está muito relacionada com o surgimento da filosofia personalista, que mantém uma oposição contra o individualismo desencadeado pelo utilitarismo e do coletivismo também.

A proposta de Wojtyla (2018) é estabelecer uma norma personalista baseada no Evangelho, especificamente no mandamento do amor, fazendo uma análise das discrepâncias entre o mandamento do amor e do utilitarismo. Para ele, a norma personalista justifica o mandamento evangélico.

Outro ponto importante abordado no livro *Amor e Responsabilidade* é a diferença de amor por concupiscência e por benevolência. O primeiro é um amor que se traduz através do desejo, que de forma resumida afirma "amo-te porque és para mim um bem". O segundo, por sua vez, está afastado de todo interesse presente no amor de concupiscência, afirmando "eu desejo o teu bem".

Destacamos também o que o autor aborda sobre vocação, que está relacionado principalmente com a vivência cristã e que advém do latim *vocare*, com significado de chamado. A concepção de chamado só pode ser desenvolvida e realizada na pessoa. "No mundo das coisas [a vocação] não tem nenhum significado: não se pode falar da vocação de um objeto inanimado. As coisas não fazem senão desempenhar certas funções ao serviço deste ou daquele fim" (WOJTYLA, 2018, p. 249).

Apesar da intrínseca relação com um chamado espiritual e que pode ser utilizado principalmente neste ambiente de religiosidade, a definição de Wojtyla reflete a um caráter subjetivo de a todo momento trazer a pessoa para o centro da atuação e destacar seu protagonismo perante os demais seres e objetos.

Por isso, todas as exposições contidas em seu livro *Amor e Responsabilidade* descritas nesta pesquisa têm como interesse afirmar o seu modo diferenciado de pensar, principalmente a sua abordagem que reúne o objetivo e subjetivo em paralelo para que a pessoa e o amor humano sejam compreendidos em sua integralidade.

A sua obra magna *Persona y acción*¹ também segue este mesmo princípio da pessoa como centro de sua investigação, modelo alinhado ao personalismo que direciona a descobrir o valor da pessoa a partir dela mesma. Sobre essa obra, anos depois em *Dom e Mistério*, Karol Wojtyła, já ordenado papa sagrado como João Paulo II, confirma que a obra possui um caráter personalista.

Penso, sobretudo, no livro "Pessoa e ato". Deste modo, me incluí na corrente contemporânea do personalismo filosófico, estudo que deu seus frutos pastorais. [...] Esta formação no horizonte cultural do personalismo deu-me uma consciência mais profunda de como cada pessoa é única e irrepetível (JOÃO PAULO II, 1996, p. 106-107).

Wojtyła inicia *Persona y acción* fazendo uma reflexão epistemológica (BURGOS, 2022, p. 73), pretendendo traçar um caminho que direciona a uma ontologia unida à subjetividade, pois desta forma seria possível construir uma antropologia com raízes ontológicas. Para isso, o autor seguirá um método próprio.

O método de Karol Wojtyła se move entre dois processos básicos que convém diferenciar desde o começo: a experiência é o processo primário e vivencial pelo qual a pessoa se relaciona com o mundo; a compreensão é a consolidação cognoscitiva da experiência, a elevação a conhecimento expresso das experiências que toda pessoa acumula (BURGOS, 2022, p. 74).

A epistemologia wojtyliana parte de duas tradições filosóficas: o tomismo e a fenomenologia. Burgos (2022) considera que o método é original e de cunho personalista porque emprega a experiência e a sua integralidade para construir uma antropologia com raízes ontológicas, unindo a objetividade e subjetividade, um processo de compreensão da experiência do homem.

Ao comparar a epistemologia wojtyliana com outras que possuem relação com a fundamentação teórica do autor, Burgos (2022) esclarece por que a metodologia aplicada por Karol Wojtyła é inovadora e muito potente para o

¹ Será utilizada a versão em espanhol, pois até o atual momento a obra não possui tradução para o português. Todas as citações referentes a essa obra foram feitas pela autora.

personalismo contemporâneo. Para fazer essa justificação, o autor utiliza três tradições da filosofia: o empirismo, a fenomenologia e o tomismo.

Do empirismo, a semelhança com a epistemologia wojtyliana se dá por partir da experiência, todavia, existe uma diferença crucial pois a primeira "só proporciona informação do mundo sensível, o que é totalmente inaceitável para Wojtyla, pois o mundo que surge só das sensações e percepções é desestruturado e superficial". (BURGOS, 2022, p. 87).

Em relação à fenomenologia, as semelhanças são mais estreitas, principalmente porque Wojtyla conseguiu extrair muitas características do método fenomenológico de Husserl, porém as diferenças principais se dão no elemento-chave da fenomenologia, a *epoché*, que significa colocar o mundo entre parênteses, sem discuti-lo e sem colocá-lo à prova (HUSSERL *apud* BURGOS, 2022). Apesar de Wojtyla ter muita proximidade com esse método, ele segue um caminho diferente, "[...] já que não quer colocar o mundo entre parênteses, mas, justamente, o contrário: mergulhar no mundo para conhecê-lo em toda sua riqueza e profundidade através da experiência" (BURGOS, 2022, p. 90).

Assim como a fenomenologia, o tomismo tem uma forte influência para Wojtyla, principalmente sobre a teoria do conhecimento, mas ele parte do princípio de que o intelecto é capaz de conhecer desde o princípio o real e o singular, considerando que o conhecimento parte da indução - que será explicada com detalhes no próximo capítulo- enquanto no tomismo a compreensão parte inevitavelmente da abstração (BURGOS, 2022, p.91).

Além das diferenciações das grandes correntes filosóficas, é importante ressaltar que a epistemologia de Wojtyla foi estruturada partindo do ponto onde existiam limitações nas propostas apresentadas acima do que o impedia de chegar ao seu objetivo: a pessoa humana (BURGOS, 2022, p. 94).

Sua antropologia reúne a filosofia do ser e da consciência e é apresentada de forma muito bem estruturada, todavia, Burgos (2022) observa que a sua epistemologia pode ser melhor desenvolvida por apresentar características originais e muito consistentes não aprofundadas por Wojtyla.

A partir desta constatação, o autor desenvolve o personalismo integral seguindo a estrutura da epistemologia wojtyliana, que pode ser encontrada em seus artigos, palestras e livros amplamente divulgados e considerada de grande valor nos espaços onde a filosofia personalista está inserida.

3.2.1 A experiência da pessoa

Persona y acción começa com o autor detalhando o processo de experiência do homem na introdução, resumindo a sua estrutura epistemológica já descrito anteriormente e fazendo considerações importantes sobre o que se refere. Ele define a experiência como "tudo aquilo que o homem se dirige cognitivamente" (WOJTYLA, 2011, p. 31). Ela é base do conhecimento da pessoa humana, a percepção imediata e direta das coisas e está alinhada a um processo complexo, composta por diversas outras experiências, é o seu resultado (WOJTYLA, 2011).

Certamente, uma experiência é algo individual e cada uma delas é única e irrepetível; no entanto, há algo que pode ser chamado de experiência humana, com base na continuidade dos dados empíricos. O objeto de tal experiência não é apenas um fenômeno sensível transitório, mas também o próprio homem que se revela a partir de todas as experiências e que, ao mesmo tempo, está em cada uma delas. [...] A experiência do homem - daquele homem que sou - perdura tanto quanto se mantém aquele contato cognitivo direto do qual sou, por um lado, sujeito e, por outro, objeto (WOJTYLA, 2011, p. 32).

Wojtyla (2011) também destaca que a experiência do homem é composta pela junção entre a experiência que tenho de mim mesmo com a experiência que tenho dos demais homens e quanto maior o número de pessoas que integram essa experiência, mais rica e qualitativa ela será.

É importante destacar a distinção entre o eu e o homem no que se refere à experiência sob a ótica wojtyliana, considerando que as pessoas externas ao homem são objeto de experiência diferente do que a pessoa é em si mesma.

Na experiência do eu, o homem consegue captar através da subjetividade as coisas e pessoas, enquanto a experiência do homem é o contato com o externo, com os outros homens, a sua relação com a exterioridade. De toda forma, é importante destacar que essas experiências, apesar de serem distintas, são realizadas de forma unitária e integradas entre si, pois "o homem nunca experimenta algo externo a si, sem que tenha, de algum modo, experimentado a si mesmo paralelamente" (WOJTYLA, 2011, p. 34-35).

Além do caráter da experiência primária, a compreensão também tem uma participação importante neste processo, pois é nesta etapa que será possível compreender o que foi vivenciado a partir da experiência. Comentando essa etapa da experiência do homem, Burgos (2022) ressalta que a compreensão consolida a

formação cognitiva e, através desta consolidação, é possível comparar e analisar a experiência do sujeito e dos demais homens.

A compreensão possui dois momentos fundamentais, - indução e a redução. O primeiro é a indução, definida como a tarefa que capta a substancial finalidade qualitativa. O segundo momento acontece o que Wojtyła chama de redução, fase em que é esclarecida e explicada o que a pessoa captou através da indução. É importante esclarecer que a redução não está ligada ao ato de diminuir ou limitar, mas a extrair e interpretar. É o momento de aprofundar na realidade efetivamente existente (WOJTYLA, 2011, p. 51).

Com essas duas realidades, Wojtyła (2011) nos direciona através de seu método ao processo de compreensão da experiência do homem. Ele nos explica que esse caminho é determinado pela junção das duas realidades interna-subjetiva e a externa-objetiva. Esse processo é desenvolvido através da inter-relação entre as correntes da filosofia do ser e da consciência, pois unindo os dois aspectos a possibilidade de viver uma experiência integral se torna mais genuína.

Pode-se afirmar que, acima da complexidade da experiência do homem, emerge, no entanto, a sua simplicidade essencial. A própria complexidade dessa experiência consiste simplesmente no fato de que a totalidade dessa experiência e do conhecimento sobre o homem que dela decorre se compõe tanto da experiência que cada um de nós tem de si mesmo quanto da experiência de outros homens; tanto as experiências de dentro quanto as de fora (WOJTYLA, 2011, p. 38).

Com essa percepção sobre o método desenvolvido por Wojtyła para compreender a experiência do homem de forma profunda e original, percebe-se que a experiência integral é entendida como uma vivência pessoal que implica a integração do intelecto e da sensibilidade no ato cognitivo que favorece a dimensão significativa de determinada experiência.

Ainda sobre a formulação da experiência integral, Wojtyła (2011) afirma que é possível, através da ação da pessoa, interpretar o homem como sujeito da nossa experiência, unindo como já foi dito antes, os dois aspectos interior e exterior.

Toda essa experiência vivenciada e compreendida pode ser expressa publicamente aos demais, onde após ser captada pela indução, o homem pode desenvolver formulações específicas para comunicar determinada experiência, isso acontece "porque o conhecimento humano como fato social se forma pela comunicação mútua do que se compreende" (WOJTYLA, 2011, p. 53).

Essa afirmação de Wojtyła será importante para a análise da mediação na fase de comunicação digital, pois expressa muito da ideia do projeto inicial de que a evolução dessa sociedade mediada reflete uma necessidade ontológica da pessoa que quer se comunicar e viver experiências com os demais.

3.2.2 Ação livre e consciente

Depois de explicar o contexto de experiência e principalmente como ele se aplica como método, destacamos agora o que Karol Wojtyła define como ação humana e ressaltamos outros conceitos importantes para o autor.

A ação é definida por Wojtyła como a atividade consciente do homem, que também possui a característica de ser livre. Essa noção advém da teoria aristotélico-tomista e Wojtyła adotou este mesmo conceito para potencializar o ato da pessoa humana. No agir humano, a pessoa tem conhecimento de que está atuando, tendo a consciência presente em todo o processo de sua ação e sendo consciente de que está atuando.

A consciência acompanha a ação em todo seu processo de desenvolvimento e de conclusão, e este acompanhamento possibilita que a ação seja consciente. Ela é o reflexo das ações, mas também a imagem de tudo aquilo que o homem pode entrar em contato (WOJTYLA, 2011).

Alinhada à classe da consciência, está o autoconhecimento, que sugere à pessoa o papel de sujeito e objeto. Este processo está vinculado à consciência mais do que a qualquer outro tipo de conhecimento, pois "a consciência reflete as ações e relações com o próprio eu graças ao autoconhecimento. Sem este, a consciência permaneceria privada dos conteúdos significativos do próprio eu" (WOJTYLA, 2011, p. 77).

Além da consciência e da ação da pessoa, Wojtyła (2011) também destaca a pessoa em sua natureza, que integra todo o dinamismo próprio do homem. É essa natureza própria que possibilita que alguém exista e atue como pessoa.

Na ação da pessoa humana, a moral também tem uma colaboração importante, devido ao fato de que o homem se torna mau ou bom moralmente mediante as suas ações. A moralidade está simultaneamente relacionada com a natureza, com a humanidade e com o agir da pessoa (WOJTYLA, 2011, p. 162).

Além da ação e da moralidade inserida na estrutura integral da pessoa, um outro elemento que compõe a ação humana é a liberdade. Ela é a raiz do processo que "torna o homem bom ou mau mediante as suas ações" (WOJTYLA, 2011, p. 163). É descobrindo a liberdade que o homem poderá operar de forma mais profunda como sujeito das próprias ações.

A transcendência é destacada como a vivência real de que sou o agente da ação. Também possui uma proximidade com os conceitos da filosofia do ser e da consciência que consideram transcendência um tender ao movimento de saída e para além do sujeito (WOJTYLA, 2011). Esse conceito será importante para compreender mais adiante o que Wojtyla expõe sobre a pessoa humana e a sua integralidade na ação.

3.2.3 A autodeterminação da pessoa

Karol Wojtyla define como autodeterminação a relação entre a manifestação da vontade como propriedade da pessoa e a dinâmica constituída a partir dessa última. A autodeterminação manifesta que a pessoa possui liberdade.

Destacamos também que a pessoa só pode autodeterminar-se na medida em que ela possui a si mesma, isto é, a autodeterminação está fundamentada na autopossessão. Assim, a autodeterminação corresponde ao uso que a pessoa - que possui a si mesma - faz da sua vontade. "A autodeterminação, ou seja, a vontade como propriedade da pessoa enraizada no autocontrole e no autodomínio, revela em sua ordem dinâmica cada 'eu' concreto, que age conscientemente" (WOJTYLA, 2011, p. 171).

3.2.4 A pessoa humana e a sua integração na ação

Alguns dos conceitos apresentados em sua obra magna e situados anteriormente destacam a transcendência como parte da dinâmica da pessoa, mas este não esgota essa realidade de modo completo, nem mesmo os também citados conceitos de autodeterminação e autopossessão.

A ideia de integração emerge a partir do conceito de transcendência e da reflexão sobre a eficácia e a subjetividade do ego da pessoa humana. A experiência do homem, enquanto sujeito da ação, difere de sua experiência de eficácia. Existe algo de passividade na experiência de subjetividade e, na

de eficácia. [...] A integração se processa, por sua vez, na subjetividade. A integração se manifesta quando a transcendência se encontra acompanhada de autopossessão e da unidade subjetiva. (SILVA, 2005, p. 77).

Sendo assim, a integralidade da pessoa, pode ser considerada concomitantemente processo e resultado, algo que complementa o que a transcendência realiza. Antes de aprofundar este conceito, é necessário entender o que o autor define por desintegração, que foge do âmbito científico atribuído ao estudo da pessoa humana.

Wojtyla caracteriza como desintegração "aquilo que se mostra como falta ou insuficiência nas estruturas de autopossessão e autodomínio, que são específicas da pessoa" (WOJTYLA, 2011, p. 281).

A desintegração da pessoa pode ser encarada de diversas formas, e Wojtyla (2011) distingue a desintegração atual, habitual e potencial. Apesar das diferenças pontuais entre elas, ambas estão relacionadas com a ausência de associação, que causa disfunções no momento de atuar e decidir adequadamente.

Por isso, quando o autor apresenta a ideia de integração e de sua importância, sinaliza que ela é a unidade que constitui a pessoa-ação, que se realiza em um estágio superior a unidade psicossomática, que considera a complexidade e multiplicidade da pessoa e por isso é um aspecto complementar à transcendência. Essa dinâmica insere o corpo e a psique na ação de forma concreta, onde o progresso integrativo da pessoa em unidade promove a autopossessão.

Determinar o significado fundamental da integração e também de desintegração da pessoa na ação é algo como o clímax dessa mudança de visão. A concepção do homem como essência psicofísica - à luz da experiência total da a pessoa- inclui a concepção da pessoa que é revelada de modo especial em ação. Inclui, pois, o conceito de transcendência e de integração como aspectos complementares, quando se trata da interpretação profunda do que inclui a experiência 'o homem age' (WOJTYLA, 2011, p. 285).

Com isso, percebe-se que a integração da pessoa se apoia no condicionamento psicossomático, que consiste na presença de todos os elementos próprios de ambas as esferas (psíquicos e somáticos), além de consistir em um "sistema de condicionamentos mútuos que tornam possíveis as funções próprias do homem. Trata-se, pois, de uma integridade dinâmica, não estática" (WOJTYLA, 2011, p. 293).

Nesta integração da pessoa-ação, o corpo é o seu primeiro fator integrativo e está presente em sua interioridade, manifesta-se apenas como um dinamismo somático e o externo está atrelado ao dinamismo interno.

Em relação à psique e ao somático, eles demonstram nítida dissemelhança, apesar de serem uma mesma unidade e integração da pessoa. A psique possui uma base de experiência intuitiva, que expressa que é distinta da condição somática.

A diferença entre os dois também é citada por Wojtyla (2011) ao compreender que a integridade da psique não se manifesta de modo externo como o somático, o que torna possível dissociar a psique do corpo e observá-las separadamente, sem, todavia, esquecer que o corpo exterioriza as condições internas e mantém a integridade da pessoa enquanto atua.

A estrutura humana integrada que Wojtyla (2011) considera é segundo os aspectos físicos, com a subjetividade física do corpo, o psíquico, com a subjetividade psíquica onde estão as emoções e sensações e por fim o espiritual, que agrega o intelecto e a vontade. Esses três aspectos estão integrados na ação, que é dirigida a alguém.

A pessoa humana é capaz de uma sensação integral de si mesma e não apenas do próprio corpo. Ela pode sentir que determina o dinamismo de seu ego e que experiencia a sensação do mundo [...]. O ser humano, entretanto, não tem uma sensação só do corpo e dos corpos em geral, mas, inclusive, de sentimentos estéticos, religiosos ou morais (SILVA, 2005, p. 91).

Esse entendimento da integração da pessoa é seguido pelo último capítulo do livro *Persona y Acción*, onde o autor fala sobre a participação e atuação com os demais, considerada um outro aspecto da pessoa e sua forma de atuar.

3.2.5 Participação e relacionamento com os demais

Para começar a expressar a relação de participação, Wojtyla (2011) utiliza o termo "junto com os outros", que se refere à atuação com os demais, ou seja, a observação das ações humanas que são frequentemente encontradas em relação à sua comunidade ou caráter social. Ele destaca que apesar da compreensão de que existem relações sumamente diferentes, contudo, todas elas constituem um aspecto da ação e correlação no dinamismo com os demais.

Desta forma, é apresentada (WOJTYLA, 2011, p. 378) uma ligação que não é pautada sob os princípios da sociologia, mas que envolve o que toda a obra já vinha tratando, sobre o caráter humano, isto é, manter o método que determina a ação como realidade fundamental e básica, também para toda a riqueza das ações de caráter comunitário ou social inter-humano.

A observação do caráter participativo parte do mesmo princípio do valor personalista de que a pessoa realiza a si mesma quando está atuando. Tendo em vista essa concepção, a participação é compreendida como "o que corresponde à transcendência da pessoa na ação quando que a ação se realiza 'junto com os outros', nas diversas relações sociais ou interpessoais" (WOJTYLA, 2011, p. 386).

As ações humanas se realizam em variadas relações sociais. O correto entendimento da cooperação é resultante de uma integral compreensão da atuação da criatura humana. A cooperação, este atuar junto com os outros, sem a participação, elimina das ações do homem seu valor próprio de pessoa. [...] A participação implica, portanto, na transcendência e na integração da pessoa que age nas relações interpessoais (SILVA, 2005, p 98-99).

É importante destacar que, neste sentido, a participação torna-se uma propriedade da pessoa que está atuando e, ao fazer essa afirmação, Wojtyla (2011) não considera a pessoa como algo abstrato, mas a pessoa concreta em sua relação dinâmica com a ação. Nesta correlação, participação significa -em primeiro lugar- a capacidade de agir "junto com outros" de modo que tudo o que resulta da ação em comum se realize nela e, ao mesmo tempo, precisamente por ela, o agente pode perceber o valor pessoal de sua ação.

Analisando a participação, o autor depara-se com o conceito de individualismo, que apresenta a pessoa como um bem principal e fundamental, acima de qualquer subordinação e adequação social; e o totalitarismo, por sua vez, é o oposto, considera uma subordinação radical da pessoa e incondicional aos princípios da comunidade e da sociedade (WOJTYLA, 2011). São feitas advertências de ambos os conceitos pois reduzem a característica essencial da pessoa, cada um à sua maneira desconfigura o que é a qualidade de participação da pessoa na comunidade.

Assim, é importante destacar que para Wojtyla (2011) a pessoa vem antes da comunidade em que participa, e deve manter a sua identificação como sujeito no ser e existir, apesar de estar atuando junto com os outros. É diante desta perspectiva

que a comunidade desenvolve uma estreita relação com a experiência da pessoa, pois ali a ela poderá existir e atuar junto com os outros e, como consequência dessa ação, realizar-se a si mesma.

O homem pode ser membro de várias comunidades nas quais atua junto com os outros, onde essas relações podem ser entendidas de forma associativa ou qualitativa. No entanto, ser apenas membro de uma comunidade não atinge a esfera subjetiva da participação, que levará a pessoa de fato pertencer a uma comunidade atuando com os demais, onde poderá autorrealizar-se nelas a partir de sua participação na comunidade.

Assim, a diferença entre comunidade e participação está na realidade de que a comunidade pode permanecer na condição objetiva e não ultrapassar para o nível subjetivo, enquanto a pessoa que participa de uma comunidade, está condicionada a se realizar e a atuar de forma integral.

Wojtyla (2011) diz que esta tensão entre participação e comunidade será resolvida apenas na realidade do bem comum, onde de forma objetiva a comunidade alcança seus interesses, por exemplo, o departamento de uma empresa que precisa atingir determinada meta e todos estão atuando para esse bem comum. Porém, esta visão unilateral e objetivista não corresponde ao subjetivo da pessoa que participa dessa ação, convergindo para a verdadeira realização da pessoa.

Assim, podemos dizer que o verdadeiro bem comum é manifestado na atuação que mantém o objetivo da comunidade e a participação da pessoa com seus aspectos subjetivos para estar realizada, o que tornará a participação da pessoa autêntica na comunidade.

Existe também uma diferenciação do membro de uma comunidade e o próximo, que apesar de não serem opostos nem estarem separados, pois o conceito de próximo pode ser entendido como uma qualificação de um membro da comunidade, "indica algo mais profundo do que proximidade ou convívio entre os homens" (WOJTYLA, 2011, p. 414). É importante destacar que o conceito de próximo também expressa o relacionamento recíproco e universal entre os homens de modo geral, que considera o valor do homem independente de sua participação em alguma comunidade.

A capacidade de participar vai além: especificamente, vai tão longe quanto indica o conceito 'próximo'. O homem-pessoa é capaz de não apenas participar de uma comunidade, para existir e agir 'juntos com os outros', mas também é capaz de 'participar da humanidade dos outros' (WOJTYLA, 2011, p. 415-416).

Wojtyla encerra sua exposição sobre participação destacando o mandamento do amor em uma perspectiva ética, que em sua análise "[este mandamento] enfatiza de forma suficientemente expressiva e coerente que, em qualquer ato e existir 'junto com outro', o sistema de referência 'próximo' tem um significado fundamental" (WOJTYLA, 2011, p. 417).

No contexto ético do mandamento do amor, a participação referenciada ao próximo direciona a finalidade de qualquer participação como membro de uma comunidade, isto porque o próximo expressa a mútua relação fundamental entre todos os homens em uma mesma humanidade, enquanto a referência ao mero membro de uma comunidade não possui essa capacidade.

Ainda sobre o mandamento do amor, este evidencia a capacidade de ser e existir junto com os outros. O mandamento do amor também determina a medida adequada "tanto das tarefas como das exigências que devem ser assumidas por todos os homens -pessoas e comunidades- para que todo o bem do agir e existir 'junto com os outros' possa ser verdadeiramente realizado" (WOJTYLA, 2011, p. 421).

Depois de expor as principais considerações da obra magna de Karol Wojtyla que serão essenciais para relacionar com o contexto de sociedade midiaticizada, será descrita a ética antropológica do autor e em seguida passaremos para a análise das cartas do então João Paulo II direcionadas para as comunicações, a fim de tornar a associação da comunicação digital como reflexo da necessidade experiencial da pessoa a partir do personalismo wojtyliano mais completa e para absorver suas considerações mais importantes sobre o tema.

É importante destacar que a obra *Persona y acción* é muito complexa e possui muitos conceitos valiosos para contribuir com a observação, mas que seriam excessivos para o objetivo da análise. Assim, conforme pode-se observar no que foi exposto anteriormente, selecionamos apenas alguns dos principais pontos tratados em sua obra magna, considerados necessários para este processo de relacionalidade com a comunicação digital - ou sociedade midiaticizada.

3.3 Ética personalista de Karol Wojtyła

Ao apresentar algumas informações sobre a biografia de Wojtyła, percebemos que a ética sempre foi um tema muito presente em seu pensamento, inclusive ele lecionou ética aos alunos da Universidade de Lublin e teve seu segundo doutorado dedicado a estudar a ética de Max Scheller.

Como a própria epistemologia de Wojtyła nos apresenta uma junção entre o objetivo e o subjetivo, sua ética (SILVA, 2022) também está fundamentada nesta premissa, onde o homem, enquanto pessoa, deve concomitantemente conhecer e interiorizar a norma que não é produzida pela consciência.

Recordemos que segundo Wojtyła, a pessoa como ser é constituída fundamentalmente de consciência e vontade livre, capaz de autotranscendência e de integração entre as dinâmicas biológicas e afetivas que desencadeiam na integração da pessoa em sua ação, além do fato de que a experiência é o ponto de partida que fundamenta o conhecimento da pessoa humana, ou seja, a percepção imediata das coisas e a experiência de si mesma.

A experiência da relação da pessoa humana com a sua ação constitui o passo inicial para compreender o problema ético. É necessária uma síntese entre o aspecto objetivo da pessoa e da ética, que emerge da estrutura ontológica da pessoa, com o aspecto subjetivo que se expressa na realidade da consciência, da vontade livre, da integração da pessoa na comunidade humana (SILVA, 2005, p. 101).

A pessoa, em sua experiência moral, experiencia também a sua própria existência, onde esta relação implica fazer o bem e rejeitar o mal, formando a sua consciência sobre a dignidade que possui, além de ser através dos atos morais que o homem é aperfeiçoado como pessoa e demonstra a sua liberdade com um bem autêntico (SILVA, 2022).

O agir do homem só constrói a pessoa ao passo que for realizado de forma ética, isto é, "a ação, se não se pautar pela norma ética adequada, levará a pessoa à frustração" (SILVA, 2022, p. 106). Assim, percebemos que Wojtyła atribui à ética um papel essencial na realização da pessoa humana.

Na sua norma personalista baseada na ética kantiana, Wojtyła afirma que a pessoa nunca pode ser usada como meio para determinados fins, que em linhas gerais usar significa servir-se de qualquer coisa como instrumento e, a pessoa,

devido as suas capacidades intelectuais e dignidade ontológica, não pode ser usada em nenhuma hipótese, mas deve ser o fim das ações.

A base da norma personalista de Karol Wojtyla está no mandamento do amor, já citado anteriormente e é somente nele que a pessoa poderá ser considerada com a plena dignidade que lhe é devida. "O amor é a única norma que se conforma ao ser da pessoa e deve reger as relações entre todos os seres humanos" (SILVA, 2022, p. 114).

3.4 Karol Wojtyla e os meios de comunicação

Para encaminhar a reflexão do pensamento de Karol Wojtyla sobre a pessoa e analisar de forma mais profunda como a comunicação digital reflete a necessidade humana de ser integrada em si mesma, partimos para uma observação sobre o que nosso autor considera a respeito dos meios de comunicação.

É importante ressaltar que Wojtyla, tendo seu falecimento no ano de 2005, não acompanhou suficientemente todas as transformações midiáticas da fase atual de cultura digital, contudo, é possível extrair alguns de seus pensamentos sobre o fenômeno comunicacional a partir de seus escritos, principalmente nos encontros mundiais das comunicações e em cartas apostólicas desenvolvidas em seu ministério episcopal como papa.

A primeira encíclica do Papa João Paulo II, com o título *Redemptor Hominis* nos apresenta um panorama geral de tudo aquilo que constituía o seu pensamento em relação ao homem, evidentemente destinados aos princípios e valores cristãos, porém expressa outros elementos importantes para o homem do novo milênio de modo geral.

Proferida em 1979, a *Redemptor Hominis* é constituída de exposições sobre a redenção do homem e a sua orientação para o amor redentor de Cristo. Além disso, o que nos interessa nesta carta são as reflexões sobre o homem contemporâneo, que parece estar ameaçado por aquilo que produz, gerando-lhe medo e insegurança.

A carta segue com provocações que direcionam a exigência de que as evoluções técnicas sejam encaminhadas com o progresso da vida moral e da ética, que em sua percepção estão sempre atrás do crescente movimento tecnológico. Por isso, o Papa João Paulo II faz a seguinte interrogação: "Este progresso, de que é

autor o homem, torna de fato a vida humana sobre a terra, em todos os seus aspectos, «mais humana»? Torna-a mais «digna do homem»?" (JOÃO PAULO II, Papa, 1979). Ele diz que em vários aspectos a técnica promove o ser humano, mas ressalta que essa pergunta deve ser sempre disposta a pensar nas condições humanas e a respeito da pessoa, pois é ela (pessoa) que deve direcionar o progresso e a evolução técnica.

Com esta pergunta fundamental e com suas exposições sobre a técnica de modo geral, podemos perceber que, para Wojtyla, a técnica deve estar subordinada à dignidade e a promoção de condições mais favoráveis à pessoa. Considerando as evoluções midiáticas como parte do progresso tecnológico, nos apropriamos dessa premissa para dispor, em um outro momento, o que será analisado do ponto de vista analítico a importância de a comunicação digital ser pautada na dignidade e na valorização da pessoa.

Desse modo, consideramos importante também apresentar algumas das reflexões sobre a comunicação, extraindo o que João Paulo II compartilhava em suas mensagens sobre o dia mundial das comunicações, que de acordo com o que foi publicado no site oficial do Vaticano, o *Vatican News*, foram 27 mensagens direcionadas a cada ano para o tema da comunicação social.

Na mensagem do dia 18 de maio de 1980, o Papa direcionou suas palavras aos efeitos dos meios de comunicação em massa nas famílias, ressaltando a importância deles na sociedade de modo geral, mas exortando para que os pais e familiares ficassem atentos às influências que a televisão poderia gerar nos jovens, pois os *mass media* oferecem uma "extraordinária oportunidade, mas escondem também insídias e perigos a não descuidar" (JOÃO PAULO II, Papa, 1980).

Também ressaltamos outra mensagem onde o Papa destaca que "o homem, também nos contatos com os *mass media*, é chamado a ser ele mesmo: isto é, livre e responsável, 'usuário' e não 'objeto', 'crítico' e não 'submisso'" (JOÃO PAULO II, Papa, 1981). Isso reforça outro aspecto de sua posição sobre os meios de comunicação em geral, que devem reforçar a forma como as pessoas devem estar inseridas em tais meios.

Considerando os avanços dos próprios meios e as suas atualizações, em sua mensagem do dia 24 de maio de 1998, celebrando o 32º dia das comunicações sociais, João Paulo II cita algo de extrema importância na utilização dos meios de comunicação de massa, onde aponta os objetivos e finalidades dessas ferramentas.

Nunca se deve esquecer que a comunicação transmitida através dos meios de comunicação social não é um exercício utilitarista, com a simples finalidade de solicitar, persuadir ou vender. Ela também não é um veículo para ideologias. Os meios de comunicação social, por vezes, podem reduzir os seres humanos a unidades de consumo ou a grupos de interesse em competição entre si, ou manipular telespectadores, leitores e ouvintes como meras cifras das quais se esperam vantagens, quer elas estejam relacionadas com um apoio de tipo político ou com a venda de produtos; são estes fatos que destroem a comunidade. A comunicação tem a tarefa de unir as pessoas e de enriquecer a sua vida, e não de as isolar e explorar. Os meios de comunicação social, se forem usados de maneira correta, podem contribuir para criar e manter uma comunidade humana baseada na justiça e na caridade e, na medida em que o fazem, tornam-se sinais de esperança (JOÃO PAULO II, Papa, 1998).

A citação desse parágrafo expressa a percepção de que para Wojtyla, a comunicação tem o papel de unir e transformar a cultura humana de modo geral e tornar-nos assim mais próximos uns dos outros. E isso só acontece quando eles favorecem a participação das pessoas de forma justa e digna.

Além disso, em outras mensagens, João Paulo II também disse que as comunicações sociais devem ser responsáveis por propagar a paz, proporcionando assim um ambiente geral de integridade e unidade entre as pessoas. Para que isso seja possível, ele destaca o papel dos profissionais e pessoas que atuam na comunicação, dizendo que devem "promover a informação serena e imparcial, promover o mútuo entendimento e o diálogo, reforçar a compreensão e a solidariedade, [assim] terão dado uma magnífica contribuição para a causa da paz" (JOÃO PAULO II, Papa, 1983).

Na mensagem compartilhada no dia 24 de maio de 1984 para celebrar o 18º dia mundial das comunicações sociais, o Papa também apresentou uma abordagem relevante sobre a cultura transmitida através dos meios de comunicação, fazendo um apontamento interessante sobre a cultura atual.

A cultura do nosso tempo, especialmente, parece dominada e plasmada pelos mais novos e poderosos entre os meios de comunicação — o rádio e, sobretudo, a televisão —, tanto que, por vezes, parecem impor-se como fins e não como simples meios, também pelas características de organização e de estrutura que exigem. Este aspecto dos modernos *mass media*, no entanto, não deve fazer esquecer que se trata, sempre, de meios de comunicação, e que esta, por sua natureza, é sempre *comunicação de alguma coisa*: o conteúdo da comunicação, portanto, é sempre determinante e tal que qualifica a mesma comunicação (JOÃO PAULO II, Papa, 1984).

Mais uma vez fica evidente que para João Paulo II os meios de comunicação têm um papel muito importante na sociedade na promoção da cultura, que para ele esse termo (cultura) está relacionado com a forma do homem ser e existir no mundo.

Assim, partindo do ponto onde cultura é a forma de expressar sua própria natureza, podemos perceber que sob a perspectiva de Wojtyla, a inserção de uma cultura de mídias deve ser realizada considerando-os sempre o seu papel nessa atuação, que é especificamente ser um meio e promotor de uma comunicação da verdadeira cultura que manifesta a existência da pessoa sob diversas adaptações possíveis.

Seguindo a mesma dinâmica anual de relacionar a comunicação social com um tema recorrente para a civilização, João Paulo II falou sobre a questão da opinião pública e da responsabilidade em formar opiniões que defendem a vida, o respeito e a dignidade da pessoa, proporcionando assim uma opinião pública que esteja dedicada a promover valores morais consistentes. Neste contexto, a comunicação social tem a função "de serem postos a serviço do homem e, portanto, da verdade e do bem, que são os valores mais importantes e necessários do homem" (JOÃO PAULO II, Papa, 1986).

O uso de meios de comunicação tão poderosos, hoje à completa disposição do homem, exige de todos os que estão neles envolvidos um alto senso de responsabilidade. Nas palavras da Instrução pastoral de 1971, os meios são 'meios de comunicação inanimados'. Se eles cumprem ou não o escopo pelo qual nos foram dados, depende, em grande parte, da sabedoria e do senso de responsabilidade com o qual se faz uso deles (JOÃO PAULO II, Papa, 1991).

A citação acima faz menção a mensagem do 25º dia mundial das comunicações, onde o Papa traz uma reflexão sobre a finalidade dos meios como satélites, computadores etc. que com o passar do tempo estavam evoluindo com muita velocidade, e apresentava mais uma vez a finalidade desses meios, que era promover uma autêntica proximidade entre as pessoas, destacando a necessidade de serem utilizados com responsabilidade.

Em outras mensagens, ele sempre estava refletindo sobre a importância de uma clareza e consciência reta ao referir-se ao uso de videocassetes e audiocassetes que na época estavam sendo desenvolvidos cada vez mais com alta qualidade, ressaltando que esses e outros meios das tecnologias da comunicação podem ser considerados dons divinos, "mesmo que não possam nunca substituir o

testemunho pessoal que é essencial na proclamação da verdade, na sua integridade" (JOÃO PAULO II, Papa, 1993).

Em 2002, celebrando o 36º aniversário das comunicações sociais, João Paulo II falou sobretudo, do advento da internet, pontuando que ela era um novo foro e um espaço de debates e interações, mantendo seu posicionamento firme de que a internet também era apenas um meio para os fins humanos, meio tal que apesar de ter inclinações para o bem moral, pode facilmente ser desintegrado de sua estrutura para promover ódio, injustiças e mentiras.

Mantendo sempre seu olhar futurista e uma mensagem que se estende a todos os tempos, o Papa alertou sobre como a internet pode contribuir para "a falta do estímulo [do] pensamento e a reflexão mais profundos" (JOÃO PAULO II, Papa, 2002).

Há 20 anos, ele já conseguia enxergar as consequências que o uso indevido da internet poderia gerar na essência e desenvolvimento da pessoa humana, principalmente quando consideramos tudo o que foi abordado sobre o eu interior e exterior da pessoa, principalmente o fato de que nós, enquanto pessoas, conseguimos refletir e contemplar o mundo não a partir do acúmulo de informações, mas através do exercício contínuo e próprio de nossa existência que advém de um movimento de introspecção que nos direciona a penetrar o mais profundo sentido das coisas.

Destaca ainda que pela internet ser um foro onde tudo é aceitável e nada muito duradouro, "[ela] favorece uma forma relativista de pensar e, às vezes, alimenta a fuga da responsabilidade e do compromisso pessoais" (JOÃO PAULO II, Papa, 2002).

O fato de que, através da Internet, as pessoas multiplicam os seus contatos de maneiras até agora impensáveis, oferece maravilhosas oportunidades para a propagação do Evangelho. Todavia, é também verdade que as relações mantidas eletronicamente jamais podem substituir o contacto humano direto, necessário para uma evangelização autêntica. Não há dúvida de que a revolução eletrônica apresenta a promessa de grandes conquistas positivas para o mundo em vias de desenvolvimento; contudo, há também a possibilidade de agravar efectivamente as desigualdades já existentes, na medida em que aumenta o fosso da informação e das comunicações (JOÃO PAULO II, Papa, 2002).

Com essas objeções feitas a respeito do desenvolvimento da internet, percebe-se que João Paulo II tinha consciência clara dos seus benefícios, seja para

a condição de promover a fé e evangelização cristã, mas além disso, de tornar pessoas mais próximas entre si e de criar formas de relacionamento, que são estudadas nos campos de midiatização.

Essa mensagem -que foi uma das últimas proferidas por ele-, também contém um encorajamento para uma participação ativa dos propagadores da verdade e do bem comum nestes meios, para que essas pessoas estejam presentes e determinadas a preservar o direito e a dignidade da pessoa.

Além das mensagens anuais para o dia mundial das comunicações sociais, João Paulo II também redigiu uma instrução pastoral chamada *Aetatis Novae* onde apontou o contexto da revolução da comunicação gerados pelas TICs e principalmente fez orientações práticas para os que atuam na área da comunicação.

De tudo o que foi descrito e pontuado em relação às suas mensagens e cartas que possuem algum tipo de vínculo com o tema da comunicação, percebe-se que de modo geral a preocupação perene do Papa não estava nas evoluções ou fortes progressos e suas potencialidades, mas principalmente voltava suas atenções para o homem, para sua liberdade de expressão e dignidade, que deveriam sempre ser valorizadas nestes - e em qualquer outro - ambiente.

Assim, na análise empírica e na estrutura da consideração de que a comunicação digital é um reflexo da necessidade experiencial da pessoa humana, seguiremos essa mesma premissa que para Wojtyła é fundamental: a pessoa humana.

4 APLICAÇÃO DA EPISTEMOLOGIA WOJTYLINIANA: O *TEAMS* E A EXPERIÊNCIA DO HOMEM GERADA ATRAVÉS DE SUA UTILIZAÇÃO

Este capítulo está dedicado à análise empírica da plataforma *Teams* para considerar a experiência do homem através da utilização dessa plataforma.

Antes de iniciar a análise, ressaltamos que esse capítulo foi desenvolvido tendo em vista a estrutura epistemológica elaborada pelo principal autor que subsidia o presente estudo. Consideramos importante dedicar um capítulo onde fosse possível analisar a experiência do homem seguindo a epistemologia wojtyliana na comunicação digital.

Ao perceber que existem várias experiências diferentes neste grande ambiente - ou nova ambiência proporcionada pela midiatização -, separamos uma plataforma específica para descrever a experiência e assim, tornar mais qualificado o estudo desenvolvido sobre a pessoa humana que está integrada às realidades digitais.

O ponto de partida da análise será a metodologia desenvolvida por Karol Wojtyła, que foi exposta no capítulo 3 sobre a experiência do homem e o formato que ele estruturou, em vista de compreender melhor os aspectos que compõem a experiência da pessoa e a sua ação.

De certa forma, essa análise poderia ser considerada como empírica, pois temos um objeto a ser estudado e seguimos o modelo descritivo. Porém, não será reduzido às características que o autor definiu sobre as restrições do empirismo, onde a experiência é proporcionada apenas através da informação do mundo sensível, mas será desenvolvida assimilando o que foi absorvido da complexa e profunda epistemologia de Wojtyła, que considera a experiência e compreensão as chaves principais desta metodologia.

Feitos esses apontamentos, seguimos para apresentação da estrutura da análise que seguirá com a exposição das principais funcionalidades da plataforma *Teams*, destacando alguns dados de utilização que podem favorecer a construção desta etapa. Depois dessas descrições, vamos apontar a experiência do homem recordando algumas definições importantes da epistemologia wojtyliana e finalizar com as conclusões sobre o que foi extraído desta experiência.

4.1 Aspectos fundamentais da plataforma *Teams* e suas funcionalidades

Apesar de existirem outras plataformas muito similares ao *Teams* que operam com a mesma base fundamental, a escolha dela foi determinada pela alta utilização para fins de participação nas aulas do mestrado e pelas notícias de atualizações que a plataforma será submetida.

O *Teams* é uma plataforma de concentração de funcionalidades para o universo digital da empresa Microsoft, desenvolvido em 2016 para proporcionar "uma experiência totalmente nova que reúne pessoas, conversas e conteúdo – assim como as ferramentas de que as equipes precisam – para facilitar a colaboração e obter melhores resultados" (MICROSOFT, 2016).

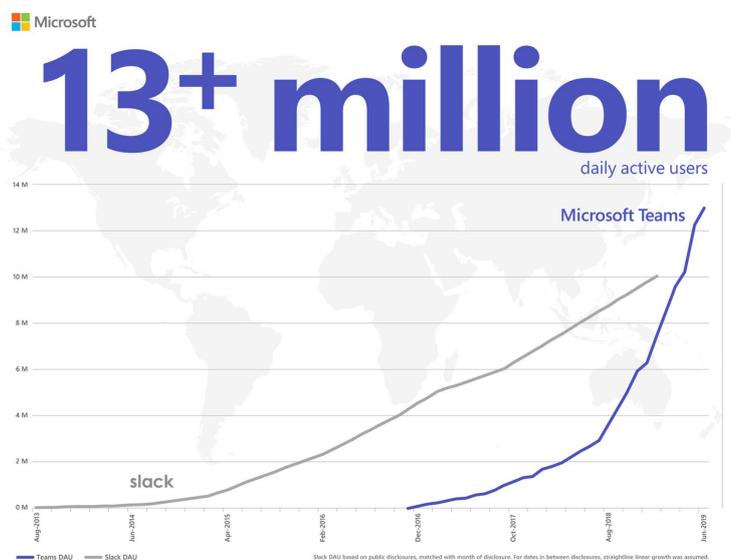
A plataforma fornece uma série de ferramentas para os usuários, disponibilizada para mais de 181 países em 18 idiomas diferentes (MICROSOFT, 2016). Desde 2016, quando foi lançada, foram sendo desenvolvidas outras funcionalidades de melhorias para atender às necessidades e exigências das corporações que optaram por investir neste produto da Microsoft.

A princípio o chat de conversas estava entre as principais funcionalidades oferecidas, onde as equipes criadas podem conversar através da plataforma e manter interações através de mensagens.

Ao longo do tempo, é comum que as plataformas sejam submetidas a atualizações e adotem versões mais personalizadas, com o intuito de melhorar a experiência dos usuários, algo que no *Teams* também aconteceu e que foi visto principalmente na integração de videoconferências que antes eram realizadas com a integração do Skype.

Em 2019, a plataforma já possuía mais de 13 milhões de usuários no mundo todo, mantendo uma constante atualização de seus serviços de chat e interação com membros de equipes, que até o momento era o foco de sua atividade, principalmente para empresas e setores que precisavam de um ambiente compartilhado para mensagens e interações através de chat ou videoconferências.

O seu maior concorrente nesse período era o Slack, plataforma que atuava com funcionalidades semelhantes à plataforma *Teams*. No gráfico disponibilizado pelo site da Microsoft, podemos perceber que houve uma crescente expressiva da utilização do *Teams* em relação ao Slack.

Figura 1 – Comparação entre o *Teams* e o *Slack*

Fonte: Microsoft.com

Esses dados são interessantes para nós pois mostram como o *Teams* - e seus concorrentes diretos e indiretos - ganham cada vez mais espaço para servir como modelo de interação entre as pessoas, pois a informação de que uma plataforma mantinha mais de 13 milhões de usuários revela que já estava sendo estruturada uma alteração na forma de ser e existir no mundo antes mesmo das exigências de distanciamento e isolamento social.

No período do COVID-19 e do isolamento necessário para conter a disseminação do vírus, a plataforma foi sendo cada vez mais utilizada. Segundo o Inforrede.com, o *Teams* chegou a 115 milhões de usuários e em 2021, ano que prosseguia em isolamento social, atingiu mais de 250 milhões de usuários.

É evidente que não podemos descartar a crescente global de plataformas de videoconferências de modo geral como o *Zoom*, *Google Meet* e o próprio *Teams* causadas pelo efeito externo da pandemia que nos exigia distanciamento, mas de toda forma, considerar que as pessoas buscavam esses recursos para continuar com suas atividades profissionais e acadêmicas demonstram que na prática, existia uma necessidade constante de estar em contato com as demais pessoas, mesmo que sendo submetidos por um programa de tecnologia da comunicação.

Compreendendo que apesar das diminuições de restrições que vagarosamente iam sendo permitidas - e quando houve necessidade foram revogadas pelo aumento de novos casos e de toda a situação já amplamente

divulgada referente à situação da necessidade do isolamento social-, as diversas plataformas de interação através de videoconferências identificaram que era preciso manter sua atividade de forma mais acessível e funcional possível.

No decorrer dos anos de 2020, 2021 e ainda em 2022, foram sendo aprimoradas e inseridas funcionalidades de aplicativo para instalar o programa no celular, a possibilidade de editar fundo da videoconferência, compartilhar a tela em modo de apresentação para os demais presentes nas reuniões, legendas de áudio com traduções das reuniões, alteração compartilhada de determinado arquivo apresentado através do SharePoint e mais funcionalidades que podem ser encontradas nas versões atualizadas e serem compreendidas com mais detalhes no site oficial da Microsoft.

De todas essas funcionalidades e atualizações¹, a percepção geral que mantém-se daqueles que fazem uso recorrente da plataforma é que ela possui uma facilidade de utilização no que refere às ferramentas mais utilizadas de modo geral como o envio de link para entrar em uma reunião, a possibilidade de ligar a câmera, ativar o áudio, compartilhar a tela em modo apresentação, gravar a reunião, principalmente quando são atividades realizadas por pessoas com mais proximidade com esse tipo de plataforma no seu cotidiano.

Pode ser que provavelmente as pessoas que nunca haviam mantido contato com essas plataformas encontrem mais dificuldades de acesso, porém, considerando a maioria das pessoas em senso comum, os usuários foram se adaptando e, quando possuíam as condições básicas exigidas para a utilização como conexão à internet e um dispositivo para ingressar na plataforma, conseguiam utilizá-la para seus determinados fins.

De tudo o que foi exposto, destacamos que apesar das liberações de restrições de isolamento, muitas instituições preferiram manter a utilização de tais plataformas como o seu principal ponto de interação, seja para finalidades

¹ Entre as atualizações mais recentes, encontra-se a funcionalidade a inteligência artificial do ChatGPT, que segundo informações divulgadas pela Microsoft, irá possibilitar a geração de notas da reunião de forma automática, destaques e outras projeções feitas pela IA (inteligência artificial), que apesar de ainda não terem sido implementadas até a etapa de construção dessa pesquisa, apontam para uma inovadora funcionalidade proporcionada pelo *teams* num futuro próximo. Mesmo ainda não sendo vigente, a utilização de IA nas reuniões já divide opiniões e certamente será palco para novas discussões sobre os avanços das TICs e possivelmente irá reverberar no contexto da essência da pessoa humana também.

profissionais, para atividades acadêmicas ou outras necessidades que poderiam ser supridas por aquilo que a plataforma pode oferecer.

Assim, considerando as condições de permanência das atividades desenvolvidas através do *Teams*, seguimos para a etapa de estruturação das descrições do que foi experienciado na análise epistemológica seguindo o método wojtyliano.

4.2 A experiência do homem na utilização da plataforma *Teams*

Antes de iniciar as descrições feitas sobre a experiência vivenciada na utilização da plataforma, é importante ressaltar as principais finalidades de uma equipe ou pessoas ao acessar o *Teams*.

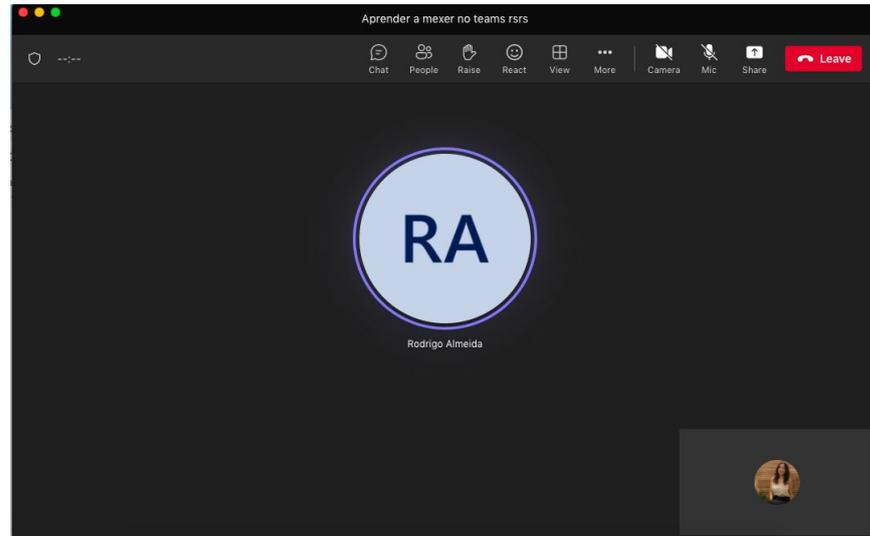
Diferente de outras mídias digitais - Instagram, Youtube, WhatsApp etc. - desenvolvidas na comunicação digital que são canais de interação, mas de forma assíncrona, o *Teams* e as suas principais concorrentes foram desenvolvidas para proporcionar que duas ou mais pessoas possam conversar de forma simultânea através da plataforma.

Difícilmente uma pessoa sozinha entraria na plataforma para usufruir de suas funcionalidades, como acontece em outras plataformas já citadas anteriormente. Com isso, percebe-se que a principal experiência do homem vivida na plataforma é mantida com uma outra pessoa de forma direta e síncrona, informação que será muito importante na descrição da experiência do homem que nos propomos a desenvolver.

Para acessar a plataforma ou determinada reunião, a principal exigência é realizar um cadastro de um e-mail para identificação e, após o primeiro cadastro, será realizado apenas o login na conta para ser autorizada a participação na plataforma.

Depois de clicar no link da reunião recebido pelo anfitrião e efetuar o login, a pessoa é direcionada a um espaço chamado *lobby*, que sugere uma espécie de sala de espera antes de entrar na reunião, uma funcionalidade do *Teams* que é por muitas vezes mantida, mas que também pode ser desativada pelo anfitrião da reunião, que neste caso permite a entrada nas reuniões de forma direta através do link. Ao entrar na tela, para a maioria das pessoas a estrutura da tela é basicamente a que vemos na imagem capturada pela experiência desenvolvida:

Figura 2 – Tela principal da reunião no *Teams*



Fonte: Raissa Lemos Rocha

No que se refere à experiência integral da pessoa e suas principais considerações abordadas no capítulo 3, desenvolvemos um esquema visual que resume tudo o que foi abordado para facilitar a etapa de descrição do que é considerado uma experiência do homem e como ela pode ser integral, para que não seja necessário repetir conceitos já expostos no referido capítulo.

Figura 3 – Esquema da epistemologia wojtyliana



Fonte: Raissa Lemos Rocha

A imagem acima é uma explicação resumida do que é a experiência do homem, que é constituída de aspectos internos e externos, apreendida pela compreensão que irá induzir, ou seja, captar o que foi vivenciado pela experiência e reduzir, isto é, extrair e explicar o que foi vivido em determinada experiência.

Para que exista uma experiência integral da pessoa, considerada um aspecto complementar à transcendência, a pessoa necessita estar inteiramente condicionada à ação que realiza de acordo com as finalidades desta atuação, que só poderá ser proporcionada quando possui a si mesma, situação chamada de autopossessão e que desencadeia a autodeterminação para atuar com a vontade livre.

Assim, quando iniciamos a fase de captação do que foi a experiência vivida através da interação no *Teams*, pensamos primeiramente o que nos motivará a acessar a plataforma, que é primeiramente a relacionalidade com outra pessoa, que envolve o aspecto de atuar "junto com os outros", também explicado no capítulo 3, onde de modo geral torna possível a condição de atuar com os membros da mesma comunidade e que pode ser elevada à compreensão de participação na atuação que desencadeia o bem comum.

A primeira pergunta que moveu o interior da pessoa que estava vivendo determinada experiência para ser possível descrever todo o processo é se através do *Teams* é possível viver uma experiência integral, que foi amplamente pensada e refletida no eu interior e até mesmo externalizada ao compartilhar a questão com outra a pessoa na reunião, seguindo o segundo movimento da experiência do homem.

Diante de todas as reflexões e atuações para responder de forma binária ao questionamento da possibilidade de uma experiência integral, a conclusão chegada é a de que não seria possível atingir esse nível, pois existem fatores de desintegração inseridos nesta atuação da pessoa.

Observando elementos presentes na questão objetiva-externa, onde a pessoa, capaz de viver no subjetivo-interior as aplicações da experiência do *Teams*, notamos que a questão objetiva está corrompida e limitada em dois aspectos: os fatores físicos e sensíveis da pessoa, que na plataforma só pode transmitir a visão e fala e também no que se refere à finalidade da atuação, pois conforme dito

anteriormente, o *Teams*, objetivamente é uma plataforma de interações síncronas, de atuação "junto com os outros", mas não pode promover uma experiência integral por ter a participação comprometida sob as condições que acabamos de expor.

Essa constatação nos direcionou a um outro questionamento sobre a possibilidade da interação através das outras plataformas que não têm a finalidade de atuar "junto com os outros" de forma síncrona promover ou não a experiência integral.

Apesar de não terem sido analisadas com profundidade, pensamos que em outras plataformas como o Youtube, por exemplo, existe uma diferença substancial na finalidade e no modo como são dispostas as interações que não simulam uma proximidade física, mantendo a inserção física e sensorial da pessoa que está atuando de forma concreta no ambiente em que está inserida.

Com sua vontade e outros aspectos da sua subjetividade, quem atua através dessas plataformas que seguem essa dinâmica deseja alcançar o objetivo de ver determinado conteúdo ou compartilhar uma informação, de modo que a interação com o outro sujeito não gera uma simulação desintegradora tal qual acontece no *Teams*, cuja finalidade essencial é promover o encontro simultâneo entre as pessoas.

Considerando essas diferenças de finalidades, surge a reflexão da possibilidade de viver uma experiência integral através de outras plataformas, mas ainda assim existem contradições que podem nos levar a acreditar no contrário.

O que consideramos para essa descrição da impossibilidade de uma experiência integral no *Teams* não foi necessariamente o fato das limitações físicas em si, mas principalmente a apreensão daquilo que é a sua finalidade de promover encontros e uma atuação com os demais, algo que fica reduzido e comprometido pela desintegração da pessoa em aspectos sensoriais e por isso, não poderiam ser vivenciadas experiências integrais nesta plataforma.

Contudo, não podemos negar que existe a experiência do homem na atuação através do *Teams* e ela será descrita seguindo a epistemologia wojtyliana, que nos proporciona a junção dos aspectos subjetivos e objetivos de forma inseparável e que podem ser encontrados neste tipo de experiência.

A experiência do homem, como vista anteriormente, é tudo aquilo que a pessoa pode vivenciar de forma primária que possui o aspecto do eu interior e exterior simultaneamente, tendo a capacidade de relacionar aquilo que foi

experienciado com a sua compreensão, fazendo o movimento de indução (captar o que foi experienciado) e redução (extrair e explorar o vivenciado).

Na experiência vivenciada, busquei eleger um momento onde estava atuando através de plataformas de videoconferência como na banca de qualificação do mestrado, onde encontramos o aspecto interior e subjetivo, que foi proporcionado pela junção do que foi gerado na personalidade: a alegria de ser aprovada, a relevância que o tema da dissertação possui na minha história pessoal, a sensação de uma etapa concluída, a real percepção de que estou agindo conforme seus próprios valores quando elejo tratar sobre o personalismo de Wojtyla e outros contribuintes para a vivência subjetiva da experiência do eu.

É importante dizer que na experiência exterior, os aspectos principais foram a questão objetiva, no evento da banca de qualificação, por exemplo, são encontradas no resultado positivo da aprovação, nas palavras do orientador e dos participantes da banca dirigidas ao projeto, no ambiente físico em que estava, na data e horário elegidos e em todas as outras condições proporcionadas fora do eu interior para vivenciar tal experiência.

Aqui aproveitamos para destacar que a experiência do homem aconteceu de fato e que o objetivo da reunião definido como aprovar ou reprovar o projeto foi atingido, mas ainda sobre a finalidade da plataforma que é gerar uma proximidade entre as pessoas objetivamente estava desintegrada pela ausência dos demais sentidos e participação limitada, que já foi apontada como a não realização de uma experiência integral.

Assim, destacamos que seguindo a epistemologia do Wojtyla para analisar a vivência das experiências nos ambientes de comunicação digital e compreendê-las pode ser um método que apresenta efeitos interessantes na pessoa que atua e que possui a si mesma e na atuação com os outros.

Depois da descrição da experiência, partimos para a última etapa da pesquisa, que será determinada a analisar se de fato a comunicação digital é o reflexo da necessidade experiencial da pessoa sob a perspectiva do personalismo de Karol Wojtyla.

5 A ANTROPOLOGIA PERSONALISTA DE KAROL WOJTYLA E A COMUNICAÇÃO DIGITAL

O presente capítulo contará com a resposta e apontamentos que nos levam a considerar o desenvolvimento da sociedade midiaticizada em fase de comunicação digital como reflexo da necessidade experiencial da pessoa humana segundo a perspectiva da antropologia personalista de Karol Wojtyla.

Aqui destacamos a ambiguidade da utilização do termo pessoa, onde ao mesmo tempo em que pode ser entendido como um único ser humano, também envolve toda a humanidade e a sua essência, dinâmica que facilita a exposição do que será proposto para descrição da forma de ser da pessoa, que em via dupla é uma só e toda a humanidade concomitantemente, fugindo assim das restrições que cercam apenas um determinado agrupamento pessoas ou determinada comunidade.

É importante reforçar que o estudo da comunicação digital partiu principalmente da compreensão de Gomes (2016, 2017 e 2022) e suas contribuições para os estudos de midiatização, conceito que está relacionado em uma macroestrutura que engloba os aspectos coletivos da construção social em estado de midiatização.

Em um artigo escrito em 2019 contendo reflexões sobre o texto de Winfried Schulz de 2017 que apontavam para o fim da midiatização, Gomes (2019) aborda alguns dos principais desafios de uma sociedade midiaticizada, com conceitos e argumentações sobre as controvérsias do que foi exposto pelo citado autor.

Neste texto, Gomes (2019) também faz considerações sobre a atividade do pesquisador, que deve tender a ultrapassar os limites causados por perspectivas individualistas, pois a midiatização é considerada um "agregado formado pelas ações, atitudes ligadas às pessoas e veículos particulares" (GOMES, 2019, p. 5).

A problemática da midiatização da sociedade, além do compartilhamento de metodologias e conceitos entre as diversas ciências, exige uma aproximação distinta. A situação atual não mais permite uma contemplação externa, com conceitos adrede formulados. Ao contrário, o pesquisador que objetiva interpretar o momento presente deve deixar-se tocar e desafiar na explicitação de metodologias que emergem do próprio objeto (GOMES, 2019, p. 7).

Essa arguição sobre a impossibilidade de uma exploração externalizada e periférica apontada por Gomes (2019) nos direciona a olhar para os desafios da

sociedade midiaticizada além do superficial, ciente das incertezas que nos cercam, mas sobretudo, dispostos a explorar o desconhecido baseados no que foi disponibilizado através de autores que conseguiram perscrutar os estudos em ciências da midiatização na contemporaneidade - como o próprio Pedro Gilberto Gomes, Elson Faxina, Antônio Fausto Neto, Muniz Sodré, José Luiz Braga e outros autores relevantes de nossos tempos.

Apropriando-nos da provocação contida no texto sobre a instância interpretativa que deve ser estruturada pelos pesquisadores da comunicação, observar essa evolução das mídias como um reflexo da necessidade experiencial da pessoa humana nos direciona para possibilidades que poderão adequar-se às urgências do tempo atual, onde "os dispositivos tecnológicos são apenas uma mínima parcela, a ponta do iceberg, de um novo mundo, configurado pelo processo de midiatização da sociedade" (GOMES, 2019, p. 7).

A interpretação que nos cabe é seguir um modelo conscientes do salto qualitativo de nossa sociedade, da gradual transformação dessa nova ambiência, baseados em uma observação sistêmica e de totalidade, considerando as transformações do trajeto que parte dos meios à midiatização, direcionados assim para algo novo. (GOMES, 2017).

Com essas considerações sobre o atual cenário da comunicação conforme afirma Gomes no que foi apresentado acima e em outras fases deste projeto, a sugestão desta construção é entender este processo de transição seguindo as orientações que não se limitam a uma observação parciaisada, mas que abrange a sociedade que está imersa e presente neste cenário novo que está sendo estruturado sob a condição da pessoa humana.

Para relacionar a comunicação digital com a necessidade de a pessoa viver experiências seguindo personalismo de Wojtyla, vamos partir da ideia das plataformas digitais, apontando o que consideramos pertinente à sua estrutura de modo geral, subsidiados pela concepção de Gomes de que elas são apenas uma parcela da sociedade em midiatização (GOMES, 2019).

Em relação aos meios de comunicação expostos em linha do tempo e até as plataformas desenvolvidas pela evolução das TICs, compreendemos que em casos tanto das mídias em cenário de mediação como de plataformas, elas em certo sentido tornam-se obsoletas quando não estão inseridas na realidade da pessoa.

Podemos confirmar essa percepção nas mídias de comunicação que com o tempo deixaram de compor o cenário social e foram dando espaço a novos aparelhos como o telefone fixo sendo substituído por celulares, onde a finalidade de ambos é basicamente a mesma, mas o último possui funcionalidades muito mais completas que atendem às necessidades da pessoa e por isso pode se tornar a opção mais adequada para o senso comum.

Das plataformas de interação inseridas na sociedade midiaticizada, muitas delas foram sendo utilizadas e ganhando popularidade entre os usuários, mas que na forte concorrência do mercado da tecnologia, acabaram caindo em desuso. Um exemplo disso é o Orkut, que chegou a ter milhares de usuários cadastrados e depois de um tempo, provavelmente ocasionados pela chegada do Facebook e outras plataformas mais qualificadas, acabou também sendo inserida nesta esfera da inutilidade.

No caso do Orkut, a falta de usuários desencadeou o encerramento de suas atividades, exemplo que nos leva a entender como as plataformas e os meios analógicos de comunicação são mantidos principalmente ativos quando possuem a atuação de um agente primordial: a pessoa.

Assim, a relação entre as pessoas e a comunicação digital pode ser entendida com a constatação de que esta última só atinge sua realização quando mantém as atividades adequadas aos interesses e necessidades da humanidade.

Tal afirmação não exclui a importância e os efeitos que a comunicação gerou e está gerando ativamente na sociedade, proporcionando evoluções e melhores condições inclusive para a vida humana, mas ela só se realiza quando está unida à pessoa, não necessariamente na lógica da mediação que não se adequa a este formato de nova ambiência, mas sendo melhorada e participando (não como os humanos) do que está sendo construído na transformação social contemporânea.

Dito isso, percebemos que a comunicação digital é o reflexo da necessidade experiencial da pessoa porque a sua finalidade é justamente proporcionar novas experiências ao ser humano, ou seja, seu desenvolvimento de modo geral não tem finalidade senão a promoção de experiências próprias da pessoa vivenciadas de forma mais qualitativa e melhor desenvolvida.

5.1 A importância da comunicação digital para o desenvolvimento humano

Mesmo percebendo que a comunicação digital tem a sua finalidade na pessoa e que só nela se realiza, não podemos excluir o fato de que ela é muito importante e participante desse cenário midiático, isto é, existe uma dualidade entre a pessoa e a comunicação digital, pois as mídias e os demais componentes desta transformação social se desenvolvem com a finalidade da pessoa e esta, por sua vez, usufrui das funcionalidades e novas formas de atuação que as mídias proporcionam.

Quando observamos o salto quântico que a sociedade foi direcionada com a evolução das mídias digitais, percebemos que elas viabilizaram o que em vários aspectos era muito dificultoso ou era mantido um funcionamento inferior ao que possuímos hoje. Um exemplo é a diferença do alcance do jornal impresso para o digital, que hoje existe uma difusão muito mais ampla do que o alcance do impresso, que estava limitado a ser enviado às localidades específicas onde possuíam toda uma estrutura para executar essa atividade.

Percebemos que a lógica e a finalidade de comunicar uma notícia e informar aos cidadãos como no jornal ainda é mantida, mas agora em uma escala muito maior, possibilitando que as pessoas interajam com as notícias e sejam elas mesmas a compartilhar os fatos interessantes, desfazendo o monopólio de uma ou algumas empresas.

Não podemos ignorar as consequências dessa alteração qualitativa, que dependendo da perspectiva são consideradas negativas e outras positivas, mas por ainda não terem sido apurados fatos confiáveis a respeito de tais consequências e por este não ser o foco desta exposição, pensamos que inserir as posições opostas que consideram os malefícios e benefícios da comunicação digital não irá agregar valor ao estudo, principalmente por ainda ser muito recente a sua estrutura e pelas incertezas existentes em ambos posicionamentos.

O que nos é válido apontar é que a qualidade do que antes era possível por meios analógicos está cada vez mais apontando para uma atualização no digital, com versões que possibilitam mais conectividade e proximidade entre os distantes (mesmo que de forma diferente do que o presencial), o que geram novas experiências do homem, que deve buscar recursos para tornar a sociedade midiática um ambiente saudável, digno e justo para a humanidade.

Aqui, percebemos que a antropologia de Wojtyla e as suas reflexões sobre as comunicações sociais nos ajudam a entender que a pessoa - tanto um único ser como a humanidade em si - possui capacidades próprias para, movidos pelo bem comum, tornar possível o que as plataformas apenas contribuem de forma importante e necessária. Assim, seguimos a premissa de que o ser humano é o único capaz de fazer com que esta nova ambiência, ainda desconhecida por nós, seja um ambiente de desenvolvimento pessoal e em comunidade.

Chegamos a essa constatação porque consideramos sob a ótica wojtylinana que a ação revela a pessoa, isto é, os atos são a forma de expressar a sua existência, que promove a integração dos aspectos sensíveis e intelectivos quando age de forma livre, possuindo a si mesmo e determinando sua vontade, o que possibilita que a pessoa, novamente em sentido ambíguo unitário e global, é capaz de transformar o cenário onde está inserida para proporcionar uma vivência integral do que deseja para si e aos outros.

Sabemos que existem outros fatores que tornam a comunicação digital mais atual e desenvolvida como as questões econômicas, cenário político, as próprias exigências do mercado de tecnologia onde estão a todo tempo buscando formas de trazer inovações, mas por seguir o personalismo de Wojtyla, consideramos que essas condições são importantes, porém, a pessoa humana deve ser a finalidade de tudo o que os avanços técnicos podem proporcionar.

A participação com os demais, não apenas como membros de uma comunidade, mas como próximos, definições já descritas no subcapítulo 3.2.5 nos mostram que é possível, mesmo caminhando em um cenário distinto e desconhecido de tudo o que já foi visto, proporcionar uma autêntica realização da pessoa na sociedade midiaticizada.

Com essas considerações, nos perguntamos se a nova ambiência destacada por Gomes pode abarcar o personalismo de Wojtyla, o que exigirá um retorno a alguns conceitos para unir as duas teorias de forma coerente e fazendo os encaminhamentos necessários.

Wojtyla (2018) diz que a pessoa se comunica com os outros seres por meio de sua interioridade, capacidade própria do homem que pode estar em contato com o mundo objetivo não apenas de modo físico ou sensorial, mas também em seu mundo interior, além de ter a possibilidade de refletir sobre o que está vivenciando.

Essa integração do mundo objetivo externo e subjetivo interno nos condiciona a pensar que a nova ambiência desencadeada pela midiatização de certa forma materializa o que a pessoa pode viver a partir de seus aspectos e estrutura, isto é, quando observamos as transformações sociais desencadeadas pela midiatização de modo a proporcionar a vivência de experiências que o homem antes não tinha acesso, vemos que todo esse avanço é ocasionado pela necessidade experiencial da pessoa (WOJTYLA, 2011).

Antes mesmo deste salto qualitativo da sociedade ocasionado pela midiatização, a humanidade já vivenciava experiências próprias de sua natureza e que até hoje são válidas e essenciais para manifestar a existência da pessoa, mas o que a comunicação digital está possibilitando com suas características são novas formas de atuação do homem, além de poder experienciar o que até o tempo presente não tinha possibilidade.

Por considerarmos a experiência um processo vivencial e primário (WOJTYLA, 2011) pelo qual nos relacionamos com o mundo, é conveniente que aconteçam as transformações sociais que nos impulsionam e fazem com que possamos experienciar novas situações através dos aparelhos inovadores e sistemas tecnológicos que participam da nossa atuação e que possuem um papel fundamental.

O que podemos sinalizar ainda para reforçar que a comunicação digital reflete a necessidade experiencial da pessoa é que a interação a partir desses meios não acontece da mesma forma como ocorre com os *mass media*, homogênea e impessoal, mas existe uma certa pessoalidade ao experienciar o contato e interação com outras pessoas em redes sociais, pois é possível interagir com os outros através de comentários ou mensagens diretas, por exemplo, e assim vivenciar uma experiência do homem de forma diferente.

Por isso, percebemos que a nova ambiência ainda em estágio de desenvolvimento pode estar relacionada com o personalismo de Wojtyla (2011), onde este dará algumas indicações importantes sobre a urgência em manter os aspectos da dignidade e valor do homem considerando que a sua existência será manifestada através desta integração objetiva externa com os sistemas e plataformas de interação, sem deixar de considerar o fator importante da interioridade subjetiva do homem, que revela a si mesmo a partir de sua atuação.

Essa dinâmica própria do homem mantém-se através da comunicação digital e poderá colaborar para que este salto qualitativo social que estamos vivendo na contemporaneidade possa ser experienciado de forma integral e proporcionando ainda mais novas formas da pessoa atuar.

6 CONCLUSÃO

Para este encerramento, consideramos que é importante resgatar tudo o que foi exposto anteriormente de forma resumida e dentro do contexto proposto para a construção do estudo, para assim indicar o que as contribuições do pensamento wojtyliano podem agregar a esta nova ambiência em que estamos inseridos.

Dos objetivos específicos, a fundamentação teórica abordou o conceito de midiatização sob as considerações do principal autor escolhido para esta fase, além de resgatar durante algumas exposições o que é a midiatização e seu processo de transformação social.

Outro ponto determinado para essa etapa foi a compreensão da perspectiva ontológica de Wojtyła, que também foi amplamente apresentada e que em resumo, mantém a junção de aspectos objetivos e subjetivos da pessoa e a considera em sua integralidade e dignidade.

Os outros objetivos específicos de relacionar a comunicação digital e a necessidade experiencial da pessoa, além de identificar a importância da comunicação digital para o desenvolvimento humano foram apresentadas no último capítulo, relacionando a nova ambiência com o personalismo wojtyliano.

A justificativa do que foi apresentado foi determinada pela conscientização dos efeitos transformadores causados pela midiatização sob a perspectiva da pessoa e de sua estrutura pessoal, o que durante a produção mostrou-se como um tema que reúne as esferas das ciências humanas na comunicação e na filosofia, pois o que foi compreendido no processo de construção é que essa aproximação das duas áreas do conhecimento poderia resultar em um estudo mais consistente e qualificado.

Sobre a fundamentação teórica, já ressaltamos que os principais autores e utilizados para a definição de comunicação digital (fase da transformação da sociedade midiatizada) foi do autor Pedro Gilberto Gomes, inserindo as contribuições de José Luiz Braga e da Lúcia Santaella no que se refere à cultura digital e suas construções. Como o próprio tema expõe e pela facilidade de encontrar durante toda a dissertação, o autor Karol Wojtyła e seu pensamento personalista foram a base principal escolhida para a execução.

O estudo iniciou com uma detalhada linha do tempo da evolução dos meios, realizada por perceber que assim como o conceito de midiatização, não chegamos a

este estágio de comunicação de forma abrupta e repentina, mas progressivamente, de modo que as mediações foram desencadeando a mídiatização, conforme explica Gomes (2017).

Depois desta etapa, percebemos a necessidade de fazer uma síntese crítica da teoria ator-rede muito utilizada nos estudos acadêmicos da comunicação, pois apesar de sua pertinência com a questão das controvérsias e tudo o que foi considerado relevante da teoria, a sua estrutura diverge em vários pontos do personalismo wojtyliano, principalmente na consideração de agentes humanos e não humanos atuarem na mesma hierarquia de valores.

Para dar continuidade ao que foi proposto, fizemos uma descrição da vida e pensamento de Karol Wojtyła, separando os principais conceitos do que seria importante para contribuir com a ideia de a comunicação digital ser um reflexo da necessidade experiencial da pessoa, indicando o que já era precisamente idealizado da riqueza e qualidade de seus escritos que podem ser um direcionamento interessante nesta nova ambiência.

Considerando o desenvolvimento de uma epistemologia própria de Wojtyła, fizemos uma descrição da utilização da plataforma *Teams* seguindo os conceitos já apresentados por ele e descrevendo a experiência produzida através desta vivência e atuação.

Na etapa final, fizemos alguns apontamentos relacionando à nova ambiência com o personalismo wojtyliano, considerando que os avanços dos meios e depois da mídiatização em estágio de comunicação digital têm a finalidade de proporcionar ao homem experiências novas, que são vivenciadas a partir da dinâmica objetiva e subjetiva da pessoa.

Com tudo o que podemos observar dessa construção, percebemos que o personalismo de Wojtyła tal como seu pensamento e biografia podem nos ajudar a indicar que a nova ambiência da contemporaneidade pode ser experienciada com a consciência da riqueza e valor da pessoa, sem depreciar o que as tecnologias de comunicação e informação nos proporcionam por não ser mais possível considerá-las como meros meios, mas participantes necessários para a interatividade entre os seres humanos.

A ética apresentada por Wojtyła nos mostra que a atuação do homem só constrói a pessoa ao passo que for realizada de forma ética, pois quando a ação não

está pautada pela norma ética adequada, ela levará a pessoa à frustração (SILVA, 2022).

Por essa razão é que o homem, sob a perspectiva do personalismo wojtyliano, ao interagir com os demais através das facilidades digitais, deve interrogar a si mesmo e refletir se "este progresso, de que é autor o homem, torna de fato a vida humana sobre a terra, em todos os seus aspectos, «mais humana»? Torna-a mais «digna do homem»?" (JOÃO PAULO II, Papa, 1979).

Consideramos que trazer esses questionamentos pode fazer com que a nova ambiência seja um espaço que reconhece o valor da vida humana e possibilita que as experiências geradas através da comunicação digital sejam de fato uma revelação da pessoa, para desta forma alcançar o objetivo da comunicação destacado por Wojtyla que "tem a tarefa de unir as pessoas e de enriquecer a sua vida, e não de as isolar e explorar" (JOÃO PAULO II, Papa, 1998).

Neste sentido, tendo em vista os recentes efeitos da comunicação digital cada vez mais polarizada e inserida em nossa sociedade, de modo a transformar a maneira como interagimos com os demais e por possibilitar uma junção entre o mundo online e o virtual, observando também a estrutura das grandes organizações que potencializam o rompimento das duas realidades e tornam a nova ambiência mais dinâmica e em certo sentido complexa e controversa, parece-nos importante destacar paralelamente o que Wojtyla discorre sobre a atividade humana.

Em um dos escritos de Wojtyla direcionado para profissionais artistas em 1962, encontramos algo que reforça o que ele considera como essencial e primário na execução das habilidades da pessoa, onde nos aponta que "[...] precisamos admitir que o maior de todos os talentos que possuímos é o talento da nossa própria humanidade" (WOJTYLA, 2022, p. 31).

Essa expressão nos indica que no pensamento wojtyiano, o valor da pessoa precede as suas habilidades e capacidades de realizar algo externo. É através da subjetividade que a pessoa poderá reconhecer a si mesma como um valor inestimável antes de perceber suas qualidades e habilidades próprias.

Assim, ao unirmos essa realidade da pessoa que tem um valor maior daquilo que sua capacidade lhe possibilita executar com o atual cenário da nova ambiência e da cultura digital, aparentemente este salto qualitativo social considera primordialmente o coletivo, onde as grandes organizações promotoras da cultura digital e que possibilitam a humanidade uma junção entre a realidade virtual e

presencial não são capazes de reconhecer a individualidade e irrepetibilidade da pessoa precedida pelos seus atos, por isso consideramos a nova ambiência complexa e controversa.

O que nos parece mais razoável diante de um cenário passível de tantas transformações e atribuições distintas é que cada vez mais tenhamos a consciência de que estamos diante de algo novo, ou seja, não estamos vivenciando uma realidade já conhecida, mas sim uma alteração social e até mesmo pessoal na nossa forma de viver experiências próprias de nossa natureza.

Todavia, antes da conscientização de que estamos em um ambiente novo e diferente do que nossa história já vivenciou, é necessário fomentar uma consciência capaz de emitir um juízo de valor sobre a própria humanidade, pois “a consciência delibera incessantemente acerca do valor do nosso ser, da nossa pessoa, acerca do bem e do mal” (WOJTYLA, 2022, p. 35).

Isso significa que para sermos capazes de compreender o que acontece neste cenário externo, devemos voltar nossos esforços a compreensão daquilo que somos em essência, do valor pessoal que ultrapassa as capacidades e habilidades de contribuir para a edificação social.

Esse movimento acontece na subjetividade humana, orientando e direcionando a vida e ações da pessoa, e sendo manifestada através das condições externas e objetivas. Entretanto, Wojtyla (2022) destaca que há uma familiaridade com o mundo interior onde estão os pensamentos, atos da vontade, reflexões e a própria individualidade da pessoa, sendo a subjetividade a matéria-prima que forma a consciência e o que mantém a participação dos elementos externos.

Mas embora opere a partir dessa matéria externa, a consciência opera ainda mais com base naquilo que há dentro de nós. Não as condições externas, não as circunstâncias da vida, mas aquilo que trazemos dentro de nós – eis a matéria mais íntima. O que trazemos dentro de nós, aquilo que se encontra em nosso mundo interior – isso é algo com que todos e cada um de nós estamos de alguma maneira familiarizados (WOJTYLA, 2022, p. 35-36).

Aparentemente essa interioridade humana apontada no pensamento wojtyliano como primordial para vivenciar experiências próprias de sua natureza não possui tanta relevância como os aspectos externos da mediação e seu estágio de comunicação digital na sociedade de modo geral, o que é válido diante da

complexidade do que nos é apresentado em novidade, mas que não justifica a possível ausência da consciência interior do nosso valor pessoal.

Assim, seguindo o movimento indicado por Wojtyla de partir da perspectiva interior, é preciso reconhecer que os efeitos deste salto qualitativo gerado pelo fenômeno comunicacional não atingem somente a esfera social, mas também os aspectos pessoais e interiores, isto é, a matéria externa também influencia no modo como vamos formar a consciência de nós mesmos, de quem somos como pessoa.

Esse fato nos encaminha a uma dupla conscientização: a primeira e provavelmente mais fácil de perceber é que não estamos vivendo uma experiência social já conhecida proporcionada pelo fenômeno externo da midiatização, o que torna um desafio apontar possíveis caminhos vivenciados nesta nova ambiência.

A segunda, não obstante a mais necessária quando seguimos o personalismo wojtyliano é a consciência interna, onde buscamos refletir sobre como a midiatização afeta a consciência sobre nós mesmos, sobre quem sou e sobre como irei revelar minha individualidade em um contexto caracterizado pelo ativismo massivo e impessoal.

A proposta dessa conscientização é que a nova ambiência seja um espaço onde o ser humano possa revelar a si mesmo a partir de seus atos e viver experiências adequadas a sua realidade, mas isso se torna mais complicado quando não existe o incentivo da valorização da pessoa além da sua participação social.

Acreditamos que a conscientização dos dois aspectos poderá nos direcionar a olhar para complexidade da midiatização com abertura ao que ela pode colaborar para que o ser humano seja reconhecido a partir de quem ele é, dando o subsídio necessário para que este possa construir e fortalecer o seu aspecto interior mesmo vivendo em um cenário plural e dinâmico como é a nova ambiência.

Desta forma, concluímos que o personalismo de Karol Wojtyla pode ser um caminho que guiará esta etapa da história olhando para a realidade de forma integral, pois a característica de seu pensamento é reunir todos os elementos disponíveis para nossa compreensão e assim sermos capazes de direcionar possíveis caminhos para a construção social e pessoal, onde as realidades – objetiva e subjetiva – não se opõe mutuamente, mas ambas serão modeladas com a finalidade de promover experiências próprias do homem a partir daquilo que lhe é oferecido pelas facilidades digitais da contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

- AIRES, Emanuel Nilo da Silva; BARRETO, Daniel de Oliveira; ALBUQUERQUE, Francisco Deusimar de Andrade. Os pressupostos filosóficos e epistemológicos do personalismo de Karol Wojtyła. In: **II Semana Nacional de Teologia, Filosofia e Estudos de Religião e II Colóquio Filosófico** - MOSSORÓ - RN, 2021. Disponível em: <<https://www.doity.com.br/anais/semana-nacional-teo-filos-e-cr/trabalho/176944>>. Acesso em: 15 jun 2022.
- ALBUQUERQUE, Francisco Deusimar Andrade. A ética personalista de Karol Wojtyła: uma tensão entre Scheler e Kant. **Mimesis**, Bauru, v. 37, n. 1, p. 7-20, 2016. Disponível em: https://secure.unisagrado.edu.br/static/biblioteca/mimesis/mimesis_v37_n1_2016_art_01.pdf. Acesso em: 12 maio 2022.
- ARAÚJO, Ana Paola da Silva Salgado. Da imprensa de Gutenberg aos meios de comunicação de massa: “uma revolução no conhecimento”. **Pantheon**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/1225/1/TCC.pdf>. Acesso em: 18 set. 2022.
- BONIN, J. A. Revisitando os bastidores da pesquisa: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação. In: MALDONADO, E. *et al.* **Metodologias da pesquisa em comunicação**: olhares, trilhas e processos. Porto Alegre: Sulina, 2011. p.19-42.
- BRAGA, José Luiz. Mediatização como processo interacional de referência. In: **Animus**: revista interamericana de comunicação midiática. Vol.5, n.2 (jul-dez/2006). Santa Maria: NedMídia, 2006a. p. 9-35 Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/6693/4050>. Acesso em: 22 set. 2022.
- BRAGA, Camila; SUAREZ, Maribel. Teoria Ator-Rede: novas perspectivas e contribuições para os estudos de consumo. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 218-231, abr./jun. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cebape/a/szP3CWJwXsbQTznN57nXMHn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 jan. 2023.
- BURGOS, Juan Manuel. **Introdução ao personalismo**. São Paulo: Cultor de Livros, 2018.
- BURGOS, Juan Manuel. A epistemologia de Karol Wojtyła: experiência e compreensão. In: ALBUQUERQUE, Francisco D. A; ASSUNÇÃO, Rudy Albino (org). **O amor me explicou todas as coisas**. In: Introdução ao pensamento filosófico de Karol Wojtyła-João Paulo II. Tomo I. Rio Bonito: Benedictus, 2022. p. 73-95.
- CALABRE, Lia. **A era do rádio**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- DAMASCENA, Francisco Agamenilton. Os mestres de seu pensamento. In: ALBUQUERQUE, Francisco D. A; ASSUNÇÃO, Rudy Albino (org). **O amor me explicou todas as coisas**. In: Introdução ao pensamento filosófico de Karol Wojtyła-João Paulo II. Tomo I. Rio Bonito: Benedictus, 2022. p.40.71.

FAXINA, Elson; GOMES, Pedro Gilberto. **Midiatização**: um novo modo de ser e viver em sociedade. São Paulo: Paulinas, 2016.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. Representação e significação nos fenômenos comunicacionais. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense. **Ciber Legenda**. n° 05 Edição especial: 2001. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36784/21359>. Acesso em: 04 set. 2022.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. O objeto da comunicação/a comunicação como objeto. In: HOHLFELT, Antônio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Veiga Vera (org.). Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis: **Vozes**, 2001. 39-60.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. O objeto e a pesquisa em comunicação: uma abordagem relacional. In: MOURA, Cláudia Peixoto de; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação**: metodologia e práticas acadêmicas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. p.153-174.

FONSECA, Ísis B. B. da. A oratória epidítica na Grécia antiga: o Evágoras de Isócrates. **Letras Clássicas**, [S. l.], n. 4, p. 51-61, 2000. DOI: 10.11606/issn.2358-3150.v0i4p51-61. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/letrasclassicas/article/view/73779>. Acesso em: 15 set. 2022.

GERONAZZO, Fernando. São João Paulo II: 100 anos do homem que fez o mundo abrir-se para Deus. **Jornal O São Paulo**. São Paulo, 20 de maio de 2020. Disponível em: <https://osaopaulo.org.br/mundo/sao-joao-paulo-ii-100-anos-do-homem-que-fez-o-mundo-abrir-se-para-deus/>. Acesso em 10 fev 2023.

GOMES, Pedro Gilberto. A midiatização no processo social. In: GOMES, Pedro Gilberto. **Dos meios à midiatização**: um conceito em evolução. São Leopoldo: UNISINOS, 2017. p.65-102.

GOMES, Pedro Gilberto. Conclusão: um novo ponto de partida? In: GOMES, Pedro Gilberto. **Dos meios à midiatização**: um conceito em evolução. São Leopoldo: UNISINOS, 2017. p.154-159.

GOMES, Pedro Gilberto. Midiatização: um conceito, múltiplas vozes. **Revista FAMECOS, Mídia, cultura e tecnologia**. Porto Alegre, v. 23, n. 2, maio, jun, jul e ago de 2016. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/22253/14176> Acesso em: 22 set. 2022.

GOMES, Pedro Gilberto. Entrevista: Pedro Gilberto Gomes. Entrevista concedida a Demétrio de Azeredo Soster. **RIZOMA**. Santa Cruz do Sul, v. 4, n. 2, p. 296, dezembro, 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/312252304_EntrevistaPedro_Gilberto_Gomes. Acesso em 12 mar. 2023.

GOMES, Pedro Gilberto. Fim da mediação ou da midiaticização?. 2019. (referência a ser atualizada).

GONZALES, Z. K.; BAUM, C. Desdobrando a Teoria Ator-Rede: Reagregando o Social no trabalho de Bruno Latour. **Revista Polis e Psique**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 142, 2013. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/PolisePsique/article/view/36550>. Acesso em: 14 fev. 2023.

IGREJA CATÓLICA. Papa (1978-2005: João Paulo II). **Carta encíclica Redemptor Hominis do Sumo Pontífice Papa João Paulo II aos veberáveis irmãos no episcopado, aos sacerdotes e às famílias religiosas, aos filhos e filhas da igreja e a todos os homens de boa vontade no início de seu ministério pontifical**. Roma, 04 mar. 1979. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_04031979_redemptor-hominis.html. Acesso em: 12 mar. 2023.

IGREJA CATÓLICA. Papa (1978-2005: João Paulo II). **Mensagem do Papa João Paulo II para o XIV Dia Mundial das Comunicações Sociais de 1980: Comportamento activo das famílias perante os meios de comunicação social**. Vaticano, 01 maio 1980. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/communications/documents/hf_jp-ii_mes_01051980_world-communications-day.html. Acesso em 12 mar. 2023.

IGREJA CATÓLICA. Papa (1978-2005: João Paulo II). **Mensagem do Papa João Paulo II para o XV Dia Mundial das Comunicações Sociais de 1981: As comunicações sociais a serviço da liberdade responsável do homem**. Vaticano, 10 maio 1981. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/communications/documents/hf_jp-ii_mes_10051981_world-communications-day.html. Acesso em 12 mar. 2023.

IGREJA CATÓLICA. Papa (1978-2005: João Paulo II). **Mensagem do Papa João Paulo II para o XVII Dia Mundial das Comunicações Sociais de 1983: Comunicações Sociais e promoção da paz**. Vaticano, 25 mar. 1983. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/communications/documents/hf_jp-ii_mes_25031983_world-communications-day.html. Acesso em: 12 mar. 2023.

IGREJA CATÓLICA. Papa (1978-2005: João Paulo II). **Mensagem do Papa João Paulo II para o XVIII Dia Mundial das Comunicações Sociais de 1984: As comunicações sociais, instrumento de encontro entre fé e cultura**. Vaticano, 24 maio 1984. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/communications/documents/hf_jp-ii_mes_24051984_world-communications-day.html. Acesso em: 12 mar. 2023.

IGREJA CATÓLICA. Papa (1978-2005: João Paulo II). **Mensagem do Papa João Paulo II para o XX Dia Mundial das Comunicações Sociais de 1986: Comunicações sociais e formação cristã da opinião pública**. Vaticano, 24 jan. 1986. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/communications/documents/hf_jp-ii_mes_24011986_world-communications-day.html. Acesso em: 12 mar. 2023.

IGREJA CATÓLICA. Papa (1978-2005: João Paulo II). **Mensagem do Papa João Paulo II para o XXV Dia Mundial das Comunicações Sociais de 1991: Os meios de comunicação para a unidade e o progresso da família humana.** Vaticano, 24 jan. 1991. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/communications/documents/hf_jp-ii_mes_24011991_world-communications-day.html. Acesso em 12 mar. 2023.

IGREJA CATÓLICA. Papa (1978-2005: João Paulo II). **Mensagem do Papa João Paulo II para o XXVII Dia Mundial das Comunicações Sociais de 1993: Videocassete e audiocassete na formação da cultura e da consciência.** Vaticano, 24 jan. 1993. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/communications/documents/hf_jp-ii_mes_24011993_world-communications-day.html. Acesso em: 12 mar. 2023.

IGREJA CATÓLICA. Papa (1978-2005: João Paulo II). **Mensagem do Papa João Paulo II para o XXXII Dia Mundial das Comunicações Sociais de 1998: Sustentados pelo Espírito, comunicar a esperança.** Vaticano, 24 jan. 1998. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/communications/documents/hf_jp-ii_mes_10051981_world-communications-day.html. Acesso em: 12 mar. 2023.

IGREJA CATÓLICA. Papa (1978-2005: João Paulo II). **Mensagem do Papa João Paulo II para o XXXVI Dia Mundial das Comunicações Sociais de 2002: Internet: um novo foro para a proclamação do Evangelho.** Vaticano, 24 jan. 2002. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/communications/documents/hf_jp-ii_mes_20020122_world-communications-day.html. Acesso em: 12 mar. 2023.

ITACAIÚNAS, Editora. Como funciona uma impressora Gutenberg. Youtube, 2022.

JOÃO PAULO II, **Dom e Mistério.** Por ocasião do 50º aniversário da minha ordenação sacerdotal. São Paulo: Paulinas, 1996.

JOÃO PAULO II, **Memória e Identidade.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

LABLOY, José. A biografia intelectual de K. Wojtyla-João Paulo II. *In:* ALBUQUERQUE, Francisco D. A; ASSUNÇÃO, Rudy Albino (org). **O amor me explicou todas as coisas.** In: Introdução ao pensamento filosófico de Karol Wojtyla-João Paulo II. Tomo I. Rio Bonito: Benedictus, 2022. p. 17-38.

LEMOS, André. Espaço, Mídia Locativa e Teoria Ator-Rede. **Galáxia**, São Paulo -13-25 de Jun 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/gal/a/LMBJzb6gHBDWdX8PbSZTFWk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 02 fev. 2023.

LEMOS, André. **A tecnologia é um vírus.** Porto Alegre: Editora Sulinas, 2021.

LOPES, Luis Carlos. Representação e significação nos fenômenos comunicacionais. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense. **Ciber Legenda**. n° 05 Edição especial: 2001. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36782/21357>. Acesso em: 04 set. 2022.

MARCONDES Filho, Ciro. **Para entender a comunicação**. São Paulo: Paulus, 2008.

MARCONDES Filho, Ciro. **O princípio da razão durante: o conceito de comunicação e a epistemologia metapórica. Nova Teoria da Comunicação, volume III, tomo V**. São Paulo: Paulus, 2010a.

MARCONDES Filho, Ciro. **O rosto e a máquina. Nova Teoria da Comunicação, volume I**. São Paulo: Paulus, 2013.

MATEUS, Samuel. Introdução à retórica no século XXI. **Labcom.IPF**: Covilhã, 2018. Disponível em: <https://digituma.uma.pt/bitstream/10400.13/1946/1/Introdu%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A0%20ret%C3%B3rica.pdf>. Acesso em: 15 set. 2022.

MAZZALI, Gisele Cristina. RETÓRICA: DE ARISTÓTELES A PERELMAN. **Revista Direitos Fundamentais & Democracia**, [S. l.], v. 4, n. 4, 2008. Disponível em: <https://revistaeletronicardfd.unibrasil.com.br/index.php/rdfd/article/view/158>. Acesso em: 16 set. 2022.

MICROSOFT Teams: o espaço de trabalho baseado em chat no Office 365. **Microsoft**, 2016. Disponível em: <https://www.microsoft.com/pt-br/microsoft-365/blog/2016/11/02/introducing-microsoft-teams-the-chat-based-workspace-in-office-365/#:~:text=O%20Microsoft%20Teams%20tamb%C3%A9m%20foi,contexto%20e%20compartilharem%20com%20a%20outros>. Acesso em 12 mar. 2023.

McLUHAN, Marshall. **A Galáxia de Gutenberg**. São Paulo: CEN, 1977.

McLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem (understanding media)**. São Paulo: Cultrix, 2007.

PERUCH, Thiago. História da Televisão. **Espaço do Conhecimento UFMG**. Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/historia-da-televisao/> Acesso em: 21 set. 2022.

PLATÃO. **Fedro**. Tradução e notas de Pinharanda Gomes. 6ª edição. Lisboa: Guimarães Editores, 2000.

RECUERO, Raquel. Redes Sociais na Internet. **Researchgate**. Porto Alegre, 2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Raquel-Recuero/publication/259328435_Red_Sociais_na_Internet/links/0c96052b036ed28f4d000000/Redes-Sociais-na-Internet.pdf. Acesso em 20 de set 2022.

SALGADO, Tiago Barcelos Pereira. Fundamentos pragmáticos da teoria ator-rede para análise de ações comunicacionais em redes sociais online. Minas Gerais, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-B2QM2U/1/salgado_tiago_tese_finalizada.pdf. Acesso em: 27 jan 2023.

SANTAELLA, Lucia. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. **Revista FAMECOS**, v. 10, n. 22, p. 23-32, 12 abr. 2008. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3229/2493>. Acesso em: 22 set.2022.

SANTAELLA, Lucia. **Cultura e artes do pós-humano**. Paulus: São Paulo, 2003.

SANTAELLA, Lucia. Pós-humano: por quê? **Revista USP**, [S. l.], n. 74, p. 126-137, 2007. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i74p126-137. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13607>. Acesso em: 16 out. 2022.

SCHULZ, Paulo. Quem inventou o telégrafo? Esquerda-direita-direita, direita, esquerda-direita... **Jornal da UNICAMP**. 2019. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/artigos/peter-schulz/quem-inventou-o-telegrafo-esquerda-direita-direita-direita-esquerda-direita#2>. Acesso em: 21 set. 2022.

SILVA, Paulo César da. **Antropologia personalista de Karol Wojtyla**. Aparecida: Ideias e Letras, 2005.

SILVA, Paulo César da. Uma ética fundada na antropologia. *In*: ALBUQUERQUE, Francisco D. A; ASSUNÇÃO, Rudy Albino (org). **O amor me explicou todas as coisas**. Intridução ao pensamento filosófico de Karol Wojtyla-João Paulo II. Tomo I. Rio Bonito: Benedictus, 2022. p. 97-115.

TAVARES, Marcelo de Barros. O caráter educativo da práxis de Relações Públicas: uma leitura humanista da atividade. Programa de Pós-Graduação em Comunicação. PUCRS. **Repositório PUCRS**: Porto Alegre 2018. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/12782/1/000489757-Texto%2BCompleto-0.pdf>. Acesso em: 11 set. 2022.

TEAMS bate novo recorde com 250 milhões de usuários em 2021. **Inforrede**. Disponível em: <https://www.inforrede.com.br/teams-bate-novo-recorde-com-250-milhoes-de-usuarios-em-2021/#:~:text=O%20Microsoft%20Teams%2C%20plataforma%20de,os%20115%20milh%C3%B5es%20de%202020>. Acesso em 12 mar. 2023.

WOJTYLA, Karol. **Persona y acción**. Barcelona: Biblioteca Palavra, 2011.

WOJTYLA, Karol. **Amor e responsabilidade**. São Paulo: Cultor de livros, 2016.

WOJTYLA, Karol. **Deus é a Beleza. Um retiro sobre o evangelho e a arte**. Brasil: Centro de estudos Imago Dei, 2022.